UNE ✦ SACRA

Clássicos Cristãos

O Peregrino

✦ ✦ ✦

John Bunyan

Tradução (edição 1.2)

Créditos

Autor	John Bunyan
Data	1678
Idioma original	Inglês
Versão	Tradução (edição 1.2)
Tradução	Tradução popular, a partir do original inglês
Fonte	Project Gutenberg
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Alegoria do inglês John Bunyan (1628–1688), pregador batista, começada na prisão de Bedford, onde ele passou doze anos por pregar sem licença.

A primeira parte, publicada em 1678, é contada como um sonho: um homem chamado Cristão, com um fardo nas costas e um livro na mão, foge da Cidade da Destruição e segue o caminho estreito até a Cidade Celestial.

No percurso passa pelo Pântano do Desânimo, pela casa do Intérprete e pela Cruz, onde o fardo cai; luta com o demônio Apolião, atravessa o Vale da Sombra da Morte, é preso na Feira das Vaidades, onde seu companheiro Fiel é morto, e escapa com Esperançoso do Castelo da Dúvida do Gigante Desespero.

Os personagens têm o nome do que representam (Obstinado, Maleável, Sábio-Mundano, Falador, Ignorância). Durante séculos foi, depois da Bíblia, o livro mais lido no mundo de língua inglesa, e foi traduzido para mais de cem línguas.

Esta é a primeira parte, completa em si; Bunyan escreveu em 1684 uma segunda, sobre a viagem da esposa de Cristão.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/131

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

A defesa do autor em favor de seu livro

Parte 1

Parte 2

Parte 3

Parte 4

Parte 5

Parte 6

Parte 7

Parte 8

Parte 9

Parte 10

Parte 11

Parte 12

Parte 13

Parte 14

Parte 15

A Conclusão

A DEFESA DO AUTOR EM FAVOR DE SEU LIVRO

✦

1 Quando pela primeira vez tomei a pena na mão
Para escrever assim, eu não imaginava
Que acabaria fazendo um pequeno livro
Dessa maneira; não, eu havia começado
A fazer outro; e, quando estava quase pronto,
Antes que eu percebesse, comecei este.

2 E foi assim: enquanto eu escrevia sobre o caminho
E a corrida dos santos, nestes nossos dias do evangelho,
De repente me vi fazendo uma alegoria
Sobre sua jornada e o caminho para a glória,
Em mais de vinte coisas que pus no papel.
Feito isso, mais vinte me vieram à cabeça;
E elas, por sua vez, começaram a se multiplicar,
Como faíscas que saltam das brasas do fogo.

3 Então pensei: se vocês se multiplicam tão depressa,
Vou colocá-las à parte, para que no fim
Não acabem se estendendo ao infinito e devorando
O livro de que já estou cuidando.

4 Pois bem, assim fiz; mas ainda não pensava
Em mostrar ao mundo inteiro minha pena e minha tinta
Dessa maneira; eu só pensava em fazer

Nem eu sabia o quê; tampouco me propus
Com isso agradar ao meu próximo: não, de modo algum;
Fiz isso para meu próprio prazer.

5 Também só dediquei as horas livres
A estes meus rabiscos; e minha intenção
Era apenas me distrair, fazendo isso,
De pensamentos piores, que me levam a agir mal.

6 Assim, com prazer, pus a pena no papel,
E logo tive meus pensamentos em preto e branco.
Pois, tendo agora achado a ponta do meu método,
Quanto mais eu puxava, mais vinha; e assim fui pondo
Tudo no papel, até que por fim alcançou,
Em comprimento e largura, o tamanho que vocês veem.

7 Pois bem, depois de juntar assim minhas pontas,
Mostrei-as a outros, para ver se
Eles as condenariam ou as aprovariam:
Uns disseram: Que vivam; outros: Que morram;
Uns disseram: JOÃO, imprima; outros disseram: Não;
Uns disseram: Poderia fazer bem; outros disseram: Não.

8 Fiquei então num impasse, sem saber
Qual seria a melhor coisa a fazer:
Por fim pensei: Já que vocês estão tão divididos,
Vou imprimi-lo; e assim decidi a questão.

9 Pois, pensei eu, vejo que alguns querem que isso seja feito,
Embora outros não sigam a mesma corrente:
Para provar, então, quem deu o melhor conselho,
Achei por bem pôr isso à prova.

10 Pensei ainda: se agora eu me recusasse
A satisfazer assim aqueles que o desejam,
Talvez eu acabasse privando-os
Daquilo que lhes daria grande prazer.

11 Quanto aos que eram contra sua publicação,
Eu lhes disse: Não desejo ofendê-los,
Mas, já que seus irmãos gostam dele,
Esperem para julgar até que vejam mais.

12 Se você não quiser ler, deixe-o de lado;
Uns gostam da carne, outros gostam de roer o osso.
Sim, para melhor acalmá-los,
Também argumentei com eles assim:—

13 Não posso escrever num estilo como este?
E também com este método, sem deixar de alcançar
Meu objetivo — o seu bem? Por que isso não seria possível?
Nuvens escuras trazem água quando as claras nada trazem.
Sim, escuras ou claras, se suas gotas de prata
Fazem cair, a terra, ao produzir colheitas,
Louva ambas e não critica nenhuma,
Mas guarda os frutos que juntas produzem;
Sim, mistura tanto as duas que, em seus frutos,

Ninguém distingue uma da outra: ambas lhe fazem
Bem quando tem fome; mas, se está cheia,
Vomita as duas e anula suas bênçãos.

14 Você vê os meios que o pescador emprega
Para pegar o peixe; que instrumentos ele faz!
Veja como ele empenha toda a sua inteligência;
Também suas armadilhas, linhas, varas, anzóis e redes;
Mas há peixes que nem anzol, nem linha,
Nem armadilha, nem rede, nem instrumento podem lhe dar:
É preciso procurá-los às apalpadelas e também fazer-lhes cócegas,
Ou não serão apanhados, faça você o que fizer.

15 Como o caçador de aves procura apanhar sua caça
Por tantos meios! Não se pode nomear todos:
Suas armas, suas redes, seus ramos com visgo, sua luz e seu sino:
Ele se arrasta, anda, fica parado; sim, quem pode descrever
Todas as suas posturas? Mas nenhuma delas
Lhe dará todas as aves que desejar.
Sim, ele precisa tocar e assobiar para pegar esta,
Mas, se fizer isso, deixará escapar aquela.

16 Se uma pérola pode morar na cabeça de um sapo,
E também pode ser encontrada na concha de uma ostra;
Se coisas que nada prometem contêm
Algo melhor que o ouro, quem desprezará,
Tendo alguma noção disso, procurar ali,
Para encontrá-lo? Pois bem, meu pequeno livro,
(Embora não tenha todos esses adornos que poderiam

Fazê-lo agradar a este ou àquele homem)
Não está desprovido de coisas que superam
As que habitam ideias vistosas, mas vazias.

17 'Bem, ainda assim não estou plenamente convencido
De que este seu livro resistirá a um exame rigoroso.'
Ora, qual é o problema? 'É obscuro.' E daí?
'Mas é inventado.' E o que tem isso, pergunto eu?
Alguns homens, com palavras inventadas, tão obscuras quanto as minhas,
Fazem a verdade cintilar e seus raios brilhar.

18 'Mas lhes falta solidez.' Diga, homem, o que pensa.
'Elas afogam os fracos; as metáforas nos deixam cegos.'

19 A solidez, de fato, convém à pena
Daquele que escreve aos homens sobre coisas divinas;
Mas será que necessariamente me falta solidez porque
Falo por metáforas? As leis de Deus,
Suas leis do evangelho, não foram apresentadas nos tempos antigos
Por figuras, sombras e metáforas? Contudo, relutará
Qualquer homem sensato em encontrar defeitos
Nelas, para que não se veja atacando
A mais alta sabedoria. Não, ele antes se curva
E procura descobrir o que, por pinos e laçadas,
Por bezerros e ovelhas, por novilhas e carneiros,
Por aves e ervas, e pelo sangue de cordeiros,
Deus lhe diz; e feliz é aquele
Que encontra a luz e a graça que nelas há.

20 Por conseguinte, não se apresse demais em concluir
Que me falta solidez — que sou grosseiro;
Nem tudo o que parece sólido é sólido;
Não desprezemos tudo o que vem em parábolas;
Para não recebermos levianamente coisas muito nocivas,
E privarmos nossa alma de coisas boas.

21 Minhas palavras obscuras e nebulosas apenas guardam
A verdade, como os cofres guardam o ouro.

22 Os profetas usavam muitas metáforas
Para apresentar a verdade; sim, quem considerar Cristo,
E também seus apóstolos, verá claramente
Que até hoje as verdades se vestem desses mantos.

23 Tenho medo de dizer que a Sagrada Escritura,
Que por seu estilo e expressão supera todo engenho humano,
Está por toda parte tão cheia dessas coisas —
Figuras obscuras, alegorias? Contudo, brotam
Desse mesmo livro aquele esplendor e aqueles raios
De luz que transformam nossas noites mais escuras em dias.

24 Venha, que meu crítico olhe agora para a própria vida
E encontre ali linhas mais obscuras do que quaisquer
Que encontre em meu livro; sim, e que saiba
Que mesmo em suas melhores coisas há linhas piores.

25 Basta que compareçamos diante de homens imparciais,
E, contra uma mísera aposta sua, ouso apostar dez
Que eles entenderão o que quero dizer nestas linhas

Muito melhor que suas mentiras em santuários de prata.
Ora, a verdade, mesmo envolta em panos de bebê, vejo eu,
Instrui o juízo, corrige a mente;
Agrada ao entendimento, faz a vontade
Se submeter; também enche a memória
Com aquilo que agrada à nossa imaginação;
Da mesma forma, tende a acalmar nossas aflições.

26 Sei que Timóteo deve usar palavras sãs
E rejeitar fábulas de velhas;
Mas em parte alguma o sério Paulo lhe proibiu
O uso de parábolas, nas quais estavam escondidos
Aquele ouro, aquelas pérolas e pedras preciosas que
Valia a pena escavar, e com o maior cuidado.

27 Deixe-me acrescentar mais uma palavra. Ó homem de Deus,
Você está ofendido? Gostaria que eu tivesse
Apresentado meu assunto com outra roupagem?
Ou que eu tivesse sido mais explícito em certas coisas?
Deixe-me propor três coisas; depois me submeterei
Aos que são superiores a mim, como convém.

28 1. Não vejo que me seja negado o uso
Deste meu método, desde que eu não abuse
Das palavras, das coisas ou dos leitores; nem seja grosseiro
Ao lidar com figuras ou comparações,
Em sua aplicação; mas, tanto quanto eu puder,
Procure promover a verdade de uma forma ou de outra.
Negado, eu disse? Não, tenho permissão

(E também o exemplo daqueles que
Mais agradaram a Deus, por suas palavras ou ações,
Do que qualquer homem que hoje vive)
Para assim expressar meu pensamento, para assim declarar
A você coisas que são excelentes.

29 2. Vejo que homens (altos como árvores) escrevem
Em forma de diálogo; contudo, ninguém os despreza
Por escreverem assim: de fato, se abusarem
Da verdade, sejam malditos, eles e a arte que usam
Com esse fim; mas deixem a verdade livre
Para lançar suas investidas sobre você e sobre mim,
Da maneira que agradar a Deus; pois quem sabe,
Melhor do que aquele que primeiro nos ensinou a arar,
Guiar nossa mente e nossas penas segundo seu propósito?
E ele faz coisas humildes introduzirem coisas divinas.

30 3. Vejo que a Sagrada Escritura, em muitos lugares,
Se parece com este método, quando as situações
Pedem uma coisa para apresentar outra;
Posso usá-lo, então, sem em nada encobrir
Os raios dourados da verdade; sim, por este método posso
Fazê-la lançar seus raios tão claros como o dia.
E agora, antes de guardar minha pena,
Mostrarei a utilidade do meu livro, e então
Entregarei você e ele àquela Mão
Que derruba os fortes e mantém de pé os fracos.

31 Este livro traça diante dos seus olhos
O homem que busca o prêmio eterno;
Mostra de onde ele vem, para onde vai;
O que deixa de fazer e também o que faz;
Também mostra como ele corre e corre,
Até chegar à porta da glória.

32 Mostra também quem partiu com todo o empenho em busca da vida,
Como se fosse obter a coroa eterna;
Aqui você também pode ver a razão pela qual
Eles perdem seu trabalho e morrem como tolos.

33 Este livro fará de você um viajante,
Se você se deixar guiar por seus conselhos;
Ele o conduzirá à Terra Santa,
Se você compreender suas instruções:
Sim, fará o preguiçoso se tornar ativo;
E também os cegos verem coisas encantadoras.

34 Você procura algo raro e proveitoso?
Gostaria de ver uma verdade dentro de uma fábula?
Você é esquecido? Gostaria de se lembrar
Do dia de Ano-Novo até o último dia de dezembro?
Então leia minhas fantasias; elas grudarão como carrapichos
E poderão consolar os desamparados.

35 Este livro está escrito numa linguagem
Capaz de tocar a mente dos desinteressados:
Parece uma novidade, mas contém

Apenas palavras sãs e sinceras do evangelho.
Gostaria de se distrair da melancolia?
Gostaria de se alegrar e ainda ficar longe da tolice?
Gostaria de ler enigmas e suas explicações?
Ou então mergulhar em sua contemplação?
Você gosta de tirar a carne dos ossos? Ou gostaria de ver
Um homem nas nuvens e ouvi-lo falar com você?
Gostaria de estar num sonho e ainda assim não dormir?
Ou gostaria de rir e chorar num instante?
Gostaria de se perder sem sofrer nenhum mal,
E se encontrar de novo sem nenhum encantamento?
Gostaria de ler sobre si mesmo e ler o que não conhece,
E ainda assim saber se é abençoado ou não,

36 Lendo as mesmas linhas? Ah, então venha cá,
E junte meu livro, sua cabeça e seu coração.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE I

✦

1 Enquanto eu caminhava pelo deserto deste mundo, cheguei a um lugar onde havia uma Caverna e ali me deitei para dormir; e, enquanto dormia, tive um sonho. Sonhei e vi um homem vestido de trapos, parado em certo lugar, de costas para sua própria casa, com um livro na mão e um grande fardo nas costas. Olhei e o vi abrir o livro e ler; e, enquanto lia, chorava e tremia; e, já não conseguindo se conter, soltou um grito de lamentação, dizendo: "O que devo fazer?"

2 Nesse estado, ele foi para casa e se conteve o máximo que pôde, para que sua esposa e seus filhos não percebessem sua aflição; mas não conseguiu ficar calado por muito tempo, porque sua angústia aumentava.

2.2 Por isso, finalmente abriu o coração à esposa e aos filhos, e começou a lhes falar assim: Minha querida esposa, disse ele, e vocês, filhos da minha própria carne, eu, seu querido amigo, estou arruinado por dentro por causa de um fardo que pesa muito sobre mim; além disso, fui informado com certeza de que esta nossa cidade será queimada com fogo do céu; nessa terrível destruição, tanto eu como você, minha esposa, e vocês, meus queridos filhinhos, pereceremos miseravelmente, a menos que se encontre algum meio de escapar pelo qual possamos ser salvos, embora eu ainda não veja nenhum.

2.3 Seus familiares ficaram muito espantados com isso; não porque acreditassem que o que ele lhes dissera fosse verdade, mas porque pensavam que algum acesso de loucura lhe havia subido à cabeça. Assim, como a

noite se aproximava e eles esperavam que o sono lhe acalmasse a mente, trataram de colocá-lo na cama o mais depressa possível.

2.4 Mas a noite foi tão angustiante para ele quanto o dia; por isso, em vez de dormir, passou-a entre suspiros e lágrimas. Quando amanheceu, quiseram saber como ele estava. Ele lhes respondeu: Cada vez pior. Também começou a lhes falar novamente, mas eles começaram a endurecer o coração.

2.5 Pensaram ainda em afastar sua perturbação tratando-o com dureza e grosseria; às vezes zombavam dele, às vezes o repreendiam e às vezes o ignoravam por completo.

2.6 Por isso, ele começou a se recolher ao seu quarto para orar por eles e se compadecer deles, e também para lamentar sua própria miséria; caminhava ainda sozinho pelos campos, às vezes lendo, às vezes orando; e assim passou seus dias durante algum tempo.

3 Então vi, certa vez, enquanto ele caminhava pelos campos, que estava, como de costume, lendo seu livro, com a mente muito angustiada; e, enquanto lia, começou a gritar, como fizera antes: "O que devo fazer para ser salvo?"

4 Vi também que ele olhava para um lado e para o outro, como se fosse correr; contudo, permanecia parado porque, pelo que percebi, não sabia para onde ir. Olhei então e vi um homem chamado Evangelista se aproximar dele e perguntar: Por que você está gritando?

5 Ele respondeu: Senhor, percebo pelo livro que tenho na mão que estou condenado a morrer e, depois disso, a comparecer ao julgamento; e vejo que não estou disposto a enfrentar a primeira coisa nem sou capaz de enfrentar a segunda.

6 Então Evangelista disse: Por que você não está disposto a morrer, já que esta vida é acompanhada de tantos males? O homem respondeu: Porque temo que este fardo nas minhas costas me faça afundar para além da sepultura, e eu caia em Tofete. E, senhor, se não estou preparado para ir à prisão, certamente não estou preparado para ir a julgamento e, de lá, à execução; e pensar nessas coisas me faz gritar.

7 Então Evangelista disse: Se essa é a sua condição, por que continua parado? Ele respondeu: Porque não sei para onde ir. Então Evangelista lhe deu um rolo de pergaminho, no qual estava escrito: Fuja da ira que virá.

8 O homem leu e, olhando com muita atenção para Evangelista, disse: Para onde devo fugir? Então Evangelista, apontando com o dedo para o outro lado de um campo muito extenso, disse: Você vê aquela pequena porta ao longe? O homem disse: Não. Então o outro perguntou: Você vê aquela luz brilhante ao longe? Ele disse: Acho que sim. Então Evangelista disse: Mantenha os olhos naquela luz e siga diretamente até ela; assim você verá a porta; quando bater nela, lhe dirão o que deve fazer.

9 Então vi em meu sonho que o homem começou a correr.

10 Ele ainda não havia corrido para muito longe da porta de sua casa quando sua esposa e seus filhos, percebendo isso, começaram a gritar para que voltasse; mas o homem tapou os ouvidos com os dedos e continuou correndo, gritando: Vida! Vida! Vida eterna! Assim, não olhou para trás, mas fugiu em direção ao meio da planície.

11 Os vizinhos também saíram para vê-lo correr; e, enquanto ele corria, alguns zombavam, outros o ameaçavam e alguns gritavam para que voltasse; entre os que faziam isso, havia dois que resolveram trazê-lo de volta à força.

Um se chamava Obstinado, e o outro, Flexível.

11.2 A essa altura, o homem já estava a uma boa distância deles; mesmo assim, estavam decididos a persegui-lo, e foi o que fizeram, alcançando-o em pouco tempo. Então o homem disse: Vizinhos, por que vieram? Eles responderam: Para convencer você a voltar conosco.

11.3 Mas ele disse: Isso não pode acontecer de modo algum; vocês moram, disse ele, na Cidade da Destruição, onde eu também nasci; vejo que ela é mesmo assim; e, se morrerem lá, mais cedo ou mais tarde afundarão para além da sepultura, num lugar que arde com fogo e enxofre. Aceitem, bons vizinhos, e venham comigo.

12 OBST. O quê! disse Obstinado. E deixar para trás nossos amigos e nossos confortos?

13 CRISTÃO. Sim, disse Cristão, pois esse era seu nome, porque TUDO o que vocês deixarem para trás não se compara nem a uma pequena parte daquilo que procuro desfrutar; e, se vierem comigo e perseverarem, terão a mesma sorte que eu; pois lá, para onde vou, há o bastante e de sobra. Venham e comprovem minhas palavras.

14 OBST. Que coisas você procura, para abandonar o mundo inteiro a fim de encontrá-las?

15 CRISTÃO. Procuro uma herança incorruptível, sem mancha e que não perde seu esplendor, guardada no céu, em segurança, para ser concedida, no tempo determinado, àqueles que a procuram com dedicação. Se quiserem, leiam isso no meu livro.

16 OBST. Ora! disse Obstinado. Largue esse seu livro; você vai voltar conosco ou não?

17 CRISTÃO. Não, eu não, disse o outro, porque já pus a mão no arado.

18 OBST. Então venha, vizinho Flexível, vamos voltar para casa sem ele; há um bando desses tolos de cabeça perturbada que, quando metem uma ideia na cabeça, se julgam mais sábios do que sete homens capazes de dar uma resposta sensata.

19 FLEX. Então Flexível disse: Não o insulte; se o que o bom Cristão diz é verdade, as coisas que ele busca são melhores do que as nossas; meu coração se inclina a ir com meu vizinho.

20 OBST. O quê! Mais tolos ainda! Siga meu conselho e volte; quem sabe aonde um sujeito de mente doente como esse vai levar você? Volte, volte e tenha juízo.

21 CRISTÃO. Não, Flexível, venha com seu vizinho; é possível obter aquelas coisas de que falei, e muitas outras ainda mais gloriosas. Se não acredita em mim, leia aqui neste livro; e, quanto à verdade do que está escrito nele, veja: tudo é confirmado pelo sangue Daquele que o fez.

22 FLEX. Bem, vizinho Obstinado, disse Flexível, estou começando a me decidir; pretendo acompanhar este bom homem e compartilhar seu destino. Mas, meu bom companheiro, você conhece o caminho para esse lugar tão desejado?

23 CRISTÃO. Um homem chamado Evangelista me orientou a me apressar até uma pequena porta que está adiante de nós, onde receberemos instruções sobre o caminho.

24 FLEX. Venha, então, bom vizinho, vamos seguir. E os dois foram juntos.

25 OBST. E eu voltarei para minha casa, disse Obstinado; não farei companhia a sujeitos tão iludidos e cheios de fantasias.

26 Então vi em meu sonho que, depois que Obstinado voltou, Cristão e Flexível seguiram conversando pela planície; e assim começaram sua conversa.

27 CRISTÃO. Então, vizinho Flexível, como vai? Fico feliz que tenha se convencido a vir comigo. Se até o próprio Obstinado tivesse sentido o que senti dos poderes e terrores daquilo que ainda não se vê, não teria nos dado as costas com tanta facilidade.

28 FLEX. Vamos, vizinho Cristão, já que estamos só nós dois aqui, conte-me mais sobre as coisas que há no lugar para onde vamos e como poderemos desfrutá-las.

29 CRISTÃO. Consigo imaginá-las melhor com a mente do que expressá-las com a língua. As coisas de Deus são indescritíveis; mas, já que você deseja saber, vou ler sobre elas no meu livro.

30 FLEX. E você acha que as palavras do seu livro são realmente verdadeiras?

31 CRISTÃO. Sim, com certeza; pois ele foi feito por Aquele que não pode mentir.

32 FLEX. Muito bem; que coisas são essas?

33 CRISTÃO. Há um reino sem fim para habitarmos, e uma vida eterna que nos será dada, para que possamos habitar nesse reino para sempre.

34 FLEX. Muito bem; e o que mais?

35 CRISTÃO. Há coroas e glória que nos serão dadas, e vestes que nos farão brilhar como o sol no firmamento do céu.

36 FLEX. Isso é muito agradável; e o que mais?

37 CRISTÃO. Não haverá mais choro nem tristeza, pois Aquele que é dono do lugar enxugará todas as lágrimas dos nossos olhos.

38 FLEX. E que companhia teremos lá?

39 CRISTÃO. Lá estaremos com serafins e querubins, criaturas que deslumbrarão seus olhos quando você olhar para elas. Lá também você encontrará milhares e dezenas de milhares que foram para aquele lugar antes de nós; nenhum deles faz mal, mas todos são amorosos e santos; cada um vive à vista de Deus e permanece em sua presença, aceito para sempre.

39.2 Em poucas palavras, lá veremos os anciãos com suas coroas de ouro, lá veremos as santas virgens com suas harpas de ouro, lá veremos homens que o mundo despedaçou, queimou nas chamas, entregou às feras para serem devorados e afogou nos mares, por causa do amor que tinham pelo Senhor daquele lugar, todos bem e revestidos de imortalidade como de uma roupa.

40 FLEX. Só de ouvir isso o coração fica arrebatado. Mas é possível desfrutar dessas coisas? Como poderemos ter parte nelas?

41 CRISTÃO. O Senhor, o Governante daquela terra, registrou isso neste livro; em essência, ele diz que, se realmente quisermos recebê-las, ele as concederá a nós gratuitamente.

42 FLEX. Bem, meu bom companheiro, fico feliz em ouvir essas coisas; vamos, apressemos o passo.

43 CRISTÃO. Não consigo andar tão depressa quanto gostaria, por causa deste fardo nas minhas costas.

44 Então vi em meu sonho que, assim que terminaram essa conversa, eles se aproximaram de um pântano muito lamacento, que ficava no meio da planície; e, por descuido, os dois caíram subitamente no lodaçal. O nome do pântano era Desânimo. Ali, portanto, ficaram se debatendo por algum tempo, cobertos de lama; e Cristão, por causa do fardo nas costas, começou a afundar no lodo.

45 FLEX. Então Flexível disse: Ah, vizinho Cristão! Onde você está agora?

46 CRISTÃO. Para falar a verdade, disse Cristão, não sei.

47 FLEX. Diante disso, Flexível começou a se irritar e disse com raiva ao companheiro: É essa a felicidade de que você vem me falando todo esse tempo? Se já nos damos tão mal logo na partida, o que podemos esperar daqui até o fim da viagem? Se eu conseguir sair daqui com vida, pode ficar sozinho com essa bela terra. E, dizendo isso, debateu-se desesperadamente uma ou duas vezes e saiu da lama pelo lado do pântano que ficava mais perto de sua casa; então foi embora, e Cristão nunca mais o viu.

48 Assim, Cristão ficou sozinho, debatendo-se no Pântano do Desânimo; mesmo assim, continuou se esforçando para alcançar o lado do pântano que ficava mais longe de sua casa e mais perto da pequena porta; conseguiu chegar lá, mas não pôde sair, por causa do fardo nas costas. Então vi em meu sonho que um homem chamado Auxílio se aproximou dele e perguntou o que ele fazia ali.

49 CRISTÃO. Senhor, disse Cristão, um homem chamado Evangelista me disse que seguisse por este caminho e também me indicou aquela porta, para que eu pudesse escapar da ira que virá; e, enquanto ia para lá, caí aqui.

50 AUX. Mas por que você não procurou os degraus?

51 CRISTÃO. O medo me perseguia tão de perto que fugi pelo caminho mais próximo e caí aqui.

52 AUX. Então ele disse: Dê-me sua mão. E Cristão lhe deu a mão, e ele o puxou para fora, colocou-o em terra firme e lhe disse que seguisse seu caminho.

53 Então me aproximei daquele que o havia tirado dali e disse: Senhor, já que o caminho da Cidade da Destruição até aquela porta passa por este lugar, por que este trecho não é reparado, para que os pobres viajantes possam ir até lá com mais segurança?

53.2 E ele me respondeu: Este pântano lamacento é um lugar que não pode ser reparado; é a baixada para onde escorrem continuamente a escória e a sujeira que acompanham a consciência do pecado, e por isso é chamado Pântano do Desânimo; pois, quando o pecador desperta para sua condição de perdido, surgem em sua alma muitos medos, dúvidas e apreensões desanimadoras, que se juntam e se depositam neste lugar. E essa é a razão do mau estado deste terreno.

54 Não é da vontade do Rei que este lugar continue tão ruim. Seus trabalhadores também, sob a orientação dos inspetores de Sua Majestade, trabalham neste trecho de terra há mais de mil e seiscentos anos, na esperança de que talvez pudesse ser reparado.

54.2 Sim, e pelo que sei, disse ele, aqui foram engolidas pelo menos vinte mil carroçadas, sim, milhões de boas instruções, trazidas em todas as épocas de todas as partes dos domínios do Rei; e os entendidos dizem que são os melhores materiais para tornar firme o terreno deste lugar, caso fosse possível repará-lo; mas ele continua sendo o Pântano do Desânimo, e assim continuará depois de terem feito tudo o que puderem.

55 É verdade que, por ordem do Legislador, foram colocados alguns degraus bons e firmes que atravessam o próprio meio deste pântano; mas, quando este lugar expele muita sujeira, como acontece quando o tempo está para mudar, mal se veem esses degraus; ou, quando se veem, as pessoas, com a cabeça tonta, pisam fora deles e ficam completamente atoladas, embora os degraus estejam ali; mas o terreno é bom depois que se entra pela porta.

56 Então vi em meu sonho que, a essa altura, Flexível já havia voltado para casa, e seus vizinhos vieram visitá-lo; alguns o chamaram de sábio por ter voltado, e outros o chamaram de tolo por ter se arriscado com Cristão; outros ainda zombaram de sua covardia, dizendo: Já que você começou a se aventurar, eu certamente não teria sido tão desprezível a ponto de desistir por causa de algumas dificuldades.

56.2 Assim, Flexível ficou sentado entre eles, envergonhado. Mas, por fim, ganhou mais confiança, e então todos mudaram de conversa e começaram a zombar do pobre Cristão pelas costas. E isso é tudo a respeito de Flexível.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 2

✦

1 Ora, enquanto Cristão caminhava sozinho, avistou ao longe alguém que atravessava o campo para encontrá-lo; e aconteceu de se encontrarem justamente onde seus caminhos se cruzavam. O cavalheiro que o encontrou se chamava Sr. Sábio Mundano e morava na cidade de Política Carnal, uma cidade muito grande e também bem perto daquela de onde Cristão tinha vindo.

1.2 Esse homem, ao encontrar Cristão, já tinha alguma notícia dele — pois a partida de Cristão da Cidade da Destruição havia sido muito comentada, não só na cidade onde ele morava, mas também começava a ser assunto de conversa em outros lugares. Assim, o Sr.

1.3 Sábio Mundano, suspeitando de quem se tratava ao ver seu andar penoso e observar seus suspiros, gemidos e coisas semelhantes, começou a conversar com Cristão desta maneira.

2 MUND. Ora, meu bom homem, para onde vai assim tão carregado?

3 CRISTÃO. Tão carregado, de fato, como jamais esteve qualquer pobre criatura, penso eu! E, quanto à sua pergunta sobre para onde vou, digo-lhe, senhor: vou àquela pequena porta ali à minha frente, pois lá, segundo me informaram, me indicarão um caminho para me livrar deste pesado fardo.

4 MUND. Você tem mulher e filhos?

5 CRISTÃO. Sim; mas estou tão sobrecarregado com este fardo que já não consigo encontrar neles a alegria de antes; parece até que não tenho ninguém.

6 MUND. Você me dará ouvidos se eu lhe der um conselho?

7 CRISTÃO. Se for bom, darei; pois preciso de um bom conselho.

8 MUND. Então eu o aconselharia a se livrar desse fardo o mais depressa possível; pois, até fazer isso, sua mente nunca terá sossego, nem você poderá desfrutar dos benefícios da bênção que Deus lhe concedeu.

9 CRISTÃO. É justamente isso que procuro: livrar-me deste pesado fardo. Mas não consigo tirá-lo sozinho, e não há ninguém em nossa terra que possa tirá-lo dos meus ombros; por isso sigo por este caminho, como lhe disse, para poder me livrar do meu fardo.

10 MUND. Quem mandou você seguir por este caminho para se livrar do seu fardo?

11 CRISTÃO. Um homem que me pareceu uma pessoa muito importante e honrada; seu nome, pelo que me lembro, é Evangelista.

12 MUND. Maldito seja ele por esse conselho! Não há no mundo caminho mais perigoso e penoso do que aquele para o qual ele o encaminhou; e você descobrirá isso se continuar seguindo seu conselho.

12.2 Pelo que percebo, você já passou por alguma coisa, pois vejo em você a lama do Pântano do Desânimo; mas esse pântano é apenas o começo dos sofrimentos que acompanham os que seguem por esse caminho.

12.3 Escute-me, sou mais velho que você: no caminho por onde vai, é provável que encontre cansaço, dor, fome, perigos, nudez, espada, leões, dragões, escuridão e, numa palavra, morte, e sabe-se lá o que mais! Essas coisas são certamente verdadeiras, pois foram confirmadas por muitos testemunhos.

12.4 E por que um homem haveria de se entregar à ruína com tamanha imprudência, dando ouvidos a um desconhecido?

13 CRISTÃO. Ora, senhor, este fardo nas minhas costas é mais terrível para mim do que todas essas coisas que mencionou; na verdade, penso que não me importa o que eu encontre pelo caminho, contanto que também encontre a libertação do meu fardo.

14 MUND. Como foi que você recebeu esse fardo?

15 CRISTÃO. Lendo este livro que tenho na mão.

16 MUND. Foi o que imaginei; e aconteceu com você o mesmo que com outros homens fracos que, ao se meterem com coisas elevadas demais para eles, subitamente caem nas mesmas perturbações que você. Essas perturbações não só tiram dos homens a coragem, como percebo que as suas fizeram com você, mas também os lançam em aventuras desesperadas para obter algo que nem sabem o que é.

17 CRISTÃO. Eu sei o que desejo obter: alívio para o meu pesado fardo.

18 MUND. Mas por que buscar alívio por este caminho, se tantos perigos o acompanham? Ainda mais porque, se você tivesse paciência para me ouvir, eu poderia orientá-lo a conseguir o que deseja sem os perigos a que se exporá neste caminho; sim, e a solução está bem perto. Além disso, acrescento que, em lugar desses perigos, você encontrará muita segurança, amizade e satisfação.

19 CRISTÃO. Por favor, senhor, revele-me esse segredo.

20 MUND. Ora, naquela aldeia ali — a aldeia se chama Moralidade — mora um cavalheiro chamado Legalidade, homem de muito bom senso e excelente reputação, que sabe ajudar os homens a tirar dos ombros fardos como o seu. Sim, que eu saiba, ele já fez muito bem dessa maneira; ademais, sabe curar aqueles que ficam um tanto transtornados da cabeça por causa de seus fardos.

20.2 Como eu disse, você pode ir até ele e receber ajuda imediatamente. A casa dele fica a menos de uma milha daqui; e, se ele próprio não estiver em casa, tem um filho, um belo rapaz chamado Civilidade, que pode fazer isso, por assim dizer, tão bem quanto o próprio velho cavalheiro.

20.3 Lá, eu lhe digo, você poderá se aliviar do seu fardo; e, se não tiver vontade de voltar à sua antiga morada, como de fato eu não lhe aconselharia, poderá mandar buscar sua mulher e seus filhos para ficarem com você nessa aldeia, onde há casas desocupadas neste momento, uma das quais você poderá conseguir por um preço razoável.

20.4 Os mantimentos lá também são baratos e bons; e o que tornará sua vida ainda mais feliz é que, com certeza, você viverá entre vizinhos honestos, com boa reputação e em boas condições.

21 Cristão ficou um tanto indeciso; mas logo concluiu: se for verdade o que este cavalheiro disse, o mais sensato é seguir seu conselho. E então continuou a falar assim.

22 CRISTÃO. Senhor, que caminho devo seguir para chegar à casa desse homem honesto?

23 MUND. Está vendo aquele monte?

24 CRISTÃO. Sim, perfeitamente.

25 MUND. Você deve passar junto daquele monte, e a primeira casa que encontrar é a dele.

26 Assim, Cristão se desviou do seu caminho para ir à casa do Sr. Legalidade em busca de ajuda; mas, quando chegou bem perto do monte, ele lhe pareceu tão alto, e o lado que ficava junto ao caminho se projetava tanto por cima dele, que Cristão teve medo de avançar, receando que o monte caísse sobre sua cabeça. Por isso, ficou parado ali, sem saber o que fazer.

26.2 Além disso, seu fardo agora lhe parecia mais pesado do que quando estava no seu caminho. Também saíam do monte clarões de fogo, que fizeram Cristão temer ser queimado. Ali, portanto, ele suava e tremia de medo.

27 Quando os cristãos aos homens carnais dão ouvidos, Desviam-se do caminho e pagam caro por isso; Pois o mestre Sábio Mundano só pode mostrar A um santo o caminho da escravidão e do pesar.

28 Então ele começou a se arrepender de ter seguido o conselho do Sr. Sábio Mundano. Nesse momento, viu Evangelista vindo ao seu encontro; e, ao vê-lo, começou a corar de vergonha. Evangelista foi se aproximando cada vez mais e, ao chegar junto dele, olhou-o com uma expressão severa e assustadora e começou a falar com Cristão desta maneira.

29 EVANG. O que faz aqui, Cristão? — perguntou ele. Ao ouvir essas palavras, Cristão não soube o que responder; por isso, ficou em silêncio diante dele por um momento. Então Evangelista acrescentou: Você não é o homem que encontrei chorando fora dos muros da Cidade da Destruição?

30 CRISTÃO. Sim, meu caro senhor, sou eu.

31 EVANG. Eu não lhe indiquei o caminho para a pequena porta?

32 CRISTÃO. Sim, meu caro senhor — disse Cristão.

33 EVANG. Como, então, você se desviou tão depressa? Pois agora está fora do caminho.

34 CRISTÃO. Assim que atravessei o Pântano do Desânimo, encontrei um cavalheiro que me convenceu de que, na aldeia ali adiante, eu poderia encontrar um homem que tiraria meu fardo.

35 EVANG. Quem era ele?

36 CRISTÃO. Ele parecia um cavalheiro, falou muito comigo e, por fim, conseguiu me convencer; por isso vim para cá. Mas, quando vi este monte e como ele se projeta sobre o caminho, parei subitamente, com medo de que caísse sobre minha cabeça.

37 EVANG. O que esse cavalheiro lhe disse?

38 CRISTÃO. Ora, ele me perguntou para onde eu ia, e eu lhe disse.

39 EVANG. E o que ele disse depois?

40 CRISTÃO. Ele perguntou se eu tinha família, e eu lhe respondi. Mas, disse eu, estou tão sobrecarregado com o fardo que levo nas costas que já não consigo encontrar neles a alegria de antes.

41 EVANG. E o que ele disse depois?

42 CRISTÃO. Ele me disse que me livrasse depressa do meu fardo; e eu lhe disse que era alívio o que procurava. E acrescentei: por isso vou àquela porta, para receber mais orientações sobre como chegar ao lugar da libertação.

42.2 Então ele disse que me mostraria um caminho melhor e mais curto, que não tivesse tantas dificuldades quanto o caminho, senhor, pelo qual o senhor me mandou seguir. Esse caminho, disse ele, o levará à casa de um cavalheiro que sabe tirar esses fardos. Assim, acreditei nele e saí daquele caminho para entrar neste, na esperança de logo encontrar alívio para o meu fardo.

42.3 Mas, quando cheguei a este lugar e vi as coisas como são, parei por medo do perigo, como já disse; agora, porém, não sei o que fazer.

43 EVANG. Então — disse Evangelista — fique parado um pouco, para que eu lhe mostre as palavras de Deus. Assim, ele ficou parado, tremendo. Então Evangelista disse: "Cuidem para não rejeitar aquele que fala. Pois, se não escaparam os que rejeitaram aquele que falava na terra, muito menos escaparemos nós, se nos afastarmos daquele que fala do céu."

43.2 Disse ainda: "Mas o justo viverá pela fé; e, se alguém recuar, minha alma não terá prazer nele." Também aplicou essas palavras desta maneira: Você é o homem que está correndo para essa miséria; começou a rejeitar o conselho do Altíssimo e a afastar seus pés do caminho da paz, chegando quase a se arriscar à perdição.

44 Então Cristão caiu aos pés dele como morto, clamando: "Ai de mim, pois estou perdido!" Ao ver isso, Evangelista o segurou pela mão direita, dizendo: "Todo tipo de pecado e blasfêmia será perdoado aos homens." "Não seja incrédulo, mas creia." Então Cristão recuperou um pouco as forças e se levantou, tremendo diante de Evangelista como antes.

45 Então Evangelista prosseguiu, dizendo: Preste muita atenção às coisas que vou lhe dizer. Agora lhe mostrarei quem foi que o enganou e também a quem ele o enviou.

45.2 O homem que o encontrou é um tal Sábio Mundano, e com razão tem esse nome; em parte, porque só aprecia a doutrina deste mundo (por isso sempre vai à igreja na cidade de Moralidade); e, em parte, porque prefere essa doutrina, pois é a que melhor o livra da cruz. E, por ter essa disposição carnal, ele procura desviar os meus caminhos, embora sejam retos. Há três coisas no conselho desse homem que você deve abominar por completo.

46 1. Ele ter desviado você do caminho. 2. Ele ter se esforçado para tornar a cruz odiosa para você. E, 3. Ele ter colocado seus pés no caminho que leva ao ministério da morte.

47 Primeiro, você deve abominar o fato de ele ter desviado você do caminho, bem como o seu próprio consentimento nisso; pois isso é rejeitar o conselho de Deus para seguir o conselho de um Sábio Mundano. O Senhor diz: "Esforcem-se para entrar pela porta estreita", a porta à qual eu o enviei; pois "estreita é a porta que leva à vida, e poucos são os que a encontram".

47.2 Dessa pequena porta, e do caminho até ela, esse homem perverso o desviou, levando-o quase à destruição; portanto, odeie o fato de ele ter desviado você do caminho e abomine a si mesmo por ter dado ouvidos a ele.

48 Segundo, você deve abominar o esforço dele para tornar a cruz odiosa para você; pois deve preferi-la "aos tesouros do Egito". Além disso, o Rei da glória lhe disse que aquele que "quiser salvar a sua vida a perderá". E: "Quem vem a mim e não odeia seu pai, sua mãe, sua mulher, seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a própria vida não pode ser meu discípulo."

48.2 Digo, portanto, que, se um homem se esforça para convencer você de que aquilo lhe trará a morte, quando A VERDADE disse que, sem isso, você não pode ter a vida eterna, essa doutrina você deve abominar.

49 Terceiro, você deve odiar o fato de ele ter colocado seus pés no caminho que leva ao ministério da morte. E, para isso, deve considerar a quem ele o enviou e também como essa pessoa era incapaz de libertá-lo do seu fardo.

50 Aquele a quem você foi enviado em busca de alívio, chamado Legalidade, é filho da escrava que agora existe e vive na escravidão com seus filhos; e representa, em sentido misterioso, este monte Sinai, que você temeu que caísse sobre sua cabeça. Ora, se ela e seus filhos vivem na escravidão, como você pode esperar que eles o tornem livre?

50.2 Por conseguinte, esse Legalidade não é capaz de libertar você de seu fardo. Ninguém jamais se livrou de seu fardo por meio dele; e ninguém jamais há de se livrar: vocês não podem ser justificados pelas obras da lei; pois, pelas obras da lei, nenhum ser humano pode se livrar de seu fardo. Portanto, o Sr. Sábio Mundano é um estranho, e o Sr.

50.3 Legalidade é um impostor; e, quanto a seu filho Civilidade, apesar de seus sorrisos afetados, ele não passa de um hipócrita e não pode ajudar você. Acredite em mim: em toda essa conversa que você ouviu desses homens insensatos, não há nada além de um plano para enganar você e lhe tirar a salvação, desviando você do caminho em que eu o havia colocado.

50.4 Depois disso, Evangelista clamou aos céus para que confirmassem o que ele havia dito; e então saíram palavras e fogo da montanha ao pé da qual estava o pobre Cristão, fazendo os pelos de seu corpo se arrepiarem.

50.5 As palavras foram pronunciadas assim: 'Todos os que dependem das obras da lei estão debaixo da maldição; pois está escrito: Maldito todo aquele que não persevera em fazer todas as coisas escritas no livro da lei.'

51 Agora Cristão não esperava nada além da morte e começou a clamar de modo lastimoso, chegando a amaldiçoar o momento em que havia encontrado o Sr. Sábio Mundano. Não parava de se chamar mil vezes de tolo por ter dado ouvidos ao conselho dele; também sentia muita vergonha ao pensar que os argumentos daquele senhor, vindos apenas da carne, tivessem exercido tanta influência sobre ele a ponto de fazê-lo abandonar o caminho certo. Depois disso, voltou a se dirigir a Evangelista, com palavras que expressavam o seguinte:

52 CRISTÃO. Senhor, o que acha? Há esperança? Posso agora voltar e seguir até a porta estreita? Será que, por causa disso, não serei abandonado e mandado de volta dali, envergonhado? Estou arrependido de ter dado ouvidos ao conselho desse homem. Mas será que meu pecado pode ser perdoado?

53 EVANG. Então Evangelista lhe disse: Seu pecado é muito grande, pois com ele você cometeu dois males: abandonou o caminho bom para andar por veredas proibidas. Ainda assim, o homem da porta receberá você, pois tem boa vontade para com os homens.

53.2 Apenas, disse ele, tome cuidado para não se desviar de novo, 'para que você não pereça no caminho, quando a ira dele se acender, ainda que só um pouco'. Então Cristão se preparou para voltar; e Evangelista, depois de beijá-lo, lhe deu um sorriso e desejou que Deus o acompanhasse.

53.3 Assim, ele seguiu com pressa e não falou com ninguém pelo caminho; se alguém lhe perguntava alguma coisa, nem sequer se dispunha a responder. Caminhava como quem, a todo momento, pisava em terreno proi-

bido e não conseguia de modo algum se sentir seguro até estar novamente no caminho que havia deixado para seguir o conselho do Sr. Sábio Mundano.

53.4 Assim, depois de algum tempo, Cristão chegou à porta. Acima dela estava escrito: 'Batam, e a porta lhes será aberta.'

54 "Quem quiser entrar deve primeiro ficar do lado de fora,
Batendo à Porta, e não precisa duvidar,
Quem BATE, de que poderá entrar;
Pois Deus pode amá-lo e seu pecado perdoar."

55 Por isso, ele bateu mais de uma ou duas vezes, dizendo —

56 "Posso agora entrar aqui? Quem está lá dentro
Abrirá para mim, arrependido, embora eu tenha sido
Um rebelde sem merecimento? Então não deixarei
De cantar para sempre seu louvor nas alturas."

57 Por fim, veio à porta uma pessoa de aspecto sério, chamada Boa Vontade, que perguntou quem estava ali, de onde vinha e o que desejava.

58 CRISTÃO. Aqui está um pobre pecador carregado de um fardo. Venho da Cidade da Destruição, mas estou indo ao monte Sião, para ser livrado da ira que está por vir. Portanto, senhor, como fui informado de que o caminho para lá passa por esta porta, gostaria de saber se está disposto a me deixar entrar.

59 BOA VONTADE. Estou disposto de todo o coração, disse ele; e, com isso, abriu a porta.

60 Então, quando Cristão estava entrando, o outro o puxou. Cristão perguntou: O que significa isso? O outro lhe explicou: A pouca distância desta porta, há um castelo forte, cujo comandante é Belzebu; dali, tanto ele como os que estão com ele atiram flechas contra os que se aproximam desta porta, para ver se conseguem matá-los antes que entrem.

61 Então Cristão disse: Eu me alegro e tremo. Depois que ele entrou, o homem da porta perguntou quem o havia orientado a ir até ali.

62 CRISTÃO. Evangelista me mandou vir aqui e bater, como fiz; e disse que o senhor me diria o que devo fazer.

63 BOA VONTADE. Uma porta aberta está diante de você, e ninguém pode fechá-la.

64 CRISTÃO. Agora começo a colher os benefícios dos riscos que corri.

65 BOA VONTADE. Mas como é que você veio sozinho?

66 CRISTÃO. Porque nenhum de meus vizinhos percebeu o perigo que corria, como eu percebi o meu.

67 BOA VONTADE. Algum deles sabia que você estava vindo?

68 CRISTÃO. Sim; minha mulher e meus filhos me viram logo no começo e gritaram atrás de mim para que eu voltasse; também alguns de meus vizinhos ficaram gritando e me chamando para voltar; mas pus os dedos nos ouvidos e segui meu caminho.

69 BOA VONTADE. Mas nenhum deles seguiu você para tentar convencê-lo a voltar?

70 CRISTÃO. Sim, tanto Obstinado como Flexível; mas, quando viram que não conseguiam me convencer, Obstinado voltou me insultando, enquanto Flexível me acompanhou por um trecho do caminho.

71 BOA VONTADE. Mas por que ele não veio até o fim?

72 CRISTÃO. Nós dois viemos juntos até chegarmos ao Pântano do Desânimo, no qual caímos de repente. Então meu vizinho Flexível desanimou e não quis se arriscar a seguir adiante. Por isso, saindo pelo lado mais próximo de sua casa, disse que, por ele, eu podia ficar sozinho com aquela bela terra; assim, ele seguiu seu caminho, e eu segui o meu — ele atrás de Obstinado, e eu até esta porta.

73 BOA VONTADE. Então Boa Vontade disse: Ah, pobre homem! Será que ele dá tão pouco valor à glória celestial que não considera que valha a pena enfrentar os riscos de algumas dificuldades para alcançá-la?

74 CRISTÃO. De fato, disse Cristão, falei a verdade sobre Flexível; e, se também dissesse toda a verdade sobre mim, ficaria claro que não sou melhor do que ele. É verdade que ele voltou para sua casa, mas eu também me desviei para seguir pelo caminho da morte, convencido pelos argumentos carnais de um certo Sr. Sábio Mundano.

75 BOA VONTADE. Ah, então ele encontrou você? O quê! Ele queria que você buscasse alívio nas mãos do Sr. Legalidade. Os dois são grandes impostores. Mas você seguiu o conselho dele?

76 CRISTÃO. Sim, até onde tive coragem; fui procurar o Sr. Legalidade, até achar que a montanha que fica ao lado da casa dele cairia sobre minha cabeça; por isso, fui obrigado a parar ali.

77 BOA VONTADE. Aquela montanha já causou a morte de muitos e ainda causará a morte de muitos outros; foi bom que você tenha escapado de ser despedaçado por ela.

78 CRISTÃO. Pois, de fato, não sei o que teria sido de mim ali se Evangelista não tivesse felizmente me encontrado de novo, enquanto eu estava mergulhado em pensamentos, em meu abatimento; mas foi pela misericórdia de Deus que ele voltou até mim, pois, do contrário, eu nunca teria chegado aqui. Mas agora cheguei, tal como sou, na verdade mais merecedor de morrer sob aquela montanha do que de estar aqui conversando com meu senhor; mas, ah, que favor é este que me fazem, ao ainda me permitirem entrar aqui!

79 BOA VONTADE. Não fazemos objeção a ninguém, apesar de tudo o que tenha feito antes de chegar aqui. De modo algum são expulsos; portanto, bom Cristão, venha um pouco comigo, e eu lhe ensinarei sobre o caminho que deve seguir. Olhe à sua frente; está vendo este caminho estreito? ESSE é o caminho que você deve seguir; ele foi preparado pelos patriarcas, pelos profetas, por Cristo e por seus apóstolos; e é tão reto quanto uma régua pode traçar. Esse é o caminho que você deve seguir.

80 CRISTÃO. Mas, disse Cristão, não há desvios ou curvas pelos quais um desconhecido possa perder o caminho?

81 BOA VONTADE. Sim, há muitos caminhos que desembocam neste, e eles são tortuosos e largos. Mas assim você pode distinguir o certo do errado: só o certo é reto e estreito.

82 Então vi em meu sonho que Cristão ainda lhe perguntou se ele não poderia ajudá-lo a tirar o fardo de suas costas; pois ainda não havia se livrado dele, nem conseguia de modo algum tirá-lo sem ajuda.

83 Ele lhe disse: Quanto ao seu fardo, contente-se em carregá-lo até chegar ao lugar da libertação; pois ali ele cairá sozinho de suas costas.

84 Então Cristão começou a ajustar a roupa à cintura e a se preparar para a viagem. O outro lhe disse que, depois de se afastar um pouco da porta, chegaria à casa do Intérprete, à cuja porta deveria bater, e ele lhe mostraria coisas excelentes. Então Cristão se despediu de seu amigo, que mais uma vez desejou que Deus o acompanhasse.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 3

✦

1 Então ele prosseguiu até chegar à casa do Intérprete, onde bateu repetidas vezes; por fim, alguém veio à porta e perguntou quem estava ali.

2 CRISTÃO. Senhor, aqui está um viajante a quem um conhecido do dono desta casa recomendou que passasse por aqui para seu próprio proveito; por isso, gostaria de falar com o senhor da casa. Então ele chamou o senhor da casa, que, depois de algum tempo, veio até Cristão e lhe perguntou o que desejava.

3 CRISTÃO. Senhor, disse Cristão, sou um homem que veio da Cidade da Destruição e está indo para o monte Sião; e o homem que fica junto ao portão, no começo deste caminho, me disse que, se eu passasse por aqui, o senhor me mostraria coisas excelentes, que me ajudariam em minha viagem.

4 INTÉR. Então o Intérprete disse: Entre; vou lhe mostrar o que será proveitoso para você. Mandou seu criado acender a vela e pediu a Cristão que o seguisse. Levou-o a um aposento reservado e mandou seu criado abrir uma porta.

4.2 Quando ele a abriu, Cristão viu pendurado na parede o retrato de uma pessoa muito séria; e era assim que ela estava representada: tinha os olhos erguidos para o céu, o melhor dos livros na mão, a lei da verdade escrita nos lábios e o mundo às suas costas. Sua postura era a de quem suplicava aos homens, e uma coroa de ouro estava suspensa sobre sua cabeça.

5 CRISTÃO. Então Cristão perguntou: O que isso significa?

6 INTÉR. O homem deste retrato é um entre mil; ele pode gerar filhos, sofrer por eles as dores do parto e cuidar deles pessoalmente depois que nascem. Você o vê com os olhos erguidos para o céu, o melhor dos livros na mão e a lei da verdade escrita nos lábios para mostrar que seu trabalho é conhecer e esclarecer aos pecadores as coisas obscuras; por isso também você o vê na postura de quem suplica aos homens.

6.2 E você vê o mundo como que lançado para trás dele e uma coroa suspensa sobre sua cabeça para mostrar que, por desprezar e rejeitar as coisas presentes, pelo amor que tem ao serviço de seu Mestre, ele certamente receberá a glória como recompensa no mundo que virá.

6.3 Agora, disse o Intérprete, mostrei este retrato primeiro porque o homem nele representado é o único a quem o Senhor do lugar para onde você vai autorizou a ser seu guia em todos os lugares difíceis que encontrar pelo caminho.

6.4 Por conseguinte, preste muita atenção ao que lhe mostrei e guarde bem na memória o que viu, para que, em sua viagem, você não seja enganado por alguns que dizem guiá-lo pelo caminho certo, mas cujo caminho desce para a morte.

7 Então ele o tomou pela mão e o levou a uma sala muito grande, cheia de poeira, porque nunca era varrida. Depois que Cristão a observou por algum tempo, o Intérprete chamou um homem para varrê-la. Assim que ele começou a varrer, a poeira se espalhou em tamanha quantidade que Cristão quase sufocou. Então o Intérprete disse a uma moça que estava por perto: Traga água e borrife a sala. Depois que ela fez isso, a sala foi varrida e limpa com facilidade.

8 CRISTÃO. Então Cristão perguntou: O que isso significa?

9 INTÉR. O Intérprete respondeu: Esta sala é o coração de um homem que nunca foi santificado pela doce graça do evangelho; a poeira é seu pecado original e suas corrupções interiores, que contaminaram o homem inteiro. Aquele que começou a varrer primeiro é a Lei; mas aquela que trouxe a água e a borrifou é o Evangelho.

9.2 Você viu que, assim que o primeiro começou a varrer, a poeira se espalhou de tal maneira que ele não conseguiu limpar a sala, e você quase sufocou com ela. Isso mostra que a lei, em vez de limpar o coração do pecado por sua ação, o desperta, fortalece e aumenta na alma, mesmo ao revelá-lo e proibi-lo, pois ela não dá poder para dominá-lo.

10 Ademais, você viu a moça borrifar a sala com água, depois do que ela foi limpa com facilidade. Isso mostra que, quando o evangelho chega ao coração com suas doces e preciosas influências, então, digo eu, assim como você viu a moça assentar a poeira ao borrifar o chão com água, o pecado é vencido e dominado, e a alma é purificada pela fé no evangelho, tornando-se, assim, uma morada apropriada para o Rei da glória.

11 Vi também, em meu sonho, que o Intérprete o tomou pela mão e o levou a um pequeno aposento, onde estavam sentadas duas crianças, cada uma em sua cadeira. A mais velha se chamava Paixão, e a outra, Paciência. Paixão parecia muito descontente, mas Paciência estava muito tranquila. Então Cristão perguntou: Qual é o motivo do descontentamento de Paixão?

11.2 O Intérprete respondeu: O responsável por elas quer que Paixão espere até o começo do próximo ano para receber suas melhores coisas; mas Paixão quer tudo agora, enquanto Paciência está disposta a esperar.

12 Então vi alguém se aproximar de Paixão, trazer um saco de tesouros e despejá-lo a seus pés. Paixão o recolheu e se alegrou com ele, ao mesmo tempo que ria de Paciência com desprezo. Mas bastou que eu observasse por pouco tempo para que Paixão desperdiçasse tudo e só lhe restassem trapos.

13 CRISTÃO. Então Cristão disse ao Intérprete: Explique isso com mais detalhes.

14 INTÉR. Então ele disse: Estas duas crianças são figuras: Paixão representa os homens deste mundo, e Paciência, os homens do mundo que há de vir. Pois, assim como você vê aqui que Paixão quer tudo agora, neste ano, isto é, neste mundo, assim são os homens deste mundo: precisam ter todas as suas coisas boas agora e não podem esperar até o próximo ano, isto é, até o próximo mundo, para receber sua porção de bem.

14.2 O provérbio 'Mais vale um pássaro na mão do que dois voando' tem mais autoridade para eles do que todos os testemunhos divinos sobre o bem do mundo que há de vir. Mas, assim como você viu que Paixão logo desperdiçou tudo e em pouco tempo só lhe restaram trapos, assim acontecerá com todos esses homens no fim deste mundo.

15 CRISTÃO. Então Cristão disse: Agora vejo que Paciência tem mais sabedoria, e isso por muitos motivos. Primeiro, porque espera pelas melhores coisas. Segundo, porque desfrutará da glória das suas coisas quando a outra só tiver trapos.

16 INTÉR. Sim, e você pode acrescentar mais um motivo: a glória do próximo mundo nunca se desgastará, mas estas coisas logo desaparecem. Por conseguinte, Paixão não tinha tanta razão para rir de Paciência por ter rece-

bido primeiro suas coisas boas quanto Paciência terá para rir de Paixão por ter recebido por último suas melhores coisas.

16.2 Pois o primeiro deve dar lugar ao último, porque o último ainda precisa ter sua vez; mas o último não dá lugar a nada, pois não há outro que venha depois. Assim, quem recebe sua porção primeiro necessariamente terá um tempo para gastá-la; mas quem recebe sua porção por último a terá para sempre.

16.3 Por isso se diz do Rico: "Você recebeu suas coisas boas durante a vida, e Lázaro, da mesma forma, coisas ruins; mas agora ele é consolado, e você é atormentado."

17 CRISTÃO. Então percebo que o melhor é esperar pelas coisas que virão, em vez de cobiçar as coisas de agora.

18 INTÉR. Você diz a verdade: "Pois as coisas que se veem são temporárias, mas as que não se veem são eternas." Mas, embora seja assim, as coisas presentes e nossos desejos carnais são tão próximos uns dos outros, enquanto as coisas futuras e os sentidos carnais são tão estranhos uns aos outros, que os primeiros logo fazem amizade, e os segundos continuam distantes.

19 Então vi em meu sonho que o Intérprete tomou Cristão pela mão e o levou a um lugar onde havia um fogo ardendo junto a uma parede e alguém ao lado dele, lançando sempre muita água sobre o fogo para apagá-lo; mesmo assim, as chamas ficavam cada vez mais altas e quentes.

20 Então Cristão perguntou: O que isso significa?

21 O Intérprete respondeu: Este fogo é a obra da graça realizada no coração; aquele que joga água sobre ele para extingui-lo e apagá-lo é o Diabo. Mas você também verá por que, apesar disso, as chamas ficam cada vez mais al-

tas e quentes. Então ele o levou para o outro lado da parede, onde viu um homem com uma vasilha de óleo na mão, do qual também derramava continuamente no fogo, mas em segredo.

22 Então Cristão perguntou: O que isso significa?

23 O Intérprete respondeu: Este é Cristo, que, com o óleo de sua graça, sustenta continuamente a obra já começada no coração. Por meio disso, apesar de tudo o que o diabo pode fazer, as almas de seu povo continuam sob a ação da graça. E o fato de você ter visto o homem atrás da parede para manter o fogo ensina que é difícil para os que são tentados ver como essa obra da graça é sustentada na alma.

24 Vi também que o Intérprete o tomou de novo pela mão e o levou a um lugar agradável, onde havia um palácio imponente, belo de se ver. Ao vê-lo, Cristão ficou muito encantado. Viu também, no alto do palácio, algumas pessoas andando, todas vestidas de ouro.

25 Então Cristão perguntou: Podemos entrar ali?

26 Então o Intérprete o conduziu até a porta do palácio. E ali, junto à porta, havia um grande grupo de homens que pareciam desejar entrar, mas não se atreviam. A uma pequena distância da porta também estava sentado um homem, junto a uma mesa, com um livro e seu tinteiro à sua frente, para anotar o nome de quem entrasse.

26.2 Cristão viu ainda que, na entrada, havia muitos homens de armadura para guardá-la, decididos a ferir e maltratar, tanto quanto pudessem, os homens que quisessem entrar. Cristão ficou um tanto espantado.

26.3 Por fim, enquanto todos recuavam de medo dos homens armados, Cristão viu um homem de aparência muito corajosa aproximar-se daquele que estava sentado ali para escrever, dizendo: Anote meu nome, senhor. Depois que ele o anotou, Cristão viu o homem sacar a espada, pôr um capacete na cabeça e avançar para a porta contra os homens armados, que o atacaram com força mortal.

26.4 Mas o homem, sem desanimar nem um pouco, começou a golpeá-los e a desferir cortes com grande ferocidade. Assim, depois de receber muitos ferimentos e de causar muitos aos que tentavam impedir sua entrada, abriu caminho pela espada através de todos eles e avançou para dentro do palácio.

26.5 Então se ouviu uma voz agradável vinda dos que estavam lá dentro, dos próprios que andavam no alto do palácio, dizendo:

27 "Entre, entre; a glória eterna você conquistará."

28 Então ele entrou e recebeu roupas iguais às deles. Cristão sorriu e disse: Creio que realmente sei o significado disso.

29 Agora, disse Cristão, deixe-me partir daqui. Não, fique, disse o Intérprete, até que eu lhe mostre um pouco mais; depois disso, você seguirá seu caminho. Então ele o tomou novamente pela mão e o levou a um aposento muito escuro, onde havia um homem sentado numa gaiola de ferro.

30 O homem parecia muito triste; estava sentado com os olhos voltados para o chão e as mãos unidas, e suspirava como se seu coração fosse se partir. Então Cristão perguntou: O que isso significa? Diante disso, o Intérprete lhe disse que conversasse com o homem.

31 Então Cristão perguntou ao homem: Quem é você? O homem respondeu: Sou o que antes não era.

32 CRISTÃO. O que você era antes?

33 HOMEM. O homem disse: Antes eu professava a fé de modo belo e florescente, tanto aos meus próprios olhos quanto aos olhos dos outros. Eu me considerava bem encaminhado para a Cidade Celestial e até me alegrava ao pensar que chegaria lá.

34 CRISTÃO. Bem, mas o que você é agora?

35 HOMEM. Agora sou um homem em desespero, e estou preso nele como nesta gaiola de ferro. Não consigo sair. Ah, agora não consigo!

36 CRISTÃO. Mas como você chegou a essa condição?

37 HOMEM. Deixei de vigiar e de ser sóbrio. Soltei as rédeas dos meus desejos; pequei contra a luz da Palavra e a bondade de Deus; entristeci o Espírito, e ele se foi; tentei o diabo, e ele veio até mim; provoquei a ira de Deus, e ele me abandonou. Endureci tanto meu coração que não consigo me arrepender.

38 Então Cristão perguntou ao Intérprete: Mas não há esperança para um homem como este? Pergunte a ele, disse o Intérprete. Não, senhor, disse Cristão, por favor, pergunte o senhor.

39 INTÉR. Então o Intérprete perguntou: Não há esperança? Você terá de permanecer na gaiola de ferro do desespero?

40 HOMEM. Não, não há esperança alguma.

41 INTÉR. Mas o Filho do Bendito é muito compassivo.

42 HOMEM. Eu o crucifiquei de novo para mim mesmo; desprezei sua pessoa; desprezei sua justiça; considerei "seu sangue uma coisa impura"; ultrajei "o Espírito da graça". Por isso, excluí a mim mesmo de todas as promessas, e agora só me restam ameaças, ameaças terríveis, ameaças assustadoras de um julgamento certo e de uma indignação ardente que me devorará como adversário.

43 INTÉR. Em troca de quê você se colocou nessa condição?

44 HOMEM. Dos desejos, prazeres e ganhos deste mundo, em cujo desfrute eu então prometia a mim mesmo muita satisfação; mas agora cada uma dessas coisas me morde e me rói como um verme em chamas.

45 INTÉR. Mas você não pode agora se arrepender e voltar?

46 HOMEM. Deus me negou o arrependimento. Sua Palavra não me dá incentivo algum para crer; sim, ele mesmo me trancou nesta gaiola de ferro, e nem todos os homens do mundo podem me tirar daqui. Ó eternidade, eternidade! Como enfrentarei a miséria que terei de encontrar na eternidade!

47 INTÉR. Então o Intérprete disse a Cristão: Lembre-se da miséria deste homem e faça dela uma advertência para sempre.

48 CRISTÃO. Bem, disse Cristão, isso é assustador! Que Deus me ajude a vigiar e a ser sóbrio, e a orar para que eu evite a causa da miséria deste homem! Senhor, já não é hora de eu seguir meu caminho?

49 INTÉR. Espere até que eu lhe mostre mais uma coisa, e então você seguirá seu caminho.

50 Então ele tomou Cristão novamente pela mão e o levou a um quarto, onde havia alguém se levantando da cama; enquanto vestia suas roupas, ele se sacudia e tremia. Então Cristão perguntou: Por que este homem treme assim? O Intérprete lhe pediu que contasse a Cristão o motivo.

50.2 Então ele começou a dizer: Esta noite, enquanto eu dormia, sonhei, e eis que os céus ficaram extremamente escuros; também houve trovões e relâmpagos tão assustadores que me deixaram em agonia. Então, em meu sonho, olhei para cima e vi as nuvens se moverem com uma velocidade incomum.

50.3 Nesse momento, ouvi um forte som de trombeta e também vi um homem sentado sobre uma nuvem, acompanhado pelos milhares do céu; todos estavam em fogo ardente, e os céus também estavam em chamas. Então ouvi uma voz dizendo: "Levantem-se, mortos, e venham para o julgamento"; com isso, as rochas se partiram, as sepulturas se abriram, e os mortos que estavam nelas saíram.

50.4 Alguns estavam extremamente alegres e olhavam para cima; outros procuravam se esconder debaixo das montanhas. Então vi o homem que estava sentado sobre a nuvem abrir o livro e mandar o mundo se aproximar. Contudo, por causa de uma chama intensa que saía de diante dele, havia uma distância adequada entre ele e as pessoas, como entre o juiz e os réus diante do tribunal.

50.5 Também ouvi uma ordem ser proclamada aos que acompanhavam o homem sentado sobre a nuvem: Juntem o joio, a palha e os restos da colheita e lancem tudo no lago de fogo. Com isso, o abismo sem fundo se abriu bem perto de onde eu estava; de sua boca saíam fumaça e brasas em grande quantidade, com ruídos horríveis. Também foi dito às mesmas pessoas: "Recolham meu trigo no celeiro."

50.6 Então vi muitos serem arrebatados e levados para as nuvens, mas eu fui deixado para trás. Também procurei me esconder, mas não consegui, pois o homem sentado sobre a nuvem continuava com os olhos fixos em mim; meus pecados também me vieram à mente, e minha consciência me acusava por todos os lados. Nisso, acordei do sono.

51 CRISTÃO. Mas o que fez você ter tanto medo dessa visão?

52 HOMEM. Ora, pensei que o dia do julgamento havia chegado e que eu não estava pronto para ele. Mas o que mais me assustou foi que os anjos recolheram várias pessoas e me deixaram para trás; além disso, o abismo do inferno abriu sua boca bem onde eu estava. Minha consciência também me afligia; e, pelo que me parecia, o Juiz mantinha os olhos fixos em mim, mostrando indignação no rosto.

53 Então o Intérprete perguntou a Cristão: Você refletiu sobre todas essas coisas?

54 CRISTÃO. Sim, e elas me enchem de esperança e de temor.

55 INTÉR. Pois bem, guarde todas essas coisas na memória, para que sejam como um aguilhão em seu lado, impulsionando você a avançar pelo caminho que deve seguir. Então Cristão começou a ajustar o cinto à cintura e a se preparar para a viagem. Então o Intérprete disse: Que o Consolador esteja sempre com você, bom Cristão, para guiá-lo no caminho que leva à Cidade. Assim, Cristão seguiu seu caminho, dizendo:

56 "Aqui vi coisas raras e proveitosas; coisas agradáveis, terríveis, coisas que me tornam firme no que comecei a empreender. Que eu então pense nelas e compreenda por que me foram mostradas, e que eu seja grato a você, ó bom Intérprete."

57 Então vi em meu sonho que a estrada pela qual Cristão devia subir era cercada dos dois lados por um muro, e esse muro se chamava Salvação. Por esse caminho, portanto, Cristão correu com seu fardo, mas com grande dificuldade, por causa da carga em suas costas.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 4

✦

1 Ele correu assim até chegar a um lugar um pouco elevado, onde havia uma cruz e, um pouco abaixo, ao fundo, um sepulcro. Então vi em meu sonho que, assim que Cristão chegou à cruz, seu fardo se soltou dos ombros, caiu de suas costas e começou a rolar, e continuou rolando até chegar à entrada do sepulcro, onde caiu, e não o vi mais.

2 Então Cristão ficou alegre e aliviado e disse, de coração contente: "Ele me deu descanso por seu sofrimento, e vida por sua morte." Depois ficou parado por algum tempo, olhando e admirando; pois lhe causava grande surpresa que a visão da cruz o aliviasse assim de seu fardo.

2.2 Por isso olhou, e tornou a olhar, até que as fontes que havia em sua cabeça fizeram as águas correr por suas faces. Enquanto estava ali, olhando e chorando, eis que três Seres Resplandecentes vieram até ele e o saudaram, dizendo: "A paz esteja com você".

2.3 O primeiro lhe disse: "Seus pecados estão perdoados"; o segundo tirou seus trapos e o vestiu com roupas novas; o terceiro pôs uma marca em sua testa e lhe deu um rolo com um selo, dizendo que o consultasse enquanto corria e que o entregasse na Porta Celestial. Então seguiram seu caminho.

3 "Quem é este? O Peregrino. Como! É bem verdade, As coisas antigas passaram, tudo se tornou novo. Que estranho! É outro homem, dou minha palavra, São belas penas que fazem uma bela ave.

4 Então Cristão deu três saltos de alegria e seguiu cantando—

5 "Até aqui cheguei carregado de meu pecado;
E nada podia aliviar a dor que eu sofria
Até chegar aqui: Que lugar é este!
Será aqui o começo de minha felicidade?
Será aqui que o fardo cairá de minhas costas?
Será aqui que se romperão as cordas que o prendiam a mim?
Bendita cruz! Bendito sepulcro! Bendito seja, acima de tudo,
O Homem que ali foi humilhado por mim!"

6 Vi então em meu sonho que ele continuou assim até chegar a uma baixada, onde viu, um pouco fora do caminho, três homens dormindo profundamente, com grilhões nos tornozelos. O nome de um era Simples, o de outro, Preguiça, e o do terceiro, Presunção.

7 Ao vê-los deitados naquele estado, Cristão se aproximou para ver se conseguia acordá-los e gritou: Vocês são como os que dormem no alto de um mastro, pois o Mar Morto está debaixo de vocês — um abismo sem fundo. Acordem, portanto, e saiam daí; se estiverem dispostos, eu também os ajudarei a tirar os grilhões.

7.2 Também lhes disse: Se aquele que "anda ao redor como um leão que ruge" passar por aqui, vocês certamente se tornarão presa de seus dentes. Então olharam para ele e começaram a responder assim: Simples disse: "Não vejo perigo algum"; Preguiça disse: "Só mais um pouco de sono"; e Presunção disse: "Cada tonel deve se sustentar sobre seu próprio fundo; que outra resposta eu deveria lhe dar?" E assim se deitaram para dormir de novo, e Cristão seguiu seu caminho.

8 Ainda assim, ele se perturbava ao pensar que homens em tamanho perigo dessem tão pouco valor à bondade de quem se oferecera tão espontaneamente para ajudá-los, tanto ao acordá-los e aconselhá-los como ao se oferecer para tirar seus grilhões.

8.2 Enquanto se inquietava com isso, avistou dois homens passando aos trambolhões por cima do muro à esquerda do caminho estreito; e eles se aproximaram depressa. O nome de um era Formalista, e o do outro, Hipocrisia. Assim, como eu disse, chegaram até ele, que começou a conversar com eles desta maneira.

9 CRISTÃO. Senhores, de onde vieram e para onde vão?

10 FORM. e HIP. Nascemos na terra da Vanglória e vamos ao monte Sião em busca de louvor.

11 CRISTÃO. Por que não entraram pela porta que fica no começo do caminho? Não sabem que está escrito que aquele que não entra pela porta, "mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante?"

12 FORM. e HIP. Disseram que todos os seus conterrâneos consideravam que ir até a porta para entrar era dar uma volta grande demais; por isso, costumavam tomar um atalho e passar por cima do muro, como tinham feito.

13 CRISTÃO. Mas violar assim a vontade revelada do Senhor da cidade para onde vamos não será considerado uma transgressão contra ele?

14 FORM. e HIP. Disseram que, quanto a isso, ele não precisava se preocupar; pois o que faziam era amparado pelo costume, e poderiam apresentar, se necessário, testemunhos que comprovassem essa prática havia mais de mil anos.

15 CRISTÃO. Mas, disse Cristão, a prática de vocês resistirá a um julgamento perante a lei?

16 FORM. e HIP. Disseram que um costume tão antigo, com mais de mil anos, certamente já seria aceito como legal por qualquer juiz imparcial; ademais, disseram, se chegamos ao caminho, que importa por onde entramos? Se estamos nele, estamos nele; você, que pelo que vemos entrou pela porta, está apenas no caminho; e nós, que passamos aos trambolhões por cima do muro, também estamos no caminho; em que, então, sua condição é melhor que a nossa?

17 CRISTÃO. Eu ando segundo a regra de meu Mestre; vocês andam seguindo os impulsos grosseiros de suas fantasias. O Senhor do caminho já os considera ladrões; por isso, receio que não sejam considerados homens honestos ao fim do caminho. Vocês entram por conta própria, sem a orientação dele; e sairão por conta própria, sem a misericórdia dele.

18 A isso pouco responderam; apenas lhe disseram que cuidasse de si mesmo. Então vi que seguiram, cada um à sua maneira, sem muita conversa entre si, a não ser que aqueles dois homens disseram a Cristão que, quanto às leis e ordenanças, não duvidavam de que as cumpririam com tanta consciência quanto ele; por isso, disseram, não vemos em que você difere de nós, a não ser pela roupa que traz no corpo, que, segundo pensamos, algum de seus vizinhos lhe deu para esconder a vergonha de sua nudez.

19 CRISTÃO. Vocês não serão salvos por leis e ordenanças, pois não entraram pela porta. Quanto a esta roupa que trago no corpo, foi o Senhor do lugar para onde vou que me deu; e foi, como vocês dizem, para cobrir minha

nudez. Eu a considero um sinal de sua bondade para comigo, pois antes só tinha trapos.

19.2 Além disso, é assim que me consolo enquanto sigo: Certamente, penso eu, quando chegar à porta da cidade, o Senhor dela me reconhecerá e me acolherá, pois trago esta roupa no corpo — uma roupa que ele me deu de graça no dia em que tirou meus trapos.

19.3 Tenho também uma marca na testa, que talvez vocês não tenham notado, e que um dos companheiros mais próximos de meu Senhor pôs ali no dia em que meu fardo caiu dos ombros.

19.4 Também lhes direi que então me deram um rolo selado, para que eu me consolasse com sua leitura enquanto sigo pelo caminho; também me mandaram entregá-lo na Porta Celestial, como sinal de que, depois dele, minha entrada seria certa; receio que todas essas coisas lhes faltem, e lhes faltam porque não entraram pela porta.

20 A essas coisas não deram resposta; apenas olharam um para o outro e riram. Então vi que todos continuaram, mas Cristão se manteve à frente e já não falava senão consigo mesmo, às vezes suspirando, às vezes se consolando; também lia com frequência o rolo que um dos Seres Resplandecentes lhe dera, e com isso renovava suas forças.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 5

✦

1 Vi, então, que todos seguiram até chegar ao pé da Colina Dificuldade, em cuja base havia uma fonte. No mesmo lugar havia também outros dois caminhos, além daquele que vinha direto da porta; um virava à esquerda, e o outro à direita, ao pé da colina; mas o caminho estreito subia direto pela colina, e a subida pela encosta se chama Dificuldade. Cristão foi até a fonte e bebeu de sua água para se refrescar, e então começou a subir a colina, dizendo:

2 "A colina, embora alta, desejo subir,
A dificuldade não me fará desistir;
Pois vejo que o caminho da vida passa aqui.
Vamos, coragem, sem desmaiar nem temer;
Melhor seguir o caminho certo, mesmo difícil,
Do que o errado, mesmo fácil, cujo fim é sofrer."

3 Os outros dois também chegaram ao pé da colina; mas, quando viram que ela era íngreme e alta, e que havia outros dois caminhos por onde seguir, supondo também que esses dois caminhos talvez se encontrassem de novo, do outro lado da colina, com aquele por onde Cristão subia, resolveram seguir por eles. O nome de um desses caminhos era Perigo, e o do outro, Destruição.

3.2 Assim, um tomou o caminho chamado Perigo, que o levou a uma grande floresta, e o outro seguiu diretamente pelo caminho da Destruição, que o levou a um campo vasto, cheio de montanhas escuras, onde tropeçou e caiu, e nunca mais se levantou.

4 "Poderão os que começam mal terminar bem? Terão eles a segurança por amiga? Não, não; partiram de modo obstinado, E por certo acabarão caindo de cabeça."

5 Voltei os olhos, então, para Cristão, para vê-lo subir a colina, e percebi que ele deixou de correr e passou a andar, e depois de andar passou a subir apoiado nas mãos e nos joelhos, por ser o lugar tão íngreme.

5.2 Mais ou menos na metade da subida até o alto da colina havia um agradável caramanchão, feito pelo Senhor da colina para revigorar os viajantes cansados; Cristão chegou até lá e se sentou para descansar. Então tirou do peito seu rolo e leu nele para se consolar; também começou a examinar de novo a túnica, ou veste, que lhe fora dada quando estava junto à cruz.

5.3 Depois de passar algum tempo assim, satisfeito, acabou cochilando e depois caiu num sono profundo, que o reteve naquele lugar até quase anoitecer; e, enquanto dormia, seu rolo caiu de sua mão. Enquanto ele dormia, alguém se aproximou e o acordou, dizendo: Vá ter com a formiga, preguiçoso; observe os seus caminhos e seja sábio.

5.4 Com isso, Cristão se levantou de um salto e se apressou em seguir seu caminho, andando depressa até chegar ao alto da colina.

6 Quando chegou ao alto da colina, dois homens vieram correndo ao seu encontro, com toda a força; um se chamava Medroso, e o outro, Desconfiança. Cristão lhes disse: Senhores, o que aconteceu? Vocês estão correndo na direção errada. Medroso respondeu que estavam indo para a Cidade de Sião e haviam subido aquele lugar difícil; mas, disse ele, quanto mais avançamos, mais perigos encontramos; por isso demos meia-volta e estamos voltando.

7 Sim, disse Desconfiança, pois logo adiante há dois leões no caminho; não sabemos se estão dormindo ou acordados, e só conseguíamos pensar que, se chegássemos ao alcance deles, logo nos despedaçariam.

8 CRISTÃO. Então Cristão disse: Vocês me dão medo, mas para onde fugirei para ficar a salvo? Se eu voltar à minha própria terra, ela está destinada ao fogo e ao enxofre, e certamente morrerei ali. Se eu conseguir chegar à Cidade Celestial, tenho certeza de que estarei seguro lá. Preciso me arriscar.

8.2 Voltar só traz a morte; seguir adiante traz o medo da morte, e a vida eterna além dela. Ainda assim, seguirei em frente. Então Desconfiança e Medroso correram colina abaixo, e Cristão continuou seu caminho. Mas, pensando de novo no que ouvira daqueles homens, procurou no peito seu rolo, para ler nele e se consolar; procurou, porém, e não o encontrou.

8.3 Então Cristão ficou muito angustiado e não sabia o que fazer, pois lhe faltava aquilo que costumava aliviá-lo e que deveria servir de passe para entrar na Cidade Celestial. Por isso, ficou muito perplexo e não sabia o que fazer.

8.4 Por fim, lembrou-se de que havia dormido no caramanchão na encosta da colina; e, caindo de joelhos, pediu a Deus perdão por aquele ato insensato e voltou para procurar seu rolo. Mas quem poderia descrever plenamente a tristeza do coração de Cristão durante todo o caminho de volta?

8.5 Às vezes suspirava, às vezes chorava, e muitas vezes se repreendia por ter sido tão tolo a ponto de adormecer naquele lugar, que fora construído apenas para aliviar um pouco seu cansaço. Assim, voltava olhando atentamente de um lado e de outro por todo o caminho, para ver se por acaso encontrava seu rolo, que tantas vezes o consolara na jornada.

8.6 Foi assim até avistar de novo o caramanchão onde se sentara e dormira; mas aquela visão renovou ainda mais sua tristeza, trazendo de novo à sua mente o mal que fizera ao dormir. Assim, continuou lamentando seu sono pecaminoso, dizendo: Ó miserável homem que sou, por dormir durante o dia! Por dormir em meio à dificuldade!

8.7 Por satisfazer tanto a carne, usando para o conforto dela aquele descanso que o Senhor da colina construiu apenas para revigorar o espírito dos peregrinos!

9 Quantos passos dei em vão! Assim aconteceu com Israel, por causa do seu pecado; foram mandados de volta pelo caminho do Mar Vermelho; e eu sou obrigado a percorrer com tristeza aqueles passos que poderia ter percorrido com alegria, se não fosse por esse sono pecaminoso. Quanto eu já poderia ter avançado em meu caminho a esta altura!

9.2 Sou obrigado a percorrer três vezes os mesmos passos que só precisava percorrer uma vez; sim, agora também é provável que a noite me alcance, pois o dia está quase no fim. Ah, se eu não tivesse dormido!

10 A essa altura, ele havia chegado de novo ao caramanchão, onde se sentou por algum tempo e chorou; mas, por fim, como Cristão desejava, ao olhar tristemente para debaixo do banco, avistou seu rolo; tremendo e com pressa, apanhou-o e o guardou no peito. Mas quem pode dizer como esse homem ficou alegre ao recuperar seu rolo!

10.2 Pois esse rolo era a garantia de sua vida e de sua aceitação no porto desejado. Por isso, guardou-o no peito, deu graças a Deus por dirigir seu olhar ao lugar onde ele estava e, com alegria e lágrimas, retomou a jornada. Mas, ah, com que agilidade ele agora subia o restante da colina!

10.3 Porém, antes de chegar ao alto, o sol se pôs sobre Cristão; e isso o fez lembrar de novo a insensatez de ter dormido; assim, começou outra vez a lamentar sua situação: Ó sono pecaminoso! Por sua causa, a noite está prestes a me alcançar na jornada!

10.4 Terei de andar sem o sol; a escuridão cobrirá o caminho dos meus pés; e terei de ouvir o ruído das criaturas queixosas, por causa do meu sono pecaminoso. Agora também se lembrou do que Desconfiança e Medroso lhe haviam contado: como ficaram assustados ao ver os leões.

10.5 Então Cristão disse de novo a si mesmo: Essas feras andam à noite em busca de suas presas; e, se me encontrarem no escuro, como poderei me desviar delas? Como escaparei de ser despedaçado por elas? Assim seguiu seu caminho.

10.6 Mas, enquanto lamentava dessa maneira seu infeliz erro, levantou os olhos e viu diante de si um palácio muito imponente, cujo nome era Belo; ele ficava bem à beira da estrada.

11 Então vi em meu sonho que ele se apressou e seguiu em frente, para ver se conseguia hospedagem ali. Antes de avançar muito, entrou numa passagem muito estreita, a cerca de um estádio da guarita do porteiro; e, olhando com muita atenção à sua frente enquanto caminhava, avistou dois leões no caminho. Agora, pensou ele, vejo os perigos que fizeram Desconfiança e Medroso voltar.

11.2 (Os leões estavam acorrentados, mas ele não via as correntes.) Então teve medo e também pensou em voltar atrás deles, pois achava que só a morte o esperava adiante. Mas o porteiro da guarita, cujo nome é Vigilante, percebendo que Cristão havia parado como se fosse voltar, gritou para ele, dizendo: Sua força é tão pequena?

11.3 Não tema os leões, pois estão acorrentados e foram colocados aí para provar a fé de quem a tem e revelar aqueles que não têm nenhuma. Mantenha-se no meio do caminho, e nenhum mal lhe acontecerá.

12 "A Dificuldade ficou para trás, o Medo está adiante,
Embora tenha subido a colina, os leões rugem;
Um homem cristão nunca fica tranquilo por muito tempo,
Quando um susto passa, outro o toma."

13 Então vi que ele seguiu em frente, tremendo de medo dos leões, mas prestando muita atenção às orientações do porteiro; ouviu os rugidos deles, mas eles não lhe fizeram mal algum. Então bateu palmas e continuou até chegar diante do portão onde estava o porteiro. Cristão disse ao porteiro: Senhor, que casa é esta? Posso me hospedar aqui esta noite?

13.2 O porteiro respondeu: Esta casa foi construída pelo Senhor da colina, e ele a construiu para o alívio e a segurança dos peregrinos. O porteiro também perguntou de onde ele vinha e para onde ia.

14 CRISTÃO. Venho da Cidade da Destruição e vou para o Monte Sião; mas, como o sol já se pôs, desejo, se me for permitido, hospedar-me aqui esta noite.

15 PORTEIRO. Qual é o seu nome?

16 CRISTÃO. Meu nome agora é Cristão, mas antes meu nome era Sem Graça; sou da descendência de Jafé, a quem Deus persuadirá a habitar nas tendas de Sem.

17 PORTEIRO. Mas como aconteceu de você chegar tão tarde? O sol já se pôs.

18 CRISTÃO. Eu teria chegado mais cedo, mas, "miserável homem que sou!", dormi no caramanchão que fica na encosta da colina; sim, mesmo assim eu teria chegado muito mais cedo, mas, enquanto dormia, perdi meu comprovante e cheguei sem ele ao alto da colina; então, ao procurá-lo e não encontrá-lo, fui obrigado, com tristeza no coração, a voltar ao lugar onde dormira, onde o encontrei, e agora cheguei.

19 PORTEIRO. Bem, vou chamar uma das virgens deste lugar, que, se gostar da sua conversa, o levará para junto do restante da família, conforme as regras da casa. Então Vigilante, o porteiro, tocou uma campainha, e ao seu som saiu à porta da casa uma jovem séria e bela, chamada Discrição, que perguntou por que a haviam chamado.

20 O porteiro respondeu: Este homem está viajando da Cidade da Destruição para o Monte Sião, mas, estando cansado e tendo sido alcançado pela noite, perguntou se poderia se hospedar aqui esta noite; então lhe disse que chamaria você, que, depois de conversar com ele, poderá fazer o que lhe parecer bom, conforme a lei da casa.

21 Então ela perguntou de onde ele vinha e para onde ia, e ele lhe contou. Perguntou também como havia entrado no caminho, e ele lhe contou. Depois perguntou o que havia visto e encontrado pelo caminho, e ele lhe contou.

21.2 Por fim, perguntou seu nome; ele disse: É Cristão, e tenho ainda mais vontade de me hospedar aqui esta noite porque, pelo que percebo, este lugar foi construído pelo Senhor da colina para o alívio e a segurança dos peregrinos. Então ela sorriu, mas seus olhos ficaram cheios de lágrimas; e, depois de uma breve pausa, disse: Vou chamar mais duas ou três pessoas da família.

21.3 Correu até a porta e chamou Prudência, Piedade e Caridade, que, depois de conversar mais um pouco com ele, o acolheram na família; e muitos deles, ao encontrá-lo à entrada da casa, disseram: Entre, bendito do Senhor; esta casa foi construída pelo Senhor da colina justamente para acolher peregrinos como você. Então ele inclinou a cabeça e os seguiu para dentro da casa.

21.4 Depois que entrou e se sentou, deram-lhe algo para beber e concordaram entre si que, até o jantar ficar pronto, alguns deles teriam uma conversa particular com Cristão, para aproveitar melhor o tempo; e escolheram Piedade, Prudência e Caridade para conversar com ele; e assim começaram:

22 PIEDADE. Venha, bom Cristão, já que tivemos tanto carinho por você, recebendo-o em nossa casa esta noite, vamos conversar sobre tudo o que lhe aconteceu em sua peregrinação, para ver se podemos aprender algo com isso.

23 CRISTÃO. Com muito prazer, e fico feliz por vocês estarem tão bem dispostas.

24 PIEDADE. O que o levou, a princípio, a escolher a vida de peregrino?

25 CRISTÃO. Fui expulso de minha terra natal por um som terrível que ressoava em meus ouvidos: a saber, que uma destruição inevitável me aguardava se eu permanecesse naquele lugar onde estava.

26 PIEDADE. Mas como aconteceu de você sair de sua terra por este caminho?

27 CRISTÃO. Foi como Deus quis; pois, quando eu estava com medo da destruição, não sabia para onde ir. Mas, por acaso, enquanto eu tremia e chorava, veio até mim um homem chamado Evangelista, que me indicou a porta estreita, a qual, de outro modo, eu nunca teria encontrado. Assim, ele me pôs no caminho que me trouxe diretamente a esta casa.

28 PIEDADE. Mas você não passou pela casa do Intérprete?

29 CRISTÃO. Sim, e vi ali coisas cuja lembrança ficará comigo enquanto eu viver; especialmente três: como Cristo, apesar de Satanás, sustenta sua obra de graça no coração; como aquele homem havia pecado a ponto de perder toda esperança da misericórdia de Deus; e também o sonho daquele que, enquanto dormia, pensou que o dia do juízo havia chegado.

30 PIEDADE. Então você o ouviu contar o sonho?

31 CRISTÃO. Sim, e foi um sonho terrível. Parecia que meu coração doía enquanto ele o contava; mesmo assim, fico feliz por tê-lo ouvido.

32 PIEDADE. Foi só isso que você viu na casa do Intérprete?

33 CRISTÃO. Não; ele me levou a um lugar onde me mostrou um palácio imponente e como as pessoas que estavam nele se vestiam de ouro; mostrou também como chegou um homem corajoso que abriu caminho à força entre os homens armados que estavam à porta para impedir sua entrada, e como o convidaram a entrar e conquistar a glória eterna. Como aquelas coisas encantaram meu coração! Eu teria ficado doze meses na casa daquele bom homem, se não soubesse que ainda tinha de seguir viagem.

34 PIEDADE. E o que mais você viu pelo caminho?

35 CRISTÃO. O que vi! Ora, andei só um pouco mais e vi alguém que, pelo que me pareceu, estava pendurado no madeiro, sangrando. Só de vê-lo, meu fardo caiu de minhas costas (pois eu gemia debaixo de um fardo muito pesado), mas naquele momento ele caiu de cima de mim. Aquilo me pareceu estranho, porque eu nunca tinha visto coisa semelhante.

35.2 E, enquanto eu continuava olhando para cima, pois então não conseguia parar de olhar, três Seres Resplandecentes vieram até mim. Um deles declarou que meus pecados estavam perdoados; outro tirou meus trapos e me deu esta roupa bordada que vocês estão vendo; e o terceiro pôs esta marca que vocês veem em minha testa e me deu este rolo selado. (E, dizendo isso, tirou-o de junto ao peito.)

36 PIEDADE. Mas você viu mais coisas, não viu?

37 CRISTÃO. As coisas que contei foram as melhores; mas vi outras também. Por exemplo, enquanto caminhava, vi três homens, Simples, Preguiça e Presunção, dormindo um pouco fora do caminho, com ferros nos tornozelos. Mas vocês acham que consegui acordá-los?

37.2 Também vi Formalidade e Hipocrisia passarem por cima do muro aos trambolhões para ir, como alegavam, a Sião; mas logo se perderam, exatamente como eu lhes havia dito. Eles, porém, não quiseram acreditar. Acima de tudo, tive muito trabalho para subir esta colina e outro tanto para passar junto à boca dos leões.

37.3 Na verdade, se não fosse pelo bom homem, o porteiro que fica junto ao portão, não sei se, depois de tudo, eu não teria voltado atrás. Mas agora agradeço a Deus por estar aqui e agradeço a vocês por me receberem.

38 Então Prudência achou por bem fazer-lhe algumas perguntas e pediu que ele respondesse.

39 PRUD. Você não pensa às vezes na terra de onde veio?

40 CRISTÃO. Sim, mas com muita vergonha e repulsa: "Na verdade, se eu tivesse saudades da terra de onde saí, poderia ter tido oportunidade de voltar; mas agora desejo uma terra melhor, isto é, a celestial."

41 PRUD. Você ainda não carrega consigo algumas das coisas com que estava acostumado naquele tempo?

42 CRISTÃO. Sim, mas muito contra a minha vontade; especialmente meus pensamentos íntimos e carnais, nos quais todos os meus conterrâneos, assim como eu, tinham prazer. Agora, contudo, todas essas coisas me entristecem; e, se eu pudesse escolher por mim mesmo,

43 escolheria nunca mais pensar nessas coisas; mas, quando quero fazer o que é melhor, o que é pior está comigo.

44 PRUD. Você não sente às vezes como se estivessem vencidas essas coisas que, em outros momentos, o perturbam?

45 CRISTÃO. Sim, mas isso é raro; porém, para mim, são horas de ouro aquelas em que isso acontece.

46 PRUD. Você consegue se lembrar do que faz essas coisas que o afligem parecerem vencidas às vezes?

47 CRISTÃO. Sim. Quando penso no que vi junto à cruz, isso acontece; quando olho para minha roupa bordada, isso acontece; também quando leio o rolo que levo junto ao peito, isso acontece; e, quando meus pensamentos se enchem de entusiasmo pelo lugar para onde vou, isso acontece.

48 PRUD. E o que faz você desejar tanto ir ao monte Sião?

49 CRISTÃO. Ora, ali espero ver vivo aquele que esteve pendurado, morto, na cruz; e ali espero ficar livre de todas essas coisas que até hoje existem em mim e me afligem. Ali, dizem, não há morte; e ali viverei com a companhia de que mais gosto. Pois, para dizer a verdade, eu o amo, porque foi ele quem me aliviou do meu fardo; e estou cansado da doença que tenho por dentro. Desejo muito estar onde não morrerei mais, na companhia daqueles que clamarão continuamente: "Santo, Santo, Santo!"

50 Então Caridade disse a Cristão: Você tem família? É casado?

51 CRISTÃO. Tenho esposa e quatro filhos pequenos.

52 CAR. E por que não os trouxe com você?

53 CRISTÃO. Então Cristão chorou e disse: Ah, com que prazer eu teria feito isso! Mas todos eles eram completamente contrários à minha partida em peregrinação.

54 CAR. Mas você deveria ter conversado com eles e procurado mostrar-lhes o perigo de ficar para trás.

55 CRISTÃO. Foi o que fiz; e também lhes contei o que Deus me havia mostrado sobre a destruição de nossa cidade; "mas lhes pareci alguém que estava zombando", e não acreditaram em mim.

56 CAR. E você orou a Deus para que ele abençoasse os conselhos que lhes deu?

57 CRISTÃO. Sim, e com muito carinho, pois vocês devem imaginar que minha esposa e meus pobres filhos eram muito queridos para mim.

58 CAR. Mas você lhes falou de sua própria tristeza e de seu medo da destruição? Pois suponho que essa destruição estivesse bastante clara para você.

59 CRISTÃO. Sim, repetidas e repetidas vezes. Também podiam ver meu medo em meu rosto, em minhas lágrimas e no meu tremor diante da expectativa do juízo que pairava sobre nossas cabeças; mas nada disso bastou para convencê-los a vir comigo.

60 CAR. Mas que justificativa deram para não vir?

61 CRISTÃO. Ora, minha esposa tinha medo de perder este mundo, e meus filhos se entregavam aos prazeres tolos da juventude. Assim, por uma coisa e por outra, deixaram-me peregrinar deste modo, sozinho.

62 CAR. Mas será que você, com sua vida fútil, não enfraqueceu tudo o que dizia para tentar convencê-los a partir com você?

63 CRISTÃO. De fato, não posso elogiar minha vida, pois tenho consciência de muitas falhas nela. Sei também que um homem, por sua conduta, pode facilmente destruir aquilo que, por argumentos ou persuasão, se esforça para firmar nos outros para o bem deles. Mas posso dizer isto: tive muito cuidado para não lhes dar motivo, por alguma ação indevida, de se oporem à peregrinação.

63.2 Sim, por isso mesmo me diziam que eu era rigoroso demais e que, por causa deles, eu me privava de coisas nas quais não viam mal algum. Creio até que posso dizer que, se o que viam em mim os impediu de vir, foi meu grande cuidado em não pecar contra Deus nem fazer mal ao meu próximo.

64 CAR. De fato, Caim odiou seu irmão "porque suas próprias obras eram más, e as de seu irmão, justas". E, se sua esposa e seus filhos se ofenderam com você por isso, mostram que são inimigos irreconciliáveis do bem, e "você livrou sua alma do sangue deles".

65 Então vi em meu sonho que ficaram sentados conversando assim até o jantar estar pronto. Quando tudo ficou preparado, sentaram-se para comer. A mesa estava servida "com comidas suculentas e vinho bem purificado"; e toda a conversa à mesa era sobre o Senhor da colina: sobre o que ele havia feito, por que fizera o que fez e por que havia construído aquela casa.

65.2 Pelo que disseram, percebi que ele havia sido um grande guerreiro e havia lutado contra "aquele que tinha o poder da morte" e o matado, mas não sem grande perigo para si mesmo, o que me fez amá-lo ainda mais.

66 Pois, como disseram, e como acredito (disse Cristão), ele fez isso com a perda de muito sangue; mas o que revestiu de graça gloriosa tudo o que fez foi ter agido por puro amor à sua terra. Além disso, alguns dos moradores da casa disseram que tinham estado com ele e conversado com ele depois de sua morte na cruz. E testemunharam que ouviram de seus próprios lábios que ele ama tanto os pobres peregrinos que não se encontra ninguém igual a ele de leste a oeste.

67 Além disso, deram um exemplo do que afirmavam: ele havia se despojado de sua glória para poder fazer isso pelos pobres; e eles o ouviram dizer e afirmar "que não moraria sozinho no monte Sião". Disseram também que ele havia feito de muitos peregrinos príncipes, embora fossem mendigos de nascimento e tivessem vindo do monte de esterco.

68 Assim conversaram até tarde da noite; e, depois de se entregarem à proteção de seu Senhor, foram descansar. Acomodaram o Peregrino num grande quarto no andar de cima, cuja janela dava para o nascente. O nome do quarto era Paz. Ali ele dormiu até o amanhecer, quando acordou e cantou:

69 "Onde estou agora? É este o amor e o cuidado
De Jesus pelos homens que são peregrinos?
Tamanha provisão! Que eu seja perdoado!
E já more na casa ao lado do céu!"

70 Pela manhã, todos se levantaram e, depois de mais alguma conversa, disseram-lhe que não deveria partir antes de lhe mostrarem as raridades daquele lugar. Primeiro, levaram-no ao gabinete de estudos, onde lhe mostraram registros da mais remota antiguidade.

70.2 Neles, pelo que me lembro do meu sonho, mostraram-lhe primeiro a genealogia do Senhor da colina: que ele era filho do Ancião de Dias e tinha sua origem naquela geração eterna.

70.3 Ali também estavam registrados com mais detalhes os feitos que ele havia realizado e os nomes de muitas centenas de pessoas que havia acolhido em seu serviço; e como as havia instalado em moradas que não poderiam ser destruídas nem pela passagem dos anos nem pela deterioração natural.

71 Então leram para ele alguns dos feitos dignos de honra realizados por alguns de seus servos: como "subjugaram reinos, praticaram a justiça, alcançaram promessas, fecharam a boca de leões, apagaram a força do fogo, escaparam do fio da espada, da fraqueza tiraram força, tornaram-se valentes na batalha e puseram em fuga os exércitos estrangeiros".

72 Depois leram, em outra parte dos registros da casa, como seu Senhor estava disposto a receber em seu favor qualquer pessoa, fosse quem fosse, mesmo que no passado tivesse cometido grandes ofensas contra ele e suas ações. Ali também havia vários outros relatos de muitas outras coisas célebres, que Cristão pôde examinar, tanto antigas como recentes; além de profecias e predições de coisas cujo cumprimento é certo, para o temor e o espanto dos inimigos e para o conforto e o consolo dos peregrinos.

73 No dia seguinte, levaram-no à sala de armas, onde lhe mostraram todo tipo de equipamento que seu Senhor havia providenciado para os peregrinos: espada, escudo, capacete, couraça, TODA ORAÇÃO e calçados que não se gastavam. E havia ali equipamento suficiente para armar, para o serviço de seu Senhor, tantos homens quantas são as estrelas do céu.

74 Também lhe mostraram alguns dos instrumentos com os quais alguns dos servos de seu Senhor haviam feito coisas maravilhosas. Mostraram-lhe a vara de Moisés; o martelo e a estaca com que Jael matou Sísera; os cântaros, as trombetas e também as lâmpadas com que Gideão pôs em fuga os exércitos de Midiã.

74.2 Depois lhe mostraram a aguilhada de bois com que Sangar matou seiscentos homens. Mostraram-lhe também a queixada com que Sansão realizou feitos tão poderosos. Mostraram-lhe, além disso, a funda e a pedra com que Davi matou Golias de Gate; e também a espada com que o Senhor deles matará o Homem do Pecado, no dia em que se levantar para tomar a presa.

74.3 Mostraram-lhe ainda muitas coisas excelentes, com as quais Cristão ficou muito encantado. Feito isso, foram descansar de novo.

75 Então vi em meu sonho que, na manhã seguinte, ele se levantou para seguir viagem; mas eles lhe pediram que ficasse também até o outro dia. Então, disseram eles, se o dia estiver claro, mostraremos a você as Montanhas Deleitáveis. Isso, disseram, lhe traria ainda mais conforto, porque elas ficavam mais perto do porto desejado do que o lugar onde ele estava naquele momento.

75.2 Assim, ele concordou e ficou. Ao amanhecer, levaram-no ao alto da casa e lhe disseram que olhasse para o sul. Ele assim fez e, bem longe, viu uma região montanhosa muito agradável, embelezada por bosques, vinhedos, frutos de todas as espécies e também flores, com nascentes e fontes, uma delícia de se contemplar. Então perguntou o nome daquela região.

75.3 Disseram que era a Terra de Emanuel; e ela está aberta, disseram, assim como esta colina, a todos os peregrinos, para seu uso. E quando você chegar lá, disseram, poderá ver dali até o portão da Cidade Celestial, como lhe mostrarão os pastores que vivem ali.

76 Então ele pensou em seguir viagem, e eles concordaram que partisse. Mas primeiro, disseram, vamos outra vez à sala de armas. Assim fizeram; e, quando chegaram lá, vestiram-no dos pés à cabeça com uma armadura resistente, para o caso de ele sofrer ataques pelo caminho. Assim equipado, saiu com seus amigos até o portão e ali perguntou ao porteiro se tinha visto algum peregrino passar. O porteiro respondeu: Sim.

77 CRISTÃO. Por favor, você o conhecia? perguntou ele.

78 PORTEIRO. Perguntei seu nome, e ele me disse que era Fiel.

79 CRISTÃO. Ah, disse Cristão, eu o conheço; ele é da minha cidade, meu vizinho próximo; vem do lugar onde nasci. A que distância você acha que ele está à minha frente?

80 PORTEIRO. A esta altura, ele já deve ter chegado ao pé da colina.

81 CRISTÃO. Bem, disse Cristão, bom Porteiro, que o Senhor esteja com você e multiplique grandemente todas as suas bênçãos, pela bondade que demonstrou para comigo.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 6

✦

1 Então ele começou a seguir adiante; mas Discrição, Piedade, Caridade e Prudência quiseram acompanhá-lo até o pé da colina. Assim, foram juntos, retomando suas conversas anteriores, até chegarem à descida. Então Cristão disse: Assim como foi difícil subir, pelo que vejo, é perigoso descer.

1.2 Sim, disse Prudência, é mesmo, pois é difícil alguém descer ao Vale da Humilhação, como você está fazendo agora, sem escorregar pelo caminho; por isso, disseram elas, viemos acompanhá-lo na descida da colina. Então ele começou a descer, mas com muito cuidado; ainda assim, escorregou uma ou duas vezes.

2 Então vi em meu sonho que essas boas companheiras, quando Cristão chegou ao pé da colina, lhe deram um pão, uma garrafa de vinho e um cacho de uvas-passas; e então ele seguiu seu caminho.

3 Mas agora, nesse Vale da Humilhação, o pobre Cristão passou por grandes dificuldades; pois havia andado apenas um pouco quando avistou um demônio horrendo vindo pelo campo ao seu encontro; seu nome é Apoliom. Então Cristão começou a sentir medo e a pensar se deveria voltar ou permanecer firme onde estava. Mas tornou a considerar que não tinha armadura nas costas; por isso, pensou que dar as costas a ele poderia oferecer-lhe uma vantagem ainda maior para atravessá-lo facilmente com seus dardos.

4 Por isso, resolveu arriscar-se e permanecer firme; pois, pensou ele, mesmo que eu não tivesse outro objetivo além de salvar minha vida, o melhor seria resistir.

5 Assim, seguiu adiante, e Apoliom veio ao seu encontro. O monstro era horrível de se ver; era coberto de escamas, como um peixe, (e elas são seu orgulho,) tinha asas como as de um dragão, pés como os de um urso, de sua barriga saíam fogo e fumaça, e sua boca era como a boca de um leão. Quando chegou perto de Cristão, olhou para ele com uma expressão de desprezo e começou a interrogá-lo assim.

6 APOL. De onde você vem? E para onde vai?

7 CRISTÃO. Venho da Cidade da Destruição, que é o lugar de todo o mal, e vou para a Cidade de Sião.

8 APOL. Com isso percebo que você é um dos meus súditos, pois toda aquela terra é minha, e eu sou seu príncipe e deus. Como, então, você fugiu do seu rei? Se eu não esperasse que você ainda pudesse me prestar mais serviços, agora mesmo o derrubaria no chão com um só golpe.

9 CRISTÃO. De fato, nasci em seus domínios, mas seu serviço era duro, e seu salário não permitia que ninguém vivesse dele, "pois o salário do pecado é a morte"; por isso, quando cheguei à idade adulta, fiz como fazem outras pessoas sensatas: procurei ver se talvez pudesse melhorar minha situação.

10 APOL. Nenhum príncipe perde seus súditos assim tão facilmente, e eu também ainda não vou perder você; mas, já que se queixa do seu serviço e do seu salário, aceite voltar: prometo aqui lhe dar tudo o que nossa terra puder oferecer.

11 CRISTÃO. Mas me pus a serviço de outro, do próprio Rei dos príncipes; e como posso, de maneira honrada, voltar com você?

12 APOL. Nisso você fez como diz o provérbio: "Trocou o ruim pelo pior"; mas é comum que aqueles que se declararam servos dele o abandonem depois de algum tempo e voltem para mim. Faça você o mesmo, e tudo ficará bem.

13 CRISTÃO. Dei a ele minha palavra e jurei lealdade a ele; como, então, posso voltar atrás sem ser enforcado como traidor?

14 APOL. Você fez o mesmo comigo, e ainda assim estou disposto a deixar tudo passar, se agora mudar de ideia e voltar.

15 CRISTÃO. O que prometi a você foi quando eu era menor de idade; além disso, considero que o Príncipe sob cuja bandeira agora me encontro pode me liberar dessa promessa; sim, e também perdoar o que fiz ao me submeter a você; e, além disso, ó destruidor Apoliom! Para dizer a verdade, gosto mais do serviço dele, do salário dele, dos servos dele, do governo dele, da companhia dele e da terra dele do que dos seus; por isso, pare de tentar me convencer; sou servo dele e o seguirei.

16 APOL. Pense de novo, de cabeça fria, no que provavelmente encontrará pelo caminho que está seguindo. Você sabe que, em sua maioria, os servos dele acabam mal, porque transgridem contra mim e meus caminhos. Quantos deles foram submetidos a mortes vergonhosas!

16.2 E, além disso, você considera o serviço dele melhor que o meu, embora ele nunca tenha saído do lugar onde está para livrar das mãos deles qualquer um que o servisse; mas, quanto a mim, quantas vezes, como o

mundo inteiro sabe muito bem, livrei dele e dos seus, pela força ou pelo engano, aqueles que me serviram fielmente, mesmo depois de terem sido capturados por eles; e assim também livrarei você.

17 CRISTÃO. Ele deixa de livrá-los no presente justamente para pôr à prova o amor deles, para ver se permanecerão fiéis a ele até o fim; e, quanto ao fim ruim que você diz que eles têm, eles o consideram glorioso; pois não esperam muito por um livramento imediato, porque aguardam sua glória, e a receberão quando seu Príncipe vier em sua própria glória e na glória dos anjos.

18 APOL. Você já foi infiel no serviço dele; como espera receber dele algum salário?

19 CRISTÃO. Em que, ó Apoliom, fui infiel a ele?

20 APOL. Você desanimou logo no começo da jornada, quando quase sufocou no Abismo do Desânimo; tentou caminhos errados para se livrar do seu fardo, quando deveria ter esperado até que seu Príncipe o tirasse; dormiu de maneira pecaminosa e perdeu seu objeto precioso; também quase se deixou convencer a voltar ao ver os leões; e, quando fala de sua jornada e do que ouviu e viu, no íntimo deseja a vanglória em tudo o que diz ou faz.

21 CRISTÃO. Tudo isso é verdade, e muito mais que você deixou de mencionar; mas o Príncipe a quem sirvo e honro é misericordioso e está pronto a perdoar; além disso, essas fraquezas se apoderaram de mim em sua terra, pois foi lá que as absorvi; e tenho gemido sob o peso delas, me arrependido delas e obtido o perdão do meu Príncipe.

22 APOL. Então Apoliom explodiu numa fúria terrível, dizendo: Sou inimigo desse Príncipe; odeio sua pessoa, suas leis e seu povo; saí justamente para enfrentar você.

23 CRISTÃO. Apoliom, cuidado com o que faz; pois estou na estrada do Rei, o caminho da santidade; portanto, tome cuidado.

24 APOL. Então Apoliom abriu as pernas, ocupando toda a largura do caminho, e disse: Não tenho medo algum nesta questão: prepare-se para morrer; pois juro por minha toca infernal que você não dará mais um passo; aqui derramarei sua alma.

25 E, com isso, lançou um dardo em chamas contra o peito dele; mas Cristão tinha um escudo na mão, com o qual o interceptou e assim evitou aquele perigo.

26 Então Cristão desembainhou a espada, pois viu que era hora de agir; e Apoliom avançou contra ele com a mesma rapidez, lançando dardos tão numerosos quanto pedras de granizo; com eles, apesar de tudo o que Cristão fazia para evitá-los, Apoliom o feriu na cabeça, na mão e no pé.

26.2 Isso fez Cristão recuar um pouco; por isso, Apoliom prosseguiu com toda a força, e Cristão tornou a ganhar coragem e resistiu com toda a bravura que pôde. Esse combate feroz durou mais de meio dia, até Cristão ficar quase completamente exausto; pois é preciso saber que Cristão, por causa dos ferimentos, inevitavelmente ficava cada vez mais fraco.

27 Então Apoliom, percebendo sua oportunidade, começou a se aproximar de Cristão e, agarrando-se a ele numa luta, derrubou-o com violência; com isso, a espada de Cristão voou de sua mão. Então Apoliom disse: Agora você está nas minhas mãos.

27.2 E, com isso, quase o esmagou até a morte, de modo que Cristão começou a perder a esperança de sobreviver; mas, como Deus quis, enquanto Apoliom preparava seu último golpe, com o qual daria fim àquele bom homem, Cristão estendeu depressa a mão para sua espada e a apanhou, dizendo: "Não se alegre por minha causa, ó meu inimigo; quando eu cair, me levantarei";

28 e, com isso, deu-lhe uma estocada mortal, que o fez recuar como alguém que recebera uma ferida fatal. Cristão, percebendo isso, avançou de novo contra ele, dizendo: "Sim, em todas essas coisas somos mais que vencedores por meio daquele que nos amou". E, com isso, Apoliom abriu suas asas de dragão e fugiu velozmente, de modo que Cristão não tornou a vê-lo por algum tempo.

29 Nesse combate, ninguém pode imaginar, a menos que tivesse visto e ouvido como eu, os gritos e rugidos horrendos que Apoliom soltou durante toda a luta — ele falava como um dragão; e, do outro lado, os suspiros e gemidos que irrompiam do coração de Cristão. Durante todo esse tempo, não o vi mostrar sequer uma expressão de alegria, até perceber que havia ferido Apoliom com sua espada de dois gumes; então, de fato, sorriu e olhou para o alto; mas foi a cena mais terrível que já vi.

30 Dificilmente poderia haver uma luta mais desigual — CRISTÃO tem de lutar contra um Anjo; mas, como vocês veem,

31 O homem valente, manejando Espada e Escudo,
Faz com que ele, embora Dragão, abandone o campo.

32 Assim, quando a batalha terminou, Cristão disse: "Aqui darei graças àquele que me livrou da boca do leão, àquele que me ajudou contra Apoliom." E assim fez, dizendo:

33 O grande Belzebu, comandante deste demônio,
Planejou minha ruína; por isso, para esse fim,
Enviou-o armado: e ele, com uma fúria
Infernal, me atacou ferozmente.
Mas o bendito Miguel me ajudou, e eu,
À força da espada, logo o fiz fugir.
Por isso, a ele darei louvor duradouro,
E sempre agradecerei e bendirei seu santo nome.

34 Então uma mão se estendeu até ele, trazendo algumas folhas da árvore da vida, que Cristão pegou e aplicou aos ferimentos recebidos na batalha, e foi curado imediatamente. Também se sentou naquele lugar para comer pão e beber da garrafa que lhe haviam dado pouco antes; assim, com as forças renovadas, preparou-se para seguir viagem, com a espada desembainhada na mão; pois disse: Pode ser que algum outro inimigo esteja por perto. Mas não sofreu nenhum outro ataque de Apoliom durante toda a travessia daquele vale.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 7

✦

1 Ora, no fim desse vale havia outro, chamado Vale da Sombra da Morte, e Cristão precisava atravessá-lo, porque o caminho para a Cidade Celestial passava pelo meio dele. Esse vale é um lugar muito solitário. O profeta Jeremias assim o descreve: "Um deserto, uma terra de lugares desertos e de covas, uma terra de seca e da sombra da morte, uma terra pela qual nenhum homem" (a não ser um cristão) "passava, e onde ninguém morava."

2 Ali Cristão se viu em dificuldades maiores do que em sua luta com Apoliom, como vocês verão a seguir.

3 Vi então em meu sonho que, quando Cristão chegou aos limites da Sombra da Morte, encontrou dois homens, descendentes daqueles que espalharam um relato desfavorável sobre a boa terra, que se apressavam em voltar. Cristão lhes falou assim:

4 CRISTÃO. Para onde vocês vão?

5 HOMENS. Eles disseram: Para trás! Para trás! E gostaríamos que você fizesse o mesmo, se dá algum valor à vida ou à paz.

6 CRISTÃO. Por quê? O que aconteceu? — disse Cristão.

7 HOMENS. O que aconteceu! — disseram eles. Íamos pelo mesmo caminho que você e fomos até onde tivemos coragem. Na verdade, quase chegamos ao ponto de não poder voltar, pois, se tivéssemos ido um pouco mais longe, não estaríamos aqui para lhe dar a notícia.

8 CRISTÃO. Mas o que vocês encontraram? — disse Cristão.

9 HOMENS. Ora, estávamos quase no Vale da Sombra da Morte, mas, por sorte, olhamos à nossa frente e vimos o perigo antes de chegar até ele.

10 CRISTÃO. Mas o que vocês viram? — disse Cristão.

11 HOMENS. O que vimos! Ora, o próprio Vale, que é escuro como breu. Vimos ali também os duendes, sátiros e dragões do abismo. Ouvimos ainda naquele Vale uivos e gritos sem parar, como os de um povo em sofrimento indescritível, que ali permanecia preso à aflição e a correntes. E sobre aquele Vale pairam as nuvens desalentadoras da confusão. A Morte também estende sempre suas asas sobre ele. Em uma palavra, é assustador em todos os aspectos, pois não há nele ordem alguma.

12 CRISTÃO. Então — disse Cristão —, pelo que vocês disseram, ainda não vejo motivo para pensar que este não seja o meu caminho para o porto desejado.

13 HOMENS. Que seja o seu caminho; nós não o escolheremos para o nosso. Assim, eles se separaram, e Cristão seguiu seu caminho, mas ainda com a espada desembainhada na mão, por medo de ser atacado.

14 Vi então em meu sonho que, por toda a extensão desse vale, havia à direita uma vala muito profunda. Essa é a vala para a qual os cegos têm conduzido outros cegos em todas as épocas, e nela ambos têm perecido miseravelmente. E eis que, à esquerda, havia um pântano muito perigoso, no qual, se até mesmo um homem bom cair, não encontrará fundo onde firmar os pés. Nesse pântano o rei Davi caiu certa vez e, sem dúvida, teria sido sufocado ali, se AQUELE que tem poder não o tivesse tirado de lá.

15 O caminho ali também era extremamente estreito, e por isso o bom Cristão se via em dificuldades ainda maiores; pois, quando procurava, no escuro, evitar a vala de um lado, estava prestes a cair no lodo do outro. Também, quando procurava escapar do lodo, se não tomasse muito cuidado, estaria prestes a cair na vala.

15.2 Assim ele prosseguiu, e ali o ouvi suspirar amargamente; pois, além dos perigos mencionados acima, o caminho era tão escuro que muitas vezes, quando levantava o pé para avançar, não sabia onde nem sobre o que o apoiaria em seguida.

16 Pobre homem! Onde está você agora? Seu dia é noite.
Bom homem, não desanime, você ainda está no caminho certo,
Seu caminho para o céu passa junto às portas do Inferno;
Tenha ânimo, persevere, tudo lhe irá bem.

17 Percebi que a boca do inferno ficava mais ou menos no meio desse vale, bem junto ao caminho. E agora, pensou Cristão, o que farei? De tempos em tempos, as chamas e a fumaça saíam em tanta abundância, com faíscas e ruídos medonhos (coisas que não temiam a espada de Cristão, como Apoliom a temera antes), que ele foi obrigado a guardar a espada e recorrer a outra arma, chamada Oração Constante.

17.2 Então o ouvi clamar: "Ó Senhor, eu te suplico, livra a minha alma!" Assim ele prosseguiu por muito tempo, mas as chamas continuavam a se estender em sua direção. Também ouvia vozes lastimosas e movimentos impetuosos de um lado para outro, de modo que às vezes pensava que seria despedaçado ou pisoteado como o lodo das ruas.

17.3 Ele viu esse espetáculo assustador e ouviu esses ruídos terríveis por várias milhas seguidas. Ao chegar a um lugar onde julgou ouvir um grupo de demônios avançando ao seu encontro, parou e começou a refletir sobre o que seria melhor fazer. Às vezes quase pensava em voltar; depois pensava que talvez já estivesse na metade do vale.

17.4 Lembrou-se também de quantos perigos já havia vencido e de que o perigo de voltar poderia ser muito maior do que o de seguir adiante; por isso resolveu prosseguir. Ainda assim, os demônios pareciam chegar cada vez mais perto; mas, quando já estavam quase sobre ele, gritou com voz muito forte: "Caminharei na força do Senhor Deus!" Então eles recuaram e não avançaram mais.

18 Há uma coisa que eu não gostaria de deixar passar. Notei que o pobre Cristão estava agora tão confuso que não reconhecia a própria voz; e foi assim que percebi isso.

18.2 Justamente quando ele chegou diante da boca do abismo em chamas, um dos malignos se pôs atrás dele, aproximou-se em silêncio e lhe sugeriu, aos sussurros, muitas blasfêmias terríveis, que ele realmente julgou terem saído de sua própria mente.

18.3 Isso afligiu Cristão mais do que qualquer coisa que encontrara antes: pensar que agora estaria blasfemando contra aquele a quem tanto amava. Contudo, se pudesse evitar, não o teria feito; mas não teve o discernimento de tapar os ouvidos nem de reconhecer de onde vinham essas blasfêmias.

19 Depois de viajar por bastante tempo nessa condição desconsolada, Cristão julgou ouvir a voz de um homem que parecia caminhar à sua frente, dizendo: "Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal

algum, porque tu estás comigo."

20 Então ele se alegrou, e por estas razões:

21 Primeiro, porque concluiu daí que havia naquele vale outros que temiam a Deus, assim como ele.

22 Segundo, porque percebeu que Deus estava com eles, mesmo naquela condição sombria e terrível; e por que não estaria comigo?, pensou ele, embora, por causa do impedimento próprio deste lugar, eu não consiga perceber isso.

23 Terceiro, porque esperava que, se pudesse alcançá-los, logo teria companhia. Assim, prosseguiu e chamou aquele que ia à frente; mas este não soube o que responder, pois também pensava estar sozinho. E logo o dia amanheceu. Então Cristão disse: Ele transformou "a sombra da morte em manhã".

24 Quando a manhã chegou, ele olhou para trás, sem desejo de voltar, mas para ver, à luz do dia, os perigos pelos quais havia passado no escuro. Assim, viu com mais clareza a vala que havia de um lado e o lodo do outro, e também como era estreito o caminho que passava entre ambos.

24.2 Agora também viu os duendes, os sátiros e os dragões do abismo, mas todos bem longe (pois, depois do amanhecer, não se aproximavam). Ainda assim, foram revelados a ele, conforme está escrito: "Ele revela coisas profundas das trevas e traz à luz a sombra da morte."

25 Cristão ficou então muito comovido por ter sido livrado de todos os perigos de seu caminho solitário. Embora antes os temesse mais, agora os via com maior clareza, porque a luz do dia os tornava visíveis.

25.2 Por essa hora o sol estava nascendo, e isso foi outra misericórdia para Cristão; pois é preciso observar que, embora a primeira parte do Vale da Sombra da Morte fosse perigosa, essa segunda parte, que ele ainda precisava percorrer, era, se possível, muito mais perigosa.

25.3 Do lugar onde agora estava até o fim do vale, o caminho inteiro estava tão cheio de laços, armadilhas, ciladas e redes de um lado, e tão cheio de covas, alçapões, buracos profundos e declives do outro, que, se ainda estivesse escuro como quando percorreu a primeira parte do caminho, mesmo que tivesse mil almas, seria de esperar que todas se perdessem.

25.4 Mas, como acabei de dizer, o sol estava nascendo. Então ele disse: "Sua lâmpada brilha sobre a minha cabeça, e pela sua luz caminho pelas trevas."

26 Nessa luz, portanto, ele chegou ao fim do vale. Vi então em meu sonho que no fim desse vale havia sangue, ossos, cinzas e corpos mutilados de homens, de peregrinos que haviam passado por esse caminho antes. Enquanto eu refletia sobre qual seria a razão disso, avistei um pouco à minha frente uma caverna onde, antigamente, moravam dois gigantes, PAPA e PAGÃO.

26.2 Pelo poder e pela tirania deles, haviam sido cruelmente mortos os homens cujos ossos, sangue, cinzas etc. jaziam ali. Mas Cristão passou por esse lugar sem grande perigo, o que me causou certa surpresa.

26.3 Desde então, porém, soube que PAGÃO está morto há muito tempo; e quanto ao outro, embora ainda esteja vivo, por causa da idade e também dos muitos golpes severos que recebeu quando era mais jovem, fi-

cou tão debilitado e com as juntas tão rígidas que agora pouco pode fazer além de ficar sentado na entrada de sua caverna, fazendo caretas para os peregrinos que passam e roendo as unhas por não conseguir alcançá-los.

27 Assim, vi que Cristão seguiu seu caminho. Contudo, ao ver o Velho sentado na entrada da caverna, não sabia o que pensar, especialmente porque ele lhe falou, embora não pudesse ir atrás dele, dizendo: "Vocês nunca vão melhorar enquanto mais de vocês não forem queimados." Mas Cristão ficou calado, manteve uma expressão firme e assim passou sem sofrer dano algum. Então Cristão cantou:

28 Ó mundo de maravilhas! (Não posso dizer menos),
Que eu tenha sido preservado na aflição
Que aqui encontrei! Ó bendita seja
A mão que dela me livrou!
Perigos nas trevas, demônios, inferno e pecado
Me cercaram enquanto estive neste vale:
Sim, laços, covas, armadilhas e redes se espalhavam
Ao redor do meu caminho, para que eu, tolo e sem valor,
Pudesse ser apanhado, enredado e derrubado;
Mas, já que vivo, que JESUS receba a coroa.

29 Enquanto Cristão seguia seu caminho, chegou a uma pequena elevação, erguida de propósito para que os peregrinos pudessem ver o que havia à frente. Cristão então subiu ali e, olhando adiante, viu Fiel à sua frente, seguindo viagem. Então Cristão disse em voz alta: "Ei! Ei! Olá! Espere, e eu lhe farei companhia!"

29.2 Ao ouvir isso, Fiel olhou para trás, e Cristão tornou a lhe gritar: "Espere, espere até eu alcançar você!" Mas Fiel respondeu: "Não, estou fugindo para salvar a minha vida, e o vingador do sangue vem atrás de mim."

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 8

✦

1 Com isso, Cristão ficou um tanto agitado e, reunindo todas as suas forças, alcançou Fiel depressa e até o ultrapassou; assim, o último passou a ser o primeiro. Então Cristão sorriu cheio de vaidade, por ter tomado a dianteira de seu irmão; mas, sem prestar a devida atenção aos próprios pés, subitamente tropeçou e caiu, e não conseguiu se levantar até que Fiel chegou para ajudá-lo.

2 Então vi em meu sonho que eles seguiram juntos com muito afeto e conversaram agradavelmente sobre tudo o que lhes havia acontecido em sua peregrinação; e assim Cristão começou:

3 CRISTÃO. Meu honrado e muito amado irmão Fiel, fico feliz por ter alcançado você e por Deus ter harmonizado nossos espíritos de modo que possamos andar como companheiros neste caminho tão agradável.

4 FIEL. Eu esperava, querido amigo, ter sua companhia desde a nossa cidade; mas você saiu antes de mim, por isso fui obrigado a fazer sozinho toda esta parte do caminho.

5 CRISTÃO. Quanto tempo você ficou na Cidade da Destruição antes de partir atrás de mim em sua peregrinação?

6 FIEL. Até não poder ficar mais; pois, logo depois de sua partida, houve muita conversa de que nossa cidade, em pouco tempo, seria totalmente destruída pelo fogo do céu.

7 CRISTÃO. Como! Seus vizinhos falavam assim?

8 FIEL. Sim, por algum tempo isso andou na boca de todos.

9 CRISTÃO. Como! E nenhum deles, além de você, saiu para escapar do perigo?

10 FIEL. Embora, como eu disse, houvesse muita conversa a respeito, não creio que acreditassem nisso com firmeza. Pois, no calor da conversa, ouvi alguns deles zombando de você e de sua viagem desesperada, pois era assim que chamavam esta sua peregrinação. Mas eu acreditava, e ainda acredito, que o fim de nossa cidade virá com fogo e enxofre do alto; e por isso escapei.

11 CRISTÃO. Você não ouviu falar do vizinho Flexível?

12 FIEL. Sim, Cristão, ouvi dizer que ele seguiu você até chegar ao Pântano do Desânimo, onde, segundo alguns, caiu; mas ele não queria admitir que isso tivesse acontecido. Tenho certeza, porém, de que ficou bem coberto daquele tipo de lama.

13 CRISTÃO. E o que os vizinhos disseram a ele?

14 FIEL. Desde que voltou, ele tem sido alvo de muita zombaria entre todo tipo de gente; alguns zombam dele e o desprezam, e quase ninguém lhe dá trabalho. Agora sua situação é sete vezes pior do que se nunca tivesse saído da cidade.

15 CRISTÃO. Mas por que se voltariam tanto contra ele, já que também desprezam o caminho que ele abandonou?

16 FIEL. Ah, eles dizem: que vá para a forca, é um vira-casaca! Não foi fiel àquilo que professava. Acho que Deus despertou até seus inimigos para vaiá-lo e fazer dele um exemplo de desprezo, porque abandonou o

caminho.

17 CRISTÃO. Você não conversou com ele antes de sair?

18 FIEL. Encontrei com ele uma vez na rua, mas ele desviou o olhar para o outro lado, como alguém envergonhado do que tinha feito; por isso não falei com ele.

19 CRISTÃO. Bem, quando parti, eu tinha esperanças quanto àquele homem; mas agora temo que ele pereça na destruição da cidade, pois aconteceu com ele o que diz o verdadeiro provérbio: "O cão voltou ao seu próprio vômito; e a porca lavada, a se revolver na lama."

20 FIEL. Também temo isso por ele; mas quem pode impedir o que há de acontecer?

21 CRISTÃO. Bem, vizinho Fiel, disse Cristão, vamos deixá-lo de lado e falar das coisas que dizem respeito mais diretamente a nós mesmos. Conte-me agora o que encontrou pelo caminho, pois sei que você passou por algumas coisas; caso contrário, isso poderia ser registrado como uma maravilha.

22 FIEL. Escapei do Pântano em que percebi que você caiu e cheguei ao portão sem correr aquele perigo; apenas encontrei uma mulher chamada Lasciva, que por pouco não me fez mal.

23 CRISTÃO. Foi bom você ter escapado da rede dela; José passou por grande aperto por causa dela e escapou, como você; mas isso quase lhe custou a vida. Mas o que ela fez com você?

24 FIEL. Você não pode imaginar, embora conheça um pouco disso, como a língua dela era aduladora; ela insistiu muito para que eu me desviasse do caminho e fosse com ela, prometendo todo tipo de satisfação.

25 CRISTÃO. Mas ela não prometeu a você a satisfação de uma boa consciência.

26 FIEL. Você sabe o que quero dizer: toda satisfação carnal e dos desejos do corpo.

27 CRISTÃO. Agradeça a Deus por ter escapado dela: "Aquele a quem o Senhor abomina cairá na cova dela."

28 FIEL. Mas não sei se escapei dela por completo ou não.

29 CRISTÃO. Ora, suponho que você não tenha consentido nos desejos dela?

30 FIEL. Não, a ponto de me contaminar, não; pois me lembrei de um antigo escrito que tinha visto, que dizia: "Os passos dela conduzem ao inferno." Então fechei os olhos para não ser enfeitiçado por seus olhares. Ela então me insultou, e eu segui meu caminho.

31 CRISTÃO. Você não sofreu nenhum outro ataque pelo caminho?

32 FIEL. Quando cheguei ao pé do monte chamado Dificuldade, encontrei um homem muito idoso, que me perguntou quem eu era e para onde ia. Eu lhe disse que era um peregrino a caminho da Cidade Celestial. Então o velho disse: Você parece um sujeito honesto; aceitaria morar comigo pelo salário que lhe darei? Perguntei então seu nome e onde morava.

32.2 Ele disse que se chamava Adão, o Primeiro, e que morava na cidade do Engano. Perguntei então qual era seu trabalho e que salário me daria. Ele me disse que seu trabalho consistia em muitos prazeres, e que meu salário seria tornar-me seu herdeiro no fim. Perguntei ainda como era sua casa e que outros servos tinha.

32.3 Ele me disse que sua casa era abastecida com todas as delícias do mundo e que seus servos eram aqueles que ele próprio havia gerado. Então perguntei se tinha filhos. Disse que tinha apenas três filhas: a Cobiça da Carne, a Cobiça dos Olhos e o Orgulho da Vida, e que eu poderia me casar com todas elas, se quisesse.

32.4 Então perguntei por quanto tempo ele queria que eu morasse com ele. E ele me disse: Enquanto ele próprio vivesse.

33 CRISTÃO. Bem, e a que conclusão você e o velho chegaram por fim?

34 FIEL. Ora, a princípio me senti um tanto inclinado a ir com aquele homem, pois achei que ele falava muito bem; mas, ao olhar para sua testa enquanto conversava com ele, vi escrito ali: "Despojem-se do velho homem com suas obras."

35 CRISTÃO. E então?

36 FIEL. Então me veio à mente, com uma força ardente, que, por mais que ele falasse e me adulasse, assim que me levasse para sua casa, me venderia como escravo. Por isso mandei que parasse de falar, pois eu não chegaria nem perto da porta de sua casa. Então ele me insultou e disse que mandaria alguém atrás de mim que tornaria meu caminho amargo para minha alma.

36.2 Virei-me para me afastar dele; mas, no instante em que me virei para sair dali, senti que ele agarrou minha carne e me deu um puxão tão violento para trás que pensei que tivesse arrancado uma parte de mim. Isso me fez gritar: "Oh, homem miserável!" Então segui meu caminho, subindo o monte.

37 Quando eu estava mais ou menos na metade da subida, olhei para trás e vi alguém vindo atrás de mim, veloz como o vento; ele me alcançou bem perto do lugar onde fica o banco.

38 CRISTÃO. Foi bem ali, disse Cristão, que me sentei para descansar; mas, vencido pelo sono, perdi ali este rolo que trazia junto ao peito.

39 FIEL. Mas, bom irmão, ouça-me até o fim. Assim que aquele homem me alcançou, foi uma palavra e um golpe: ele me derrubou e me deixou como morto. Mas, quando recobrei um pouco os sentidos, perguntei por que me tratava daquela maneira.

39.2 Ele disse que era por causa de minha inclinação secreta por Adão, o Primeiro; e, com isso, deu outro golpe terrível em meu peito e me lançou de costas no chão. Assim fiquei a seus pés, tão morto quanto antes. Quando voltei a mim, implorei por misericórdia; mas ele disse: Não sei mostrar misericórdia; e, com isso, me derrubou de novo. Sem dúvida teria acabado comigo, se alguém não tivesse passado por ali e mandado que parasse.

40 CRISTÃO. Quem foi que mandou que ele parasse?

41 FIEL. A princípio não o reconheci, mas, quando passou, percebi os furos em suas mãos e em seu lado; então concluí que era nosso Senhor. Depois disso, subi o monte.

42 CRISTÃO. Aquele homem que alcançou você era Moisés. Ele não poupa ninguém, nem sabe mostrar misericórdia aos que transgridem sua lei.

43 FIEL. Sei disso muito bem; não foi a primeira vez que ele me encontrou. Foi ele quem veio a mim quando eu vivia tranquilo em casa e me disse que incendiaria minha casa comigo dentro, se eu ficasse ali.

44 CRISTÃO. Mas você não viu a casa que ficava lá no alto do monte, em cuja encosta Moisés encontrou você?

45 FIEL. Sim, e os leões também, antes de chegar até ela; mas acho que os leões estavam dormindo, pois era por volta do meio-dia. E, como ainda tinha boa parte do dia pela frente, passei pelo porteiro e desci o monte.

46 CRISTÃO. Ele de fato me disse que viu você passar, mas eu gostaria que tivesse entrado na casa, pois teriam mostrado a você tantas coisas extraordinárias que dificilmente as esqueceria até o dia de sua morte. Mas, por favor, diga-me: você não encontrou ninguém no Vale da Humildade?

47 FIEL. Sim, encontrei um tal Descontentamento, que bem queria me convencer a voltar com ele; sua razão era que aquele vale não tinha honra alguma. Disse-me ainda que passar por ali seria desobedecer a todos os meus amigos, como Orgulho, Arrogância, Presunção, Glória Mundana e outros que, segundo ele, ficariam muito ofendidos se eu fizesse tamanha tolice de atravessar aquele vale.

48 CRISTÃO. Bem, e como você respondeu a ele?

49 FIEL. Eu lhe disse que, embora todos os que ele havia mencionado pudessem alegar parentesco comigo, e com razão, pois de fato eram meus parentes segundo a carne, desde que me tornei peregrino eles me renegaram, assim como eu também os rejeitei; e, portanto, agora eram para mim como se nunca tivessem pertencido à minha família.

50 Disse-lhe ainda que, quanto àquele vale, ele havia apresentado as coisas de maneira completamente errada; pois antes da honra vem a humildade, e antes da queda, um espírito orgulhoso. Por isso, disse eu, preferia atravessar

aquele vale para chegar à honra que os mais sábios reconheciam como tal a escolher aquilo que ele considerava mais digno de nosso afeto.

51 CRISTÃO. Você não encontrou mais nada naquele vale?

52 FIEL. Sim, encontrei Vergonha; mas, de todos os homens que encontrei em minha peregrinação, acho que ele é quem tem o nome errado. Os outros aceitavam uma recusa depois de um pouco de discussão e mais alguma coisa; mas esse Vergonha descarado não parava nunca.

53 CRISTÃO. Por quê? O que ele disse a você?

54 FIEL. O quê! Ora, ele se opôs à própria religião; disse que um homem se ocupar da religião era algo lamentável, baixo e covarde; disse que uma consciência sensível era coisa indigna de um homem, e que vigiar as próprias palavras e os próprios caminhos, a ponto de se privar daquela liberdade arrogante a que se acostumam os espíritos ousados de nosso tempo, faria dele motivo de zombaria em sua época.

54.2 Também alegou que poucos dos poderosos, ricos ou sábios jamais tinham sido da minha opinião; e nenhum deles antes de ser convencido a se tornar tolo e, por uma insensatez voluntária, arriscar perder tudo por ninguém sabe o quê.

54.3 Ademais, ele apontou a posição e a condição baixas e humildes daqueles que foram os principais peregrinos nas épocas em que viveram, assim como sua ignorância e falta de entendimento de todas as ciências naturais.

54.4 Sim, ele me pressionou desse mesmo modo a respeito de muitas outras coisas além das que relato aqui; por exemplo, que era uma vergonha ficar choramingando e se lamentando durante um sermão, e uma vergonha

voltar para casa suspirando e gemendo; que era uma vergonha pedir perdão ao vizinho por pequenas faltas ou restituir o que eu tivesse tomado de alguém.

54.5 Disse também que a religião fazia um homem se afastar dos poderosos por causa de alguns vícios, aos quais ele dava nomes mais bonitos, e o fazia acolher e respeitar os humildes por pertencerem à mesma fraternidade religiosa. E isso não é uma vergonha?, disse ele.

55 CRISTÃO. E o que você disse a ele?

56 FIEL. O que eu disse! A princípio, eu não sabia o que dizer. Sim, ele me apertou tanto que o sangue me subiu ao rosto; esse mesmo Vergonha me fez corar e quase me venceu por completo. Mas por fim comecei a considerar que "aquilo que é muito estimado entre os homens é abominação diante de Deus".

56.2 E pensei de novo: esse Vergonha me diz como são os homens, mas nada me diz sobre como é Deus ou a Palavra de Deus. Pensei também que, no dia do juízo, seremos sentenciados à morte ou à vida segundo a sabedoria e a lei do Altíssimo, e não segundo os espíritos arrogantes do mundo.

56.3 Portanto, pensei, aquilo que Deus diz ser o melhor de fato é o melhor, mesmo que todos os homens do mundo sejam contra. Visto, então, que Deus dá preferência à sua religião; visto que Deus dá preferência a uma consciência sensível; uma vez que os que se fazem tolos pelo reino dos céus são os mais sábios; e que o pobre que ama a Cristo é mais rico que o maior homem do mundo que o odeia: Vergonha, vá embora, você é um inimigo de minha salvação!

56.4 Devo acolher você contra meu soberano Senhor? Como então poderei olhar para o rosto dele quando vier? Se agora eu me envergonhar de seus caminhos e de seus servos, como poderei esperar a bênção? Mas esse Vergonha era mesmo um vilão atrevido; eu mal conseguia me livrar de sua companhia.

56.5 Sim, ele continuava me perseguindo e sussurrando sem parar ao meu ouvido alguma das fraquezas que acompanham a religião. Mas por fim lhe disse que seria inútil continuar tentando nesse assunto, pois era justamente nas coisas que ele desprezava que eu via mais glória; e assim, por fim, consegui passar adiante daquele importuno. E, depois de me livrar dele, comecei a cantar —

57 As provações que encontram os homens
Que obedecem ao chamado celestial
São muitas e ajustadas à carne,
E vêm, e vêm, e vêm outra vez;
Para que agora, ou em outra ocasião, por elas possamos
Ser apanhados, vencidos e lançados fora.
Oh, que os peregrinos, que os peregrinos, então,
Sejam vigilantes e se portem como homens.

58 CRISTÃO. Fico feliz, meu irmão, por você ter resistido com tanta bravura a esse vilão; pois, como você diz, acho que, de todos, ele é quem tem o nome errado. Ele é tão atrevido que nos segue pelas ruas e tenta nos envergonhar diante de todos, isto é, fazer com que sintamos vergonha do que é bom. Mas, se ele próprio não fosse insolente, nunca tentaria fazer o que faz.

58.2 Continuemos, porém, a resistir a ele, pois, apesar de todas as suas bravatas, ele só promove o tolo, e mais ninguém. "Os sábios herdarão a glória, disse Salomão, mas a vergonha será a exaltação dos tolos."

59 FIEL. Acho que devemos clamar por ajuda contra Vergonha àquele que deseja que sejamos valentes pela verdade na terra.

60 CRISTÃO. Você tem razão; mas não encontrou mais ninguém naquele vale?

61 FIEL. Não, eu não; pois tive a luz do sol durante todo o restante do caminho por aquele vale e também pelo Vale da Sombra da Morte.

62 CRISTÃO. Foi bom para você. Comigo, com certeza, foi muito diferente; quase assim que entrei naquele vale, tive um combate terrível e demorado com aquele demônio repugnante, Apoliom. Sim, pensei de fato que ele me mataria, especialmente quando me derrubou e me esmagou debaixo de si, como se quisesse me despedaçar; pois, quando me lançou ao chão, minha espada escapou da mão.

62.2 E ele ainda me disse que eu já estava em seu poder. Mas clamei a Deus, e ele me ouviu e me livrou de todas as minhas aflições. Então entrei no Vale da Sombra da Morte e não tive luz durante quase metade do caminho. Muitas e muitas vezes pensei que seria morto ali; mas por fim o dia clareou, o sol nasceu, e percorri o que restava com muito mais facilidade e sossego.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 9

✦

1 Ademais, vi em meu sonho que, enquanto seguiam adiante, Fiel, ao olhar por acaso para um lado, viu um homem chamado Tagarela, que caminhava a certa distância ao lado deles; pois naquele lugar havia espaço suficiente para todos caminharem. Era um homem alto, e um pouco mais bonito de longe do que de perto. Fiel dirigiu-se a esse homem da seguinte maneira:

2 FIEL. Amigo, para onde vai? Está indo para a pátria celestial?

3 TAG. Estou indo para o mesmo lugar.

4 FIEL. Que bom; então espero que possamos contar com sua boa companhia.

5 TAG. Com muito prazer serei seu companheiro.

6 FIEL. Venha, então, vamos juntos e passemos nosso tempo conversando sobre coisas proveitosas.

7 TAG. Conversar sobre coisas boas me agrada muito, seja com você ou com qualquer outro; e fico contente por ter encontrado pessoas dispostas a tão boa atividade; pois, para dizer a verdade, poucos se importam em passar assim o tempo durante suas viagens, preferindo muito mais falar de coisas sem proveito; e isso tem me incomodado.

8 FIEL. Isso é mesmo de lamentar; pois que coisas merecem tanto o uso da língua e da boca dos homens na terra quanto as coisas do Deus do céu?

9 TAG. Gosto muitíssimo de você, pois suas palavras são cheias de convicção; e acrescento: que coisa é tão agradável e tão proveitosa quanto falar das coisas de Deus? Que coisas são tão agradáveis, isto é, se alguém tem prazer em coisas maravilhosas? Por exemplo, se alguém gosta de falar da história ou do mistério das coisas; ou se gosta de falar de milagres, maravilhas ou sinais, onde encontrará registros tão agradáveis e escritos com tanta doçura quanto na Sagrada Escritura?

10 FIEL. É verdade; mas nosso propósito ao conversar sobre essas coisas deve ser tirar proveito delas.

11 TAG. Foi isso que eu disse; pois conversar sobre essas coisas é muito proveitoso; fazendo isso, uma pessoa pode adquirir conhecimento de muitas coisas, como a vaidade das coisas terrenas e o benefício das coisas do alto.

11.2 Isso de modo geral; mas, mais especificamente, por esse meio uma pessoa pode aprender a necessidade do novo nascimento, a insuficiência de nossas obras, a necessidade da justiça de Cristo, etc.

11.3 Além disso, pela conversa uma pessoa pode aprender o que é se arrepender, crer, orar, sofrer e coisas semelhantes; por esse meio também pode aprender quais são as grandes promessas e consolações do evangelho, para seu próprio conforto. E ainda pode aprender a refutar opiniões falsas, defender a verdade e instruir os ignorantes.

12 FIEL. Tudo isso é verdade, e fico contente em ouvir essas coisas de você.

13 TAG. Ah! É a falta disso que faz com que tão poucos compreendam a necessidade da fé e de uma obra da graça em sua alma para alcançar a vida eterna; em vez disso, vivem na ignorância, presos às obras da lei, pelas quais ninguém pode de modo algum alcançar o reino dos céus.

14 FIEL. Mas, com sua licença, o conhecimento celestial dessas coisas é dom de Deus; ninguém o alcança pelo esforço humano, nem apenas por conversar sobre elas.

15 TAG. Sei muito bem de tudo isso; pois ninguém pode receber coisa alguma se não lhe for dada do céu; tudo vem da graça, e não das obras. Eu poderia lhe apresentar uma centena de passagens das Escrituras para confirmar isso.

16 FIEL. Bem, então, disse Fiel, qual será o assunto em que basearemos nossa conversa neste momento?

17 TAG. O que você quiser. Falarei de coisas celestiais ou terrenas; de coisas morais ou evangélicas; de coisas sagradas ou profanas; de coisas passadas ou futuras; de coisas estrangeiras ou de nossa terra; de coisas mais essenciais ou de circunstâncias; desde que tudo seja para nosso proveito.

18 FIEL. Então Fiel começou a se admirar; e, aproximando-se de Cristão, que durante todo esse tempo caminhava sozinho, disse-lhe em voz baixa: Que excelente companheiro encontramos! Certamente esse homem será um ótimo peregrino.

19 CRISTÃO. Ao ouvir isso, Cristão sorriu discretamente e disse: Esse homem, com quem você está tão encantado, enganará, com essa língua dele, vinte pessoas que não o conheçam.

20 FIEL. Você o conhece, então?

21 CRISTÃO. Se o conheço! Sim, melhor do que ele conhece a si mesmo.

22 FIEL. Diga-me, por favor, que tipo de homem ele é?

23 CRISTÃO. Seu nome é Tagarela; ele mora em nossa cidade. Admiro-me de que você não o conheça, mas levo em conta que nossa cidade é grande.

24 FIEL. De quem ele é filho? E em que parte da cidade mora?

25 CRISTÃO. Ele é filho de um tal Bem-Falar; morava na Rua da Tagarelice; e todos os que o conhecem o chamam de Tagarela da Rua da Tagarelice; e, apesar de sua bela fala, não passa de um sujeito desprezível.

26 FIEL. Bem, ele parece ser um homem muito agradável.

27 CRISTÃO. Isso para quem não o conhece a fundo; pois ele se mostra melhor longe de casa; perto de casa, é bem desagradável. Você dizer que ele é um homem agradável me faz lembrar do que observei na obra de um pintor, cujos quadros parecem melhores à distância, mas, vistos bem de perto, são menos agradáveis.

28 FIEL. Mas estou inclinado a pensar que você está apenas brincando, porque sorriu.

29 CRISTÃO. Deus me livre de brincar com esse assunto, embora eu tenha sorrido, ou de acusar alguém falsamente! Vou lhe revelar mais sobre ele. Esse homem serve para qualquer companhia e para qualquer conversa; assim como fala agora com você, também falará quando estiver sentado num banco de taverna; e, quanto mais bebida tiver na cabeça, mais dessas coisas terá na boca; a religião não tem lugar em seu coração, em sua casa ou em sua conduta; tudo o que ele tem está na língua, e sua religião consiste em fazer barulho com ela.

30 FIEL. É mesmo! Então me enganei muito a respeito desse homem.

31 CRISTÃO. Enganou-se! Pode ter certeza disso; lembre-se do provérbio: "Eles dizem e não fazem." Mas o reino de Deus não consiste em palavras, e sim em poder. Ele fala de oração, de arrependimento, de fé e do novo nascimento; mas só sabe falar dessas coisas. Já estive entre sua família e o observei tanto em casa quanto fora dela; e sei que o que digo a seu respeito é verdade.

31.2 Sua casa é tão vazia de religião quanto a clara de um ovo é de sabor. Não há ali oração nem sinal de arrependimento pelo pecado; sim, um animal irracional, segundo sua natureza, serve a Deus muito melhor do que ele.

31.3 Ele é a própria mancha, desonra e vergonha da religião para todos os que o conhecem; por causa dele, quase ninguém fala bem dela em toda aquela parte da cidade onde ele mora. É o que dizem as pessoas do povo que o conhecem: Um santo fora de casa e um diabo dentro dela.

31.4 Sua pobre família sabe que é assim; ele é tão grosseiro, tão dado a insultar seus criados e tão insensato ao lidar com eles, que eles não sabem como servi-lo nem como falar com ele. Os homens que têm negócios com ele dizem que é melhor negociar com um turco do que com ele, pois receberiam dos turcos um tratamento mais justo.

31.5 Esse Tagarela, se possível, será mais esperto que eles, irá defraudá-los, enganá-los e tirar vantagem deles. Além disso, cria os filhos para seguirem seus passos; e, se encontra em algum deles uma tola timidez, pois é assim que chama os primeiros sinais de uma consciência sensível, chama-os de tolos e idiotas, e de modo algum lhes confia muitas tarefas nem os elogia diante dos outros.

31.6 De minha parte, sou da opinião de que, com sua vida perversa, ele fez muitos tropeçarem e caírem; e, se Deus não impedir, será a ruína de muitos outros.

32 FIEL. Bem, meu irmão, tenho de acreditar em você; não só porque diz que o conhece, mas também porque fala dos outros como um cristão. Pois não consigo pensar que você diga essas coisas por má vontade, mas porque tudo é exatamente como diz.

33 CRISTÃO. Se eu o conhecesse tão pouco quanto você, talvez tivesse pensado dele o mesmo que você pensou a princípio; sim, se esse relato a seu respeito viesse apenas daqueles que são inimigos da religião, eu teria pensado que era uma calúnia, algo que muitas vezes sai da boca dos maus e recai sobre o nome e a fé professada dos bons; mas posso provar, por conhecimento próprio, que ele é culpado de todas essas coisas e de muitas outras igualmente ruins.

33.2 Além disso, os homens bons têm vergonha dele; não conseguem chamá-lo de irmão nem de amigo; só a menção de seu nome entre eles os faz corar, se o conhecem.

34 FIEL. Bem, vejo que falar e fazer são duas coisas, e de agora em diante prestarei mais atenção a essa diferença.

35 CRISTÃO. São mesmo duas coisas, e tão diferentes quanto a alma e o corpo; pois, assim como o corpo sem a alma é apenas um cadáver, também o falar, se estiver sozinho, é apenas um cadáver. A alma da religião é a prática: "A religião pura e sem mancha diante de Deus, o Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas em sua aflição e guardar-se das manchas do mundo."

35.2 Tagarela não percebe isso; pensa que ouvir e falar farão dele um bom cristão, e assim engana sua própria alma. Ouvir é como semear a semente; falar não basta para provar que de fato há fruto no coração e na vida; e tenhamos a certeza de que, no dia do juízo, os homens serão julgados segundo seus frutos. Naquele dia não se perguntará: Vocês creram?

35.3 Mas: Vocês praticaram ou apenas falaram? E serão julgados de acordo com isso. O fim do mundo é comparado à nossa colheita; e você sabe que, na colheita, os homens só levam em conta o fruto. Não que possa ser aceita qualquer coisa que não venha da fé, mas digo isso para lhe mostrar como será insignificante naquele dia a fé que Tagarela professa.

36 FIEL. Isso me faz lembrar daquilo que Moisés diz ao descrever o animal puro. É aquele que tem o casco dividido e rumina; não aquele que apenas tem o casco dividido, ou que apenas rumina. A lebre rumina, mas ainda assim é impura, porque não tem o casco dividido. E isso se parece muito com Tagarela; ele rumina, busca conhecimento, rumina a palavra; mas não divide o casco, não se afasta do caminho dos pecadores; antes, como a lebre, conserva a pata de um cão ou de um urso, e por isso é impuro.

37 CRISTÃO. Pelo que sei, você expressou o verdadeiro sentido evangélico dessas passagens. E acrescentarei outra coisa: Paulo chama alguns homens, e grandes faladores também, de bronze que soa e címbalos que retinem; isto é, como ele explica em outro lugar, coisas sem vida que produzem som.

37.2 Coisas sem vida, ou seja, sem a verdadeira fé e a graça do evangelho; e, consequentemente, coisas que jamais serão colocadas no reino dos céus entre os que são filhos da vida; ainda que o som de sua fala seja como a língua ou a voz de um anjo.

38 FIEL. Bem, por mais que eu tenha gostado da companhia dele no começo, agora estou igualmente farto dela. O que faremos para nos livrar dele?

39 CRISTÃO. Siga meu conselho e faça o que eu disser, e verá que em breve ele também ficará farto de sua companhia, a menos que Deus toque seu coração e o transforme.

40 FIEL. O que você quer que eu faça?

41 CRISTÃO. Ora, vá até ele e comece uma conversa séria sobre o poder da religião; e pergunte-lhe claramente, depois que ele manifestar sua aprovação, pois certamente o fará, se esse poder está estabelecido em seu coração, em sua casa ou em sua conduta.

42 FIEL. Então Fiel tornou a se adiantar e disse a Tagarela: Vamos lá, como vai? Como estão as coisas agora?

43 TAG. Bem, obrigado. Pensei que a esta altura já teríamos conversado bastante.

44 FIEL. Bem, se quiser, começaremos agora; e, como você deixou a meu critério a escolha da questão, que seja esta: Como a graça salvadora de Deus se manifesta quando está no coração de uma pessoa?

45 TAG. Percebo, então, que nossa conversa deve ser sobre o poder dessas coisas. Bem, é uma ótima pergunta, e terei prazer em responder. Eis minha resposta, em poucas palavras: Primeiro, onde a graça de Deus está no coração, ela provoca um grande clamor contra o pecado. Segundo—

46 FIEL. Não, espere, vamos considerar uma coisa de cada vez. Acho que você deveria dizer: Ela se manifesta ao inclinar a alma a abominar seu próprio pecado.

47 TAG. Ora, que diferença há entre clamar contra o pecado e abominá-lo?

48 FIEL. Ah, há uma grande diferença. Um homem pode denunciar o pecado por conveniência, mas só pode abominá-lo por uma aversão piedosa a ele. Ouvi muitos denunciarem o pecado no púlpito, embora o tolerem muito bem no coração, em casa e na conduta.

48.2 A senhora de José gritou em alta voz, como se fosse muito santa; mas, apesar disso, teria cometido de boa vontade um ato impuro com ele. Alguns denunciam o pecado como a mãe que repreende a filha em seu colo, chamando-a de porquinha e menina levada, e depois começa a abraçá-la e beijá-la.

49 TAG. Percebo que você está à espreita de um deslize.

50 FIEL. Não, de modo algum; só quero pôr as coisas em ordem. Mas qual é a segunda coisa pela qual você provaria que uma obra da graça se manifesta no coração?

51 TAG. Um grande conhecimento dos mistérios do evangelho.

52 FIEL. Esse sinal deveria ter vindo primeiro; mas, primeiro ou último, também é falso; pois é possível adquirir conhecimento, grande conhecimento dos mistérios do evangelho, sem que haja qualquer obra da graça na alma. Sim, ainda que um homem tenha todo o conhecimento, pode não ser nada e, portanto, não ser filho de Deus.

52.2 Quando Cristo disse: "Vocês sabem todas essas coisas?", e os discípulos responderam que sim, ele acrescentou: "Felizes são vocês se as praticarem." Ele não põe a bênção em conhecê-las, mas em praticá-las. Pois há um conhecimento que não vem acompanhado da prática: aquele que conhece a vontade de seu senhor e não a cumpre.

52.3 Um homem pode saber tanto quanto um anjo e ainda assim não ser cristão; por conseguinte, seu sinal não é verdadeiro. De fato, conhecer é algo que agrada aos faladores e aos que se vangloriam, mas praticar é o que agrada a Deus. Não que o coração possa ser bom sem conhecimento; pois, sem ele, o coração não presta. Há, portanto, conhecimento e conhecimento.

52.4 Há o conhecimento que se limita à mera especulação sobre as coisas; e há o conhecimento acompanhado pela graça da fé e do amor, que leva o homem a fazer de coração a vontade de Deus: o primeiro serve ao falador; mas, sem o outro, o verdadeiro cristão não se contenta. "Dá-me entendimento, e guardarei a tua lei; sim, eu a observarei de todo o coração."

53 TAG. Você está novamente à espreita de um deslize; isso não serve para edificar.

54 FIEL. Bem, se quiser, apresente outro sinal de como essa obra da graça se manifesta onde existe.

55 TAG. Não vou, pois vejo que não chegaremos a um acordo.

56 FIEL. Bem, se você não quer, permite que eu faça isso?

57 TAG. Fique à vontade.

58 FIEL. Uma obra da graça na alma se manifesta tanto àquele que a possui como aos que o cercam.

59 Àquele que a possui, manifesta-se assim: ela lhe dá convicção do pecado, especialmente da impureza de sua natureza e do pecado da incredulidade, pelo qual certamente será condenado se não encontrar misericórdia nas mãos de Deus, pela fé em Jesus Cristo.

59.2 Essa percepção e esse sentimento produzem nele tristeza e vergonha pelo pecado; além disso, ele encontra o Salvador do mundo revelado em seu íntimo e percebe a necessidade absoluta de se unir a ele para ter vida; com isso, sente fome e sede dele; e é a essa fome e sede, etc., que se dirige a promessa.

59.3 Ora, conforme a força ou a fraqueza de sua fé no Salvador, assim são sua alegria e sua paz, seu amor à santidade, seu desejo de conhecê-lo mais e também de servi-lo neste mundo.

59.4 Mas, embora eu diga que ela se manifesta assim a ele, raramente ele consegue concluir que isso é uma obra da graça; porque suas corrupções presentes e sua razão mal empregada levam sua mente a julgar mal essa questão; por isso, aquele que possui essa obra precisa de um discernimento muito sólido para poder concluir com firmeza que se trata de uma obra da graça.

60 Aos outros, ela se manifesta assim:

61 1. Por uma confissão de sua fé em Cristo baseada na experiência.

62 2. Por uma vida que corresponda a essa confissão; isto é, uma vida de santidade, santidade no coração, santidade na família, se ele tiver família, e santidade na conduta no mundo; essa vida, em geral, o ensina interiormente a abominar seu pecado e a si mesmo por causa dele, em segredo; a re-

primi-lo em sua família e a promover a santidade no mundo; não apenas por palavras, como podem fazer um hipócrita ou um falador, mas por uma submissão prática, em fé e amor, ao poder da Palavra.

62.2 E agora, senhor, quanto a essa breve descrição da obra da graça e de sua manifestação, se tem algo a contestar, conteste; se não, permita que eu lhe faça uma segunda pergunta.

63 TAG. Não, agora me cabe ouvir, e não contestar; portanto, faça sua segunda pergunta.

64 FIEL. É esta: você experimenta essa primeira parte da descrição? E sua vida e sua conduta dão testemunho disso? Ou sua religião está na palavra ou na língua, e não em atos e em verdade?

64.2 Por favor, se estiver disposto a me responder, não diga mais do que sabe que o Deus lá do alto confirmará com um Amém; nem diga coisa alguma que sua consciência não possa justificar; pois não é aprovado aquele que recomenda a si mesmo, mas aquele a quem o Senhor recomenda.

64.3 Além disso, dizer que sou isto e aquilo, quando minha conduta e todos os meus vizinhos dizem que estou mentindo, é uma grande maldade.

65 TAG. Então Tagarela começou a corar; mas, recompondo-se, respondeu assim: Agora você passa à experiência, à consciência e a Deus, e apela a ele para confirmar o que é dito. Eu não esperava esse tipo de conversa; nem estou disposto a responder a tais perguntas, porque não me considero obrigado a isso, a menos que você assuma o papel de catequista; e, mesmo que o faça, ainda posso me recusar a aceitar você como meu juiz. Mas, por favor, diga-me por que me faz essas perguntas.

66 FIEL. Porque vi que você estava disposto a falar e porque não sabia se tinha algo além de ideias. Além disso, para lhe dizer toda a verdade, ouvi dizer que você é um homem cuja religião se limita à conversa, e que sua conduta desmente essa profissão de fé que só existe na boca.

67 Dizem que você é uma mancha entre os cristãos; e que a religião sofre por causa de sua conduta ímpia; que alguns já tropeçaram em seus maus caminhos e que outros correm o risco de ser destruídos por eles; sua religião convive com a taberna, a cobiça, a impureza, os palavrões, as mentiras, as companhias fúteis, etc. Aplica-se a você o provérbio que se diz de uma prostituta, isto é, que ela é uma vergonha para todas as mulheres; assim também você é uma vergonha para todos os que professam a fé.

68 TAG. Já que você está tão disposto a aceitar o que ouve e a julgar com tanta precipitação, só posso concluir que é um homem irritadiço ou melancólico, com quem não convém conversar; portanto, adeus.

69 CRISTÃO. Então Cristão se aproximou e disse a seu irmão: Eu lhe disse como isso terminaria: suas palavras e os desejos dele não podiam concordar; ele preferiu abandonar sua companhia a corrigir a própria vida. Mas ele se foi, como eu disse; deixe-o ir, só ele sai perdendo; poupou-nos o trabalho de nos afastarmos dele; pois, continuando como está, e suponho que continuará, seria apenas uma mancha em nossa companhia; além disso, o apóstolo diz: "Afaste-se dessas pessoas."

70 FIEL. Mas fico contente por termos tido essa breve conversa com ele; pode ser que volte a pensar nela; de qualquer forma, falei com franqueza, e assim estou livre da culpa por seu sangue, caso ele pereça.

71 CRISTÃO. Você fez bem em falar com ele com tanta franqueza; hoje em dia há pouca sinceridade desse tipo no trato com as pessoas, e é isso que faz a religião cheirar tão mal para tantos; pois são esses tolos tagarelas, cuja religião existe apenas em palavras e cuja conduta é devassa e fútil, que, sendo tão bem aceitos na comunhão dos piedosos, confundem o mundo, mancham o cristianismo e entristecem os sinceros.

71.2 Gostaria que todos tratassem essas pessoas como você fez: então elas se ajustariam mais à religião, ou a companhia dos santos se tornaria insuportável para elas. Então Fiel disse:

72 Como Tagarela empina suas penas no começo!
Com que ousadia fala! Como presume
Derrubar todos à sua frente! Mas, assim que
Fiel fala da obra no coração, como a lua
Que passou da fase cheia, ele começa a minguar.
E assim será com todos, salvo quem conhece a OBRA NO CORAÇÃO.

73 Assim, continuaram conversando sobre o que tinham visto pelo caminho, tornando fácil aquela jornada que, de outro modo, sem dúvida lhes teria sido cansativa; pois agora atravessavam uma região deserta.

74 Quando já estavam quase saindo dessa região deserta, Fiel por acaso olhou para trás e avistou alguém que vinha atrás deles, e o reconheceu. Ah!, disse Fiel a seu irmão, quem vem lá? Então Cristão olhou e disse: É meu bom amigo Evangelista. Sim, e meu bom amigo também, disse Fiel, pois foi ele quem me pôs no caminho para a porta. Evangelista então os alcançou e os saudou assim:

75 EVANG. A paz esteja com vocês, queridos amados; e a paz esteja com os que os ajudam.

76 CRISTÃO. Bem-vindo, bem-vindo, meu bom Evangelista; ver seu rosto me faz lembrar sua bondade de antes e seus esforços incansáveis pelo meu bem eterno.

77 FIEL. E seja mil vezes bem-vindo, disse o bom Fiel. Sua companhia, querido Evangelista, como é desejável para nós, pobres peregrinos!

78 EVANG. Então Evangelista disse: Como vocês têm passado, meus amigos, desde a última vez que nos despedimos? O que encontraram e como se comportaram?

79 Então Cristão e Fiel lhe contaram tudo o que lhes havia acontecido pelo caminho; e como, e com que dificuldade, tinham chegado àquele lugar.

80 EVANG. Fico muito contente, disse Evangelista, não por vocês terem enfrentado provações, mas por terem sido vencedores; e por terem continuado no caminho até este dia, apesar de muitas fraquezas.

81 Digo que fico muito contente com isso, tanto por mim como por vocês. Eu semeei, e vocês colheram; e vem o dia em que tanto aquele que semeou como os que colheram se alegrarão juntos; isto é, se vocês perseverarem: "pois no devido tempo colherão, se não desanimarem." A coroa está diante de vocês, e é uma coroa incorruptível; corram, portanto, de modo a alcançá-la.

81.2 Há alguns que partem em busca dessa coroa e, depois de percorrerem um longo caminho para obtê-la, outro vem e a toma deles; por conseguinte, conservem com firmeza o que têm; não deixem que ninguém tome sua coroa.

81.3 Vocês ainda não estão fora do alcance dos tiros do diabo; ainda não resistiram até o sangue na luta contra o pecado; mantenham o reino sempre diante de vocês e creiam firmemente nas coisas invisíveis.

81.4 Não deixem entrar em seu íntimo nada do que está deste lado do outro mundo; e, acima de tudo, vigiem bem seus próprios corações e os desejos deles, "pois são mais enganosos que todas as coisas e desesperadamente maus"; tornem seus rostos firmes como a pedra; vocês têm a seu favor todo o poder no céu e na terra.

82 CRISTÃO. Então Cristão lhe agradeceu pela exortação; mas também lhe disse que desejavam que ele lhes falasse mais, para ajudá-los no restante do caminho, sobretudo porque sabiam muito bem que ele era profeta e podia lhes contar as coisas que poderiam lhes acontecer, e também como poderiam resistir a elas e vencê-las. Fiel também concordou com esse pedido. Então Evangelista começou assim:—

83 EVANG. Meus filhos, vocês ouviram, nas palavras da verdade do evangelho, que devem entrar no reino dos céus por meio de muitas tribulações. E também que em cada cidade os esperam prisões e aflições; por conseguinte, não podem esperar seguir por muito tempo em sua peregrinação sem encontrá-las, de uma forma ou de outra.

83.2 Vocês já experimentaram um pouco da verdade desses testemunhos, e mais virá logo em seguida; pois agora, como veem, estão quase fora desta região deserta e, portanto, logo chegarão a uma cidade que em breve verão diante de vocês; e nessa cidade serão duramente cercados por inimigos, que farão todo o esforço para matá-los; e tenham certeza de que um de vocês, ou ambos, terá de selar com sangue o testemunho que sustenta; mas sejam fiéis até a morte, e o Rei lhes dará uma coroa de vida.

84 Aquele que morrer ali, embora sua morte não seja natural e sua dor talvez seja grande, ainda assim estará em melhor situação que seu companheiro; não só porque terá chegado primeiro à Cidade Celestial, mas porque escapará de muitas misérias que o outro encontrará no restante de sua jornada. Mas, quando vocês chegarem à cidade e virem cumprido o que relatei aqui, lembrem-se de seu amigo, portem-se como homens e, fazendo o bem, entreguem suas almas aos cuidados de seu Deus, como a um Criador fiel.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 10

✦

1 Então vi em meu sonho que, quando saíram do deserto, logo avistaram uma cidade à sua frente, e o nome daquela cidade é Vaidade; e na cidade se realiza uma feira, chamada Feira da Vaidade: ela funciona o ano inteiro. Recebe o nome de Feira da Vaidade porque a cidade onde se realiza é mais leve que a vaidade; e também porque tudo o que ali se vende, ou que para lá vem, é vaidade. Como diz o sábio: "tudo o que vem é vaidade".

2 Essa feira não é um negócio recém-criado, mas algo que existe desde tempos antigos; vou lhes mostrar sua origem.

3 Há quase cinco mil anos, havia peregrinos caminhando para a Cidade Celestial, assim como essas duas pessoas honestas; e Belzebu, Apoliom e Legião, com seus companheiros, percebendo, pelo caminho que os peregrinos faziam, que sua rota para a cidade passava por essa cidade de Vaidade, planejaram estabelecer ali uma feira; uma feira na qual se vendesse toda espécie de vaidade, e que durasse o ano inteiro. Por isso, nessa feira se vendem mercadorias como casas, terras, ofícios, cargos, honras, promoções, títulos, países, reinos, desejos carnais, prazeres e delícias de toda espécie, como prostitutas, alcoviteiros, esposas, maridos, filhos, senhores, servos, vidas, sangue, corpos, almas, prata, ouro, pérolas, pedras preciosas e tudo o mais.

4 Além disso, nessa feira podem-se ver a toda hora truques de trapaceiros, jogos, peças de teatro, bobos, macacos, velhacos e patifes de toda espécie.

5 Ali também se podem ver, sem pagar nada, roubos, assassinatos, adultérios e pessoas que juram falsamente, tudo isso com uma cor vermelha de sangue.

6 E assim como em outras feiras de menor importância há diversas alamedas e ruas, com seus respectivos nomes, onde se vendem estas ou aquelas mercadorias, aqui também há os lugares, alamedas e ruas próprios, isto é, países e reinos, onde as mercadorias dessa feira são encontradas com mais facilidade.

6.2 Ali estão a Alameda Britânica, a Alameda Francesa, a Alameda Italiana, a Alameda Espanhola e a Alameda Alemã, onde se vendem diversas espécies de vaidades. Mas, assim como em outras feiras uma mercadoria se destaca como a principal de toda a feira, os produtos de Roma e seu comércio são muito favorecidos nessa feira; somente nossa nação inglesa, com algumas outras, passou a ter aversão a eles.

7 Ora, como eu disse, o caminho para a Cidade Celestial passa justamente por essa cidade onde se realiza essa feira tão movimentada; e quem quiser ir à cidade sem passar por esse lugar terá de sair do mundo.

7.2 O próprio Príncipe dos príncipes, quando esteve aqui, passou por essa cidade a caminho de sua pátria, e isso num dia de feira; sim, e creio que foi Belzebu, o principal senhor dessa feira, quem o convidou a comprar de suas vaidades; sim, ele o teria feito senhor da feira, se apenas lhe tivesse prestado reverência ao passar pela cidade.

7.3 E, por ser ele uma pessoa de tamanha honra, Belzebu o levou de rua em rua e lhe mostrou todos os reinos do mundo em pouco tempo, para tentar, se possível, atrair o Bendito a negociar o preço e comprar algumas de suas vaidades; mas ele não tinha interesse na mercadoria e, por isso, dei-

xou a cidade sem gastar sequer uma moedinha nessas vaidades. Essa feira, portanto, é algo antigo, que existe há muito tempo, e é uma feira muito grande.

8 Ora, esses peregrinos, como eu disse, precisavam passar por essa feira. E assim fizeram; mas eis que, assim que entraram na feira, todas as pessoas que ali estavam se agitaram, e a própria cidade ficou como que em alvoroço por causa deles; e isso por várias razões, pois—

9 Primeiro, os peregrinos usavam roupas diferentes das de qualquer pessoa que negociava naquela feira. Por isso, o povo da feira ficou olhando muito para eles: alguns diziam que eram tolos, outros que eram loucos, e outros que eram estrangeiros.

10 Segundo, assim como estranhavam suas roupas, também estranhavam sua fala, pois poucos conseguiam entender o que diziam; eles falavam naturalmente a língua de Canaã, mas os que mantinham a feira eram homens deste mundo; de modo que, de uma ponta à outra da feira, pareciam bárbaros uns aos outros.

11 Terceiro, o que causava bastante espanto aos comerciantes era que esses peregrinos davam pouquíssimo valor a todas as suas mercadorias; nem sequer se interessavam em olhar para elas; e, se os chamavam para comprar, tapavam os ouvidos com os dedos e clamavam: Desvia meus olhos de contemplar a vaidade; e olhavam para o alto, indicando que seus negócios e seu comércio estavam no céu.

12 Aconteceu que um deles, observando a maneira como aqueles homens se comportavam, lhes perguntou em tom de zombaria: O que vocês querem comprar? Mas eles, olhando seriamente para ele, responderam: "Com-

pramos a verdade".

12.2 Isso serviu de pretexto para desprezarem ainda mais aqueles homens; alguns zombavam, outros provocavam, outros os insultavam, e alguns incitavam os demais a bater neles. Por fim, tudo se transformou em alvoroço e grande agitação na feira, a ponto de toda a ordem se desfazer.

12.3 Logo levaram a notícia ao grande senhor da feira, que desceu depressa e encarregou alguns de seus amigos mais confiáveis de interrogar aqueles homens, por causa dos quais a feira quase tinha sido virada de cabeça para baixo.

12.4 Assim, os homens foram levados para interrogatório; e os que os interrogavam lhes perguntaram de onde vinham, para onde iam e o que faziam ali com roupas tão incomuns.

12.5 Os homens lhes disseram que eram peregrinos e estrangeiros no mundo, e que iam para sua própria pátria, que era a Jerusalém celestial; e que não tinham dado motivo algum aos homens da cidade nem aos comerciantes para maltratá-los assim e impedir sua viagem, a menos que fosse porque, quando alguém lhes perguntou o que queriam comprar, disseram que queriam comprar a verdade.

12.6 Mas os encarregados de interrogá-los não acreditaram que fossem outra coisa senão loucos e insensatos, ou então pessoas que tinham vindo para lançar tudo em confusão na feira. Por isso, agarraram-nos, bateram neles, cobriram-nos de sujeira e depois os puseram na jaula, para que servissem de espetáculo a todos os homens da feira.

13 Vejam a Feira da Vaidade! Os Peregrinos ali
Estão acorrentados, lado a lado:
Assim também nosso Senhor passou por aqui,

E no monte Calvário morreu.

14 Ali, por conseguinte, ficaram por algum tempo, expostos à zombaria, à maldade ou à vingança de qualquer pessoa, enquanto o grande senhor da feira continuava rindo de tudo o que lhes acontecia.

14.2 Mas, como os homens eram pacientes e não retribuíam insulto com insulto, mas, pelo contrário, davam bênçãos e boas palavras em troca das más, e bondade em troca das ofensas recebidas, alguns homens da feira, mais atentos e menos preconceituosos que os demais, começaram a repreender e censurar os mais vis pelos constantes maus-tratos que infligiam àqueles homens.

14.3 Estes, então, voltaram-se furiosos contra eles, considerando-os tão maus quanto os homens da jaula e dizendo que pareciam seus cúmplices e deveriam compartilhar de suas desgraças.

14.4 Os outros responderam que, pelo que podiam ver, aqueles homens eram pacíficos e sensatos e não pretendiam fazer mal a ninguém; e que havia muitos que negociavam na feira que mereciam ser postos na jaula, e até no pelourinho, mais do que os homens que eles tinham maltratado.

14.5 Assim, depois de trocarem várias palavras de ambos os lados, enquanto os homens se comportavam diante deles com muita sabedoria e sensatez, começaram a trocar golpes entre si e a ferir uns aos outros. Então esses dois pobres homens foram levados novamente diante de seus interrogadores e ali acusados de serem culpados pelo recente tumulto ocorrido na feira.

14.6 Por isso, bateram neles de modo cruel, prenderam-lhes ferros e os conduziram acorrentados de um lado para o outro da feira, para servir de exemplo e causar terror aos demais, a fim de que ninguém falasse em sua

defesa nem se juntasse a eles.

14.7 Mas Cristão e Fiel se comportaram com ainda mais sabedoria e receberam a desonra e a vergonha que lhes impunham com tanta mansidão e paciência que conquistaram para o seu lado vários homens da feira, embora fossem poucos em comparação com os demais. Isso deixou o outro grupo ainda mais furioso, a ponto de decidirem pela morte desses dois homens.

14.8 Por isso, ameaçaram que a jaula e os ferros não bastariam para eles, mas que deveriam morrer pelo mal que tinham feito e por enganar os homens da feira.

15 Então foram mandados de volta à jaula, até que se tomassem novas providências a seu respeito. Assim, puseram-nos lá dentro e prenderam seus pés no tronco.

16 Ali, portanto, lembraram-se novamente do que tinham ouvido de seu fiel amigo Evangelista, e ficaram ainda mais firmes em seu caminho e em seus sofrimentos, por causa do que ele lhes dissera que aconteceria.

16.2 Também passaram a consolar um ao outro, dizendo que aquele a quem coubesse sofrer teria a melhor parte; por isso, cada um desejava em segredo que esse privilégio lhe coubesse. Mas, entregando-se à disposição de sabedoria perfeita daquele que governa todas as coisas, permaneceram muito contentes na condição em que estavam, até que outro destino lhes fosse dado.

17 Então, tendo sido marcada uma ocasião conveniente, levaram-nos a julgamento, com o propósito de condená-los. Quando chegou a hora, foram levados diante de seus inimigos e formalmente acusados. O nome do juiz

era Senhor Odeia-o-Bem. A acusação contra ambos era a mesma em essência, embora variasse um pouco na forma, e seu conteúdo era este:—

18 "Que eram inimigos de seu comércio e o perturbavam; que haviam provocado tumultos e divisões na cidade e conquistado um grupo de seguidores para suas opiniões extremamente perigosas, em desprezo à lei de seu príncipe."

19 Agora, FIEL, seja corajoso, fale por seu Deus:
Não tema a maldade dos perversos, nem sua vara:
Fale com ousadia, homem, a verdade está ao seu lado:
Morra por ela e avance em triunfo para a vida.

20 Então Fiel começou a responder que apenas se havia colocado contra aquilo que se colocava contra aquele que está acima do mais elevado. E, disse ele, quanto a perturbações, não causo nenhuma, pois sou um homem de paz; os que foram conquistados para o nosso lado foram conquistados ao contemplar nossa verdade e inocência, e apenas passaram do pior para o melhor. E, quanto ao rei de quem vocês falam, como ele é Belzebu, o inimigo de nosso Senhor, eu desafio a ele e a todos os seus anjos.

21 Então foi proclamado que todos os que tivessem algo a dizer em favor de seu senhor, o rei, contra o prisioneiro no banco dos réus, comparecessem imediatamente e apresentassem seu testemunho. Assim, vieram três testemunhas, a saber: Inveja, Superstição e Bajulador. Perguntaram-lhes então se conheciam o prisioneiro no banco dos réus e o que tinham a dizer contra ele em favor de seu senhor, o rei.

22 Então Inveja se adiantou e disse o seguinte: Meu senhor, conheço este homem há muito tempo e atestarei sob juramento, diante deste honrado tribunal, que ele é—

23 JUIZ. Espere! Faça-o prestar juramento. (Assim, fizeram-no jurar.) Então ele disse—

24 INVEJA. Meu senhor, este homem, apesar de seu nome respeitável, é um dos homens mais vis de nosso país. Não respeita príncipe nem povo, lei nem costume; mas faz tudo o que pode para incutir em todos certas ideias desleais, às quais costuma dar o nome de princípios de fé e santidade.

24.2 E, em particular, eu mesmo o ouvi certa vez afirmar que o cristianismo e os costumes de nossa cidade de Vaidade eram diametralmente opostos e não podiam ser conciliados. Com essa afirmação, meu senhor, ele não só condena de uma vez todas as nossas louváveis práticas, mas também a nós por praticá-las.

25 JUIZ. Então o juiz lhe disse: Você tem mais alguma coisa a dizer?

26 INVEJA. Meu senhor, eu poderia dizer muito mais, mas não gostaria de cansar o tribunal. Porém, se for necessário, depois que os outros senhores apresentarem seu testemunho, ampliarei meu depoimento contra ele, para que não falte nada que possa dar fim a ele. Assim, mandaram-no ficar de lado. Então chamaram Superstição e lhe ordenaram que olhasse para o prisioneiro. Também lhe perguntaram o que poderia dizer contra ele em favor de seu senhor, o rei. Então o fizeram prestar juramento, e ele começou.

27 SUPER. Meritíssimo, não conheço muito bem este homem, nem desejo conhecê-lo melhor; contudo, de uma conversa que tive com ele outro dia nesta cidade, sei que é um sujeito muito nocivo; pois, ao conversar com ele,

ouvi-o dizer que nossa religião não prestava e que, por meio dela, ninguém poderia de modo algum agradar a Deus.

27.2 Dessas palavras dele, meritíssimo, Vossa Senhoria sabe muito bem o que necessariamente se segue, a saber: que continuamos a adorar em vão, permanecemos em nossos pecados e, por fim, seremos condenados; e é isso que tenho a dizer.

28 Então Bajulador prestou juramento e recebeu ordem de dizer o que sabia, em nome de seu senhor, o rei, contra o réu que estava diante do tribunal.

29 BAJ. Meritíssimo, e todos os senhores aqui presentes, conheço este sujeito há muito tempo e o ouvi dizer coisas que não deveriam ser ditas; pois insultou nosso nobre príncipe Belzebu e falou com desprezo de seus honrados amigos, cujos nomes são o senhor Velho Homem, o senhor Prazer Carnal, o senhor Luxuoso, o senhor Desejo de Vanglória, meu velho senhor Lascívia, o senhor Ganância de Possuir, e todos os demais membros de nossa nobreza; e disse ainda que, se todos os homens pensassem como ele, se fosse possível, nenhum desses nobres continuaria a viver nesta cidade.

29.2 Além disso, não teve medo de insultar o senhor, meritíssimo, que agora foi designado para ser seu juiz, chamando-o de vilão ímpio, além de muitos outros termos igualmente depreciativos, com os quais cobriu de insultos a maior parte das pessoas de posição de nossa cidade.

30 Quando esse Bajulador terminou seu relato, o Juiz dirigiu-se ao réu diante do tribunal, dizendo: Fugitivo, herege e traidor, você ouviu o que estes homens honestos testemunharam contra você?

31 FIEL. Posso dizer algumas palavras em minha própria defesa?

32 JUIZ. Seu patife! Seu patife! Você não merece viver mais, mas ser morto imediatamente aqui mesmo; contudo, para que todos vejam nossa brandura para com você, vamos ouvir o que tem a dizer, fugitivo desprezível.

33 FIEL. 1. Digo, então, em resposta ao que o senhor Inveja falou, que nunca disse nada além disto: qualquer regra, lei, costume ou pessoa que seja completamente contrário à Palavra de Deus está em oposição direta ao cristianismo. Se errei ao dizer isso, convençam-me do meu erro, e estou pronto a me retratar aqui diante dos senhores.

34 2. Quanto ao segundo, a saber, o senhor Superstição, e à sua acusação contra mim, eu disse apenas isto: na adoração a Deus exige-se uma fé divina; mas não pode haver fé divina sem uma revelação divina da vontade de Deus. Por conseguinte, tudo o que se introduz na adoração a Deus que não esteja de acordo com a revelação divina só pode ser feito por uma fé humana, e essa fé não terá proveito para a vida eterna.

35 3. Quanto ao que o senhor Bajulador disse, digo, evitando expressões como os insultos de que me acusam e outras semelhantes, que o príncipe desta cidade, com toda a corja de seus seguidores que este senhor mencionou, é mais digno de viver no inferno do que nesta cidade e neste país; e assim, que o Senhor tenha misericórdia de mim!

36 Então o Juiz dirigiu-se aos jurados, que durante todo esse tempo estiveram presentes para ouvir e observar: Senhores jurados, os senhores veem este homem, por causa de quem se fez tanto alvoroço nesta cidade. Também ouviram o que estes dignos senhores testemunharam contra ele. Ou-

viram ainda sua resposta e confissão. Agora está nas mãos dos senhores enforcá-lo ou salvar sua vida; mas considero conveniente instruí-los em nossa lei.

37 Nos dias de Faraó, o Grande, servo de nosso príncipe, foi promulgada uma lei que determinava que, para impedir que os de religião contrária se multiplicassem e se tornassem fortes demais para ele, seus meninos fossem lançados no rio.

37.2 Também foi promulgada uma lei nos dias de Nabucodonosor, o Grande, outro de seus servos, determinando que todo aquele que não se prostrasse e adorasse sua imagem de ouro fosse lançado numa fornalha em chamas.

37.3 Houve ainda uma lei promulgada nos dias de Dario, determinando que todo aquele que, durante certo tempo, invocasse qualquer deus além dele fosse lançado na cova dos leões. Ora, este rebelde violou a essência dessas leis, não apenas em pensamento, o que não se pode admitir, mas também em palavras e atos; o que, portanto, só pode ser intolerável.

38 Quanto à lei de Faraó, ela foi feita com base numa suposição, para prevenir o mal, sem que ainda houvesse crime evidente; mas aqui há um crime evidente. Quanto à segunda e à terceira, os senhores veem que ele contesta nossa religião; e, pela traição que confessou, merece sofrer a morte.

39 Então os jurados se retiraram. Seus nomes eram senhor Cego, senhor Inútil, senhor Malícia, senhor Amor à Luxúria, senhor Vida Devassa, senhor Impulsivo, senhor Soberbo, senhor Inimizade, senhor Mentiroso, senhor Crueldade, senhor Ódio à Luz e senhor Implacável.

39.2 Cada um deu aos demais seu veredicto pessoal contra ele, e depois decidiram por unanimidade declará-lo culpado diante do Juiz. Primeiro, entre eles, o senhor Cego, presidente do júri, disse: Vejo claramente que este homem é um herege. Então disse o senhor Inútil: Eliminem da terra um sujeito desses. Sim, disse o senhor Malícia, pois odeio até a aparência dele.

39.3 Então disse o senhor Amor à Luxúria: Nunca pude suportá-lo. Nem eu, disse o senhor Vida Devassa, pois ele sempre condenava meu modo de viver. Enforquem-no, enforquem-no, disse o senhor Impulsivo. Um miserável sem valor, disse o senhor Soberbo. Meu coração se revolta contra ele, disse o senhor Inimizade. É um patife, disse o senhor Mentiroso.

39.4 O enforcamento é bom demais para ele, disse o senhor Crueldade. Vamos acabar com ele e tirá-lo do caminho, disse o senhor Ódio à Luz. Então disse o senhor Implacável: Mesmo que me dessem o mundo inteiro, eu não poderia me reconciliar com ele; portanto, vamos declará-lo imediatamente culpado e digno de morte.

39.5 E assim fizeram; por isso, ele logo foi condenado a ser levado do lugar onde estava de volta ao lugar de onde viera, e ali sofrer a morte mais cruel que se pudesse inventar.

40 Por isso, levaram-no para fora, para fazer com ele o que sua lei determinava; primeiro o açoitaram, depois lhe deram socos e, em seguida, cortaram sua carne com facas; depois disso, apedrejaram-no, então o perfuraram com suas espadas; e, por último, queimaram-no na fogueira até reduzi-lo a cinzas. Assim Fiel chegou ao seu fim.

41 Então vi que atrás da multidão havia uma carruagem e dois cavalos, à espera de Fiel, que, assim que seus adversários o mataram, foi levado para dentro dela e imediatamente conduzido por entre as nuvens, ao som de trombeta, pelo caminho mais curto até a Porta Celestial.

42 Valente FIEL, agiu com bravura em palavras e atos;
Juiz, testemunhas e jurados, em vez
De vencê-lo, apenas mostraram sua fúria:
Quando estiverem mortos, você viverá de era em era*.

43 Quanto a Cristão, porém, ele teve algum alívio e foi mandado de volta à prisão. Ali permaneceu por algum tempo; mas Aquele que governa todas as coisas, tendo em suas mãos o poder da fúria deles, conduziu as coisas de tal modo que Cristão, naquela ocasião, escapou deles e seguiu seu caminho. E, enquanto caminhava, cantava, dizendo:

44 Pois bem, Fiel, você professou fielmente sua fé
Ao seu Senhor, com quem será abençoado,
Quando os infiéis, com todos os seus prazeres vãos,
Estiverem gritando em seus tormentos infernais:
Cante, Fiel, cante, e que seu nome sobreviva;
Pois, embora o tenham matado, você ainda está vivo!

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE II

✦

1 Então vi em meu sonho que Cristão não saiu sozinho, pois havia alguém chamado Esperançoso (que se tornara assim ao observar as palavras e a conduta de Cristão e Fiel em seus sofrimentos na feira), que se juntou a ele e, fazendo uma aliança fraterna, disse que seria seu companheiro.

1.2 Assim, um morreu para dar testemunho da verdade, e outro surge de suas cinzas para acompanhar Cristão em sua peregrinação. Esse Esperançoso também disse a Cristão que havia muitos outros homens na feira que, no devido tempo, os seguiriam.

2 Assim, vi que, pouco depois de saírem da feira, alcançaram alguém que ia adiante deles, cujo nome era Interesseiro. Então lhe perguntaram: De que terra o senhor é? E até onde vai por este caminho? Ele lhes disse que vinha da cidade de Boa-Fala e ia para a Cidade Celestial (mas não lhes disse seu nome).

3 De Boa-Fala! disse Cristão. Há alguma pessoa boa que more lá?

4 INTERESSEIRO. Sim, disse Interesseiro, espero que sim.

5 CRISTÃO. Por favor, senhor, como posso chamá-lo? disse Cristão.

6 INTERESSEIRO. Sou um estranho para vocês, e vocês para mim. Se estão seguindo por este caminho, ficarei contente com sua companhia; caso contrário, terei de me conformar.

7 CRISTÃO. Já ouvi falar dessa cidade de Boa-Fala, disse Cristão; e, se bem me lembro, dizem que é um lugar rico.

8 INTERESSEIRO. Sim, posso lhes garantir que é; e tenho muitos parentes ricos lá.

9 CRISTÃO. Por favor, quem são seus parentes de lá, se me permite a ousadia de perguntar?

10 INTERESSEIRO. Quase a cidade inteira; e, em particular, o senhor Volta-Casaca, o senhor Oportunista, o senhor Boa-Fala (de cujos antepassados a cidade recebeu seu nome), também o sr. Jeitoso, o sr. Duas-Caras, o sr. Qualquer-Coisa; e o pároco da nossa paróquia, o sr. Duas-Línguas, era irmão de minha mãe por parte de pai.

10.2 E, para lhes dizer a verdade, tornei-me um cavalheiro de boa posição, embora meu bisavô fosse apenas um barqueiro, que olhava para um lado e remava para outro; e foi com essa mesma ocupação que consegui a maior parte dos meus bens.

11 CRISTÃO. O senhor é casado?

12 INTERESSEIRO. Sim, e minha esposa é uma mulher muito virtuosa, filha de uma mulher virtuosa. Era filha da senhora Fingimento, por conseguinte veio de uma família muito honrada, e alcançou tamanho refinamento na educação que sabe como se portar com todos, desde o príncipe até o camponês.

12.2 É verdade que, em matéria de religião, divergimos um pouco daqueles que são mais rigorosos, mas apenas em dois pequenos pontos: primeiro, nunca lutamos contra o vento e a maré; segundo, nosso zelo é sempre maior quando a religião anda de sapatinhos de prata. Gostamos muito de andar com ela pela rua quando o sol brilha e o povo a aplaude.

13 Então Cristão se afastou um pouco com seu companheiro Esperançoso e disse: Tenho a impressão de que este é um tal Interesseiro de Boa-Fala; e, se for ele, temos em nossa companhia um dos maiores patifes de toda esta região. Então Esperançoso disse: Pergunte a ele; acho que não deve ter vergonha do próprio nome.

13.2 Assim, Cristão se aproximou dele novamente e disse: Senhor, o senhor fala como se soubesse mais do que todo mundo; e, se não estou enganado, acho que já tenho uma ideia de quem o senhor é. Seu nome não é sr. Interesseiro, de Boa-Fala?

14 INTERESSEIRO. Esse não é meu nome, mas, na verdade, é um apelido que me dão alguns que não me suportam. E tenho de me conformar em carregá-lo como uma afronta, assim como outros homens bons carregaram as suas antes de mim.

15 CRISTÃO. Mas o senhor nunca deu motivo para que o chamassem por esse nome?

16 INTERESSEIRO. Nunca, nunca! A pior coisa que já fiz para lhes dar motivo de me chamarem assim foi ter sempre a sorte de concordar, em minhas opiniões, com a tendência do momento, fosse ela qual fosse, e acontecer de lucrar com isso. Mas, se essas coisas me caem nas mãos, que eu as considere uma bênção; que os maldosos, porém, não me cubram de censuras por causa disso.

17 CRISTÃO. Eu realmente achava que o senhor era o homem de quem ouvi falar; e, para lhe dizer o que penso, temo que esse nome lhe sirva melhor do que o senhor quer que acreditemos.

18 INTERESSEIRO. Bem, se vocês querem pensar assim, nada posso fazer. Verão que sou um companheiro agradável, se ainda me aceitarem como seu associado.

19 CRISTÃO. Se quiser ir conosco, terá de ir contra o vento e a maré, o que, pelo que percebo, contraria sua opinião. Também terá de reconhecer a religião quando ela estiver em farrapos, assim como quando estiver de sapatinhos de prata; e ficar ao lado dela quando estiver presa em correntes, assim como quando andar pelas ruas sob aplausos.

20 INTERESSEIRO. Vocês não devem fazer imposições nem exercer domínio sobre minha fé. Deixem-me minha liberdade e permitam que eu vá com vocês.

21 CRISTÃO. Nem mais um passo, a menos que faça como nós naquilo que proponho.

22 Então Interesseiro disse: Nunca abandonarei meus antigos princípios, pois são inofensivos e lucrativos. Se não posso ir com vocês, devo fazer como fazia antes de me alcançarem: seguir sozinho, até que me alcancem pessoas que fiquem contentes com minha companhia.

23 Então vi em meu sonho que Cristão e Esperançoso o deixaram e seguiram adiante, mantendo distância dele. Mas um deles, olhando para trás, viu três homens seguindo o sr. Interesseiro; e eis que, quando o alcançaram, ele lhes fez uma profunda reverência; e eles também o cumprimentaram. Os homens se chamavam sr. Apego-ao-Mundo, sr. Amor-ao-Dinheiro e sr.

23.2 Poupa-Tudo, homens que o sr. Interesseiro já conhecia havia muito tempo, pois, na infância, tinham sido colegas de escola e recebido aulas de um tal sr. Explorador, mestre de escola em Amor-ao-Lucro, uma cidade de

comércio no condado da Cobiça, ao norte.

23.3 Esse mestre lhes ensinara a arte de obter ganhos, fosse pela violência, pela trapaça, pela bajulação, pela mentira ou pelo disfarce da religião; e esses quatro cavalheiros tinham aprendido tanto da arte de seu mestre que cada um deles poderia ter mantido uma escola dessas por conta própria.

24 Bem, depois de terem se cumprimentado assim, como eu disse, o sr. Amor-ao-Dinheiro perguntou ao sr. Interesseiro: Quem são aqueles na estrada à nossa frente? (Pois Cristão e Esperançoso ainda estavam à vista.)

25 INTERESSEIRO. São dois homens de uma terra distante que, à sua maneira, estão em peregrinação.

26 AMOR-AO-DINHEIRO. Que pena! Por que não ficaram, para que pudéssemos desfrutar de sua boa companhia? Pois eles, nós e o senhor, espero, estamos todos em peregrinação.

27 INTERESSEIRO. De fato, estamos; mas os homens à nossa frente são tão rigorosos, tão apegados às próprias ideias e dão tão pouco valor às opiniões alheias que, por mais piedoso que um homem seja, se não concordar com eles em tudo, eles o expulsam de sua companhia.

28 POUPA-TUDO. Isso é ruim, mas lemos a respeito de alguns que são justos em excesso; e o rigor de tais homens os leva a julgar e condenar todos, menos a si mesmos. Mas, por favor, quais foram os pontos em que vocês divergiram, e quantos eram?

29 INTERESSEIRO. Ora, eles, com sua teimosia, concluem que é dever avançar na viagem em qualquer tempo; já eu prefiro esperar pelo vento e pela maré. Eles defendem que se arrisque tudo por Deus de uma só vez; já

eu prefiro aproveitar todas as vantagens para proteger minha vida e meus bens.

29.2 Eles defendem que se mantenham suas ideias, ainda que todos os outros homens sejam contra eles; mas eu sou a favor da religião naquilo que os tempos e minha segurança permitirem, e até onde permitirem. Eles são a favor da religião quando ela está em farrapos e é desprezada; mas eu sou a favor dela quando anda com seus sapatinhos de ouro, à luz do sol e sob aplausos.

30 APEGO-AO-MUNDO. Sim, e continue firme nisso, bom sr. Interesseiro; pois, de minha parte, só posso considerar tolo aquele que, tendo liberdade para conservar o que possui, é tão insensato a ponto de perdê-lo. Sejamos prudentes como as serpentes; o melhor é secar o feno enquanto o sol brilha.

30.2 Vejam como a abelha fica quieta durante todo o inverno e só se movimenta quando pode obter lucro com prazer. Deus manda chuva às vezes, e às vezes sol; se eles são tão tolos a ponto de enfrentar a primeira, que nós nos contentemos em seguir com tempo bom.

30.3 De minha parte, gosto mais daquela religião que é compatível com a conservação das boas bênçãos que Deus nos deu; pois quem, sendo guiado pela razão, pode imaginar que, tendo Deus nos concedido as coisas boas desta vida, não deseja que as conservemos por amor a ele? Abraão e Salomão enriqueceram na religião. E Jó diz que um homem bom acumulará ouro como pó. Mas ele não deve ser como os homens à nossa frente, se forem como o senhor os descreveu.

31 POUPA-TUDO. Acho que todos concordamos nessa questão e, portanto, não é preciso dizer mais nada a respeito.

32 AMOR-AO-DINHEIRO. Não, de fato não é preciso dizer mais nada sobre essa questão; pois aquele que não acredita nem na Escritura nem na razão (e vocês veem que temos ambas do nosso lado) não conhece sua própria liberdade nem procura sua própria segurança.

33 INTERESSEIRO. Meus irmãos, como veem, estamos todos em peregrinação; e, para melhor nos distrairmos das coisas ruins, permitam-me propor esta pergunta:—

34 Suponham que um homem, um ministro ou um comerciante, etc., tivesse diante de si uma oportunidade de obter as boas bênçãos desta vida, mas de tal modo que não pudesse alcançá-las a menos que, pelo menos na aparência, se tornasse extraordinariamente zeloso em alguns pontos da religião com os quais antes não se ocupava. Não poderia ele usar esses meios para alcançar seu objetivo e ainda assim ser um homem verdadeiramente honesto?

35 AMOR-AO-DINHEIRO. Entendo o fundo de sua pergunta e, com a permissão destes cavalheiros, procurarei formular uma resposta. Primeiro, para tratar de sua pergunta no que diz respeito a um ministro: suponham que um ministro, um homem digno, possua apenas um benefício eclesiástico muito pequeno e tenha em vista outro maior, muito mais farto e rendoso.

35.2 Ele tem agora uma oportunidade de consegui-lo, mas somente se estudar mais, pregar com mais frequência e zelo e, porque a disposição do povo assim exige, alterar alguns de seus princípios. De minha parte, não vejo razão para que um homem não possa fazer isso (desde que tenha um chamado), sim, e muito mais ainda, e continuar sendo honesto. Pois vejam —

36 1. Seu desejo de um benefício maior é legítimo (isso não se pode contestar), uma vez que a Providência o coloca diante dele; portanto, pode obtê-lo, se conseguir, sem levantar questões por motivo de consciência.

37 2. Além disso, seu desejo por esse benefício o torna mais estudioso, um pregador mais zeloso, etc., e assim faz dele um homem melhor; sim, leva-o a desenvolver melhor seus talentos, o que está de acordo com a vontade de Deus.

38 3. Quanto a se ajustar à disposição de seu povo, abrindo mão de alguns de seus princípios para servi-lo, isso demonstra: (1) Que tem uma disposição abnegada; (2) Que possui uma conduta amável e cativante; e assim (3) Que é mais apto para a função ministerial.

39 4. Concluo, então, que um ministro que troca um benefício pequeno por um grande não deve, por isso, ser julgado ganancioso; antes, já que assim aperfeiçoou seus talentos e sua dedicação, deve ser considerado alguém que segue seu chamado e aproveita a oportunidade colocada em suas mãos para fazer o bem.

40 E agora a segunda parte da pergunta, que diz respeito ao comerciante que o senhor mencionou. Suponham que alguém assim tenha apenas uma ocupação de pouco rendimento no mundo, mas, tornando-se religioso, possa melhorar seus negócios, talvez conseguir uma esposa rica ou mais clientes, e muito melhores, para sua loja. De minha parte, não vejo razão para que isso não possa ser feito legitimamente. Pois vejam—

41 1. Tornar-se religioso é uma virtude, sejam quais forem os meios pelos quais um homem se torne assim.

42 2. Também não é ilegítimo conseguir uma esposa rica ou mais freguesia para minha loja.

43 3. Além disso, o homem que consegue essas coisas tornando-se religioso obtém o que é bom daqueles que são bons, tornando-se ele próprio bom. Portanto, aqui temos uma boa esposa, bons clientes e bons lucros, e tudo isso por se tornar religioso, o que é bom; assim, tornar-se religioso para conseguir todas essas coisas é um propósito bom e lucrativo.

44 Essa resposta, dada pelo Sr. Amor-ao-Dinheiro à pergunta do Sr. Segundas-Intenções, foi muito aplaudida por todos eles; por isso concluíram, considerando tudo, que ela era muito sensata e vantajosa.

44.2 E, como pensavam que ninguém seria capaz de contestá-la, e como Cristão e Esperançoso ainda estavam ao alcance da voz, concordaram em abordá-los com a pergunta assim que os alcançassem; ainda mais porque antes eles tinham se oposto ao Sr. Segundas-Intenções.

44.3 Então chamaram por eles, que pararam e ficaram esperando até que os outros chegassem; mas, enquanto caminhavam, decidiram que quem lhes faria a pergunta seria o velho Sr. Apego-ao-Mundo, e não o Sr. Segundas-Intenções, pois supunham que a resposta dada a ele estaria livre do restante da exaltação que surgira entre o Sr. Segundas-Intenções e os dois quando haviam se separado pouco antes.

45 Assim se encontraram e, depois de uma breve saudação, o Sr. Apego-ao-Mundo apresentou a pergunta a Cristão e seu companheiro, pedindo que respondessem, se fossem capazes.

46 CRISTÃO. Então Cristão disse: Até uma criança na religião pode responder a dez mil perguntas como essa. Pois, se é errado seguir Cristo por causa dos pães, como se vê no sexto capítulo de João, quanto mais abominável é fazer dele e da religião um disfarce para conquistar e desfrutar o mundo! E não encontramos ninguém com essa opinião além de pagãos, hipócritas, diabos e feiticeiros.

47 1. Pagãos; pois, quando Hamor e Siquém desejaram a filha e o gado de Jacó e viram que não havia outra maneira de consegui-los a não ser pela circuncisão, disseram aos seus companheiros: Se todos os nossos homens forem circuncidados, como eles são, não serão nossos o gado deles, seus bens e todos os seus animais? A filha e o gado deles eram o que procuravam obter, e a religião deles foi o disfarce de que se serviram para consegui-los. Leiam a história toda.

48 2. Os fariseus hipócritas também eram dessa religião; longas orações eram seu pretexto, mas tomar as casas das viúvas era sua intenção; e uma condenação maior foi a sentença que receberam de Deus.

49 3. Judas, o diabo, também era dessa religião; era religioso por causa da bolsa, para se apoderar do que havia nela; mas se perdeu, foi rejeitado e era o próprio filho da perdição.

50 4. Simão, o feiticeiro, também era dessa religião; pois queria ter o Espírito Santo para ganhar dinheiro com ele; e a sentença que recebeu da boca de Pedro foi correspondente.

51 5. Também não consigo tirar da mente que o homem que abraça a religião por causa do mundo abandonará a religião por causa do mundo; pois, tão certo como Judas renunciou ao mundo ao se tornar religioso, também

vendeu a religião e seu Mestre por esse mesmo mundo.

51.2 Portanto, responder afirmativamente à pergunta, como percebo que vocês fizeram, e aceitar essa resposta como válida é uma atitude pagã, hipócrita e diabólica; e a recompensa de vocês será conforme as suas obras. Então ficaram olhando uns para os outros, mas não tinham o que responder a Cristão.

51.3 Esperançoso também aprovou a solidez da resposta de Cristão; assim, houve um grande silêncio entre eles. O Sr. Segundas-Intenções e seus companheiros também vacilaram e ficaram para trás, deixando Cristão e Esperançoso passar à frente. Então Cristão disse ao seu companheiro: Se esses homens não conseguem suportar a sentença dos homens, o que farão diante da sentença de Deus?

51.4 E, se ficam mudos quando confrontados por vasos de barro, o que farão quando forem repreendidos pelas chamas de um fogo devorador?

52 Então Cristão e Esperançoso voltaram a passar à frente deles e seguiram até chegar a uma agradável planície chamada Descanso, por onde caminharam muito contentes; mas aquela planície era estreita, e logo a atravessaram. Do outro lado dessa planície havia uma pequena colina chamada Lucro, e nela uma mina de prata.

52.2 Alguns dos que antes tinham passado por aquele caminho, por ser ela uma raridade, haviam se desviado para vê-la; mas, chegando perto demais da beira do poço, o chão traiçoeiro cedeu debaixo deles, e morreram; outros também ficaram mutilados ali e, até o dia de sua morte, nunca mais conseguiram cuidar de si mesmos.

53 Então vi em meu sonho que, um pouco afastado da estrada, diante da mina de prata, estava Demas, com aparência de cavalheiro, chamando os viajantes para que viessem ver; ele disse a Cristão e seu companheiro: Ei! Venham aqui, e eu lhes mostrarei uma coisa.

54 CRISTÃO. Que coisa merece tanto a nossa atenção que devamos sair do caminho para vê-la?

55 DEMAS. Aqui há uma mina de prata, e algumas pessoas estão escavando em busca de tesouros. Se vierem, com um pouco de esforço poderão enriquecer.

56 ESPERANÇOSO. Então Esperançoso disse: Vamos ver.

57 CRISTÃO. Eu não, disse Cristão. Já ouvi falar deste lugar e de quantos morreram aqui; além disso, o tesouro é uma armadilha para os que o procuram, pois os atrapalha em sua peregrinação. Então Cristão chamou Demas e disse: Este lugar não é perigoso? Não tem atrapalhado muitos em sua peregrinação?

58 DEMAS. Não é muito perigoso, a não ser para os descuidados. (Mas, ao falar, ficou vermelho.)

59 CRISTÃO. Então Cristão disse a Esperançoso: Não demos um passo nessa direção; continuemos em nosso caminho.

60 ESPERANÇOSO. Eu lhe garanto que, quando Segundas-Intenções chegar, se receber o mesmo convite que nós, irá até lá para ver.

61 CRISTÃO. Sem dúvida, pois seus princípios o levam nessa direção, e há cem chances contra uma de que morra ali.

62 DEMAS. Então Demas chamou de novo, dizendo: Mas vocês não vão vir ver?

63 CRISTÃO. Então Cristão respondeu com firmeza: Demas, você é inimigo dos caminhos retos do Senhor deste caminho e já foi condenado por um dos juízes de Sua Majestade por ter se desviado; por que procura nos levar à mesma condenação? Ademais, se nos desviarmos de alguma forma, nosso Senhor e Rei certamente saberá disso e nos envergonhará justamente onde desejamos estar diante dele com confiança.

64 Demas tornou a gritar que também pertencia à irmandade deles e que, se esperassem um pouco, ele também caminharia com eles.

65 CRISTÃO. Então Cristão disse: Qual é o seu nome? Não é o mesmo pelo qual o chamei?

66 DEMAS. Sim, meu nome é Demas; sou filho de Abraão.

67 CRISTÃO. Eu conheço você; Geazi era seu bisavô, e Judas, seu pai; e você tem seguido os passos deles. O que você faz é uma artimanha diabólica; seu pai foi enforcado como traidor, e você não merece recompensa melhor. Pode ter certeza de que, quando chegarmos ao Rei, contaremos a ele esse seu comportamento. Assim, seguiram seu caminho.

68 A essa altura, Segundas-Intenções e seus companheiros já estavam de novo à vista e, ao primeiro aceno, foram até Demas. Ora, se caíram no poço ao olhar por cima da beira, ou se desceram para escavar, ou se foram sufocados no fundo pelos gases que costumam subir dali, dessas coisas não tenho certeza; mas isto observei: nunca mais foram vistos no caminho. Então Cristão cantou —

69 Segundas-Intenções e Demas da prata estão de acordo;
Um chama, o outro corre, para que possa
Participar de seu lucro; assim os dois
Se instalam neste mundo e não seguem adiante.

70 Então vi que, logo do outro lado dessa planície, os peregrinos chegaram a um lugar onde havia um antigo monumento, bem junto à estrada. Ao vê-lo, ambos ficaram perturbados pela estranheza de sua forma; pois lhes parecia uma mulher transformada em coluna. Por isso ficaram ali olhando e olhando, mas por algum tempo não conseguiram entender o que aquilo significava.

70.2 Por fim, Esperançoso percebeu, acima da cabeça, uma inscrição com letras incomuns; mas, como tinha pouca instrução, chamou Cristão, que era instruído, para ver se conseguia decifrar o sentido. Ele se aproximou e, depois de juntar as letras por algum tempo, descobriu que diziam: "Lembrem-se da mulher de Ló".

70.3 Então leu para seu companheiro; depois disso, ambos concluíram que aquela era a coluna de sal em que a mulher de Ló fora transformada por olhar para trás com o coração cheio de cobiça, quando saía de Sodoma em busca de segurança. Essa visão súbita e espantosa deu ocasião à seguinte conversa.

71 CRISTÃO. Ah, meu irmão! Esta visão veio em boa hora; chegou oportunamente depois do convite que Demas nos fez para ir ver a Colina do Lucro. E, se tivéssemos ido até lá, como ele desejava e como você estava inclinado a fazer, meu irmão, talvez nós mesmos tivéssemos ficado como esta mulher, um espetáculo para os que viessem depois de nós.

72 ESPERANÇOSO. Lamento ter sido tão tolo e me espanto por não estar agora como a mulher de Ló; pois qual era a diferença entre o pecado dela e o meu? Ela apenas olhou para trás; e eu tive vontade de ir ver. Que a graça seja adorada, e que eu me envergonhe de ter abrigado tal coisa em meu coração.

73 CRISTÃO. Prestemos atenção ao que vemos aqui, para que nos ajude no futuro. Esta mulher escapou de um julgamento, pois não morreu na destruição de Sodoma; contudo, foi destruída por outro, pois, como vemos, está transformada em uma coluna de sal.

74 ESPERANÇOSO. É verdade; e ela pode nos servir tanto de advertência como de exemplo: advertência, para evitarmos seu pecado; e sinal do julgamento que alcançará os que não se deixarem deter por essa advertência. Assim também Corá, Datã e Abirão, com os duzentos e cinquenta homens que morreram em seu pecado, tornaram-se um sinal ou exemplo para que outros tomassem cuidado.

74.2 Mas, acima de tudo, fico pensando em uma coisa: como Demas e seus companheiros podem ficar ali com tanta confiança, procurando aquele tesouro, se esta mulher foi transformada em coluna de sal só por olhar para trás em busca dele, pois não lemos que tenha dado um único passo para fora do caminho?

74.3 Ainda mais porque o julgamento que a atingiu fez dela um exemplo à vista do lugar onde eles estão; pois basta levantarem os olhos para vê-la.

75 CRISTÃO. É algo de admirar e mostra que seus corações chegaram a um estado sem esperança nesse assunto; e não sei com quem compará-los melhor do que com aqueles que furtam os bolsos na presença do juiz ou cortam bolsas de dinheiro debaixo da forca.

75.2 Diz-se dos homens de Sodoma que eram extremamente pecadores, porque pecavam diante do Senhor, isto é, à vista dele, e apesar das bondades que ele lhes havia mostrado; pois a terra de Sodoma era então como o jardim do Éden havia sido antes.

75.3 Isso, por conseguinte, provocou ainda mais o seu zelo e tornou o castigo deles tão ardente quanto o fogo do Senhor vindo do céu podia tornálo. E é muito razoável concluir que pessoas assim, exatamente como estas, que pecam à vista desses exemplos, e até em desafio a eles, embora estejam continuamente diante delas para adverti-las a agir de outra maneira, terão de sofrer os julgamentos mais severos.

76 ESPERANÇOSO. Sem dúvida você disse a verdade; mas que misericórdia é que nem você, e principalmente eu, tenhamos nos tornado esse exemplo! Isso nos dá motivo para agradecer a Deus, temer diante dele e sempre nos lembrar da mulher de Ló.

77 Vi, então, que seguiram seu caminho até um rio agradável, que o rei Davi chamou de "o rio de Deus", e João, de "o rio da água da vida". O caminho deles passava bem pela margem do rio; por isso Cristão e seu companheiro caminhavam ali com grande alegria. Também beberam da água do rio, que era agradável e revigorava seus espíritos cansados.

77.2 Além disso, nas margens desse rio, de ambos os lados, havia árvores verdes que davam toda espécie de fruto; e as folhas das árvores serviam de remédio. Eles também se deliciavam muito com os frutos dessas árvores; e comiam as folhas para prevenir indigestões e outras doenças que atingem aqueles cujo sangue se aquece com as viagens.

77.3 De ambos os lados do rio havia também um prado, primorosamente enfeitado de lírios, que permanecia verde o ano inteiro. Nesse prado se deitaram e dormiram, pois ali podiam se deitar em segurança. Quando acordaram, colheram novamente os frutos das árvores, beberam outra vez da água do rio e depois se deitaram de novo para dormir. Assim fizeram por vários dias e noites. Então cantaram —

78 Vejam como deslizam estas correntes cristalinas,
Para confortar os peregrinos à beira do caminho;
Os prados verdes, além de seu perfume agradável,
Oferecem-lhes iguarias; e quem souber dizer
Que frutos agradáveis, sim, e folhas, estas árvores produzem,
Logo venderá tudo para poder comprar este campo.

79 Assim, quando se dispuseram a seguir em frente (pois ainda não haviam chegado ao fim da viagem), comeram, beberam e partiram.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 12

✦

1 Então vi em meu sonho que eles não tinham viajado muito quando o rio e o caminho se separaram por algum tempo; com isso ficaram bastante tristes, mas não ousaram sair do caminho. Ora, o caminho que se afastava do rio era acidentado, e seus pés estavam sensíveis por causa das viagens; por isso, os peregrinos ficaram muito desanimados com o caminho.

1.2 Assim, enquanto avançavam, desejavam um caminho melhor. Um pouco adiante, à esquerda da estrada, havia um prado e uma passagem por cima da cerca para entrar nele; esse prado se chama Prado do Atalho. Então Cristão disse ao companheiro: Se este prado acompanha o nosso caminho, vamos passar para lá.

1.3 Foi até a passagem para olhar e viu que, do outro lado da cerca, havia uma trilha que seguia ao lado do caminho. É como eu desejava, disse Cristão. Aqui é mais fácil andar; venha, bom Esperançoso, vamos passar para lá.

2 ESPERANÇOSO. Mas e se esta trilha nos desviar do caminho?

3 CRISTÃO. Isso é pouco provável, disse o outro. Veja, ela não segue ao lado do caminho? Assim, Esperançoso, convencido pelo companheiro, passou atrás dele por cima da cerca. Depois de atravessarem e entrarem na trilha, perceberam que era muito confortável para os pés; além disso, olhando adiante, avistaram um homem que caminhava como eles, cujo nome era Vã Confiança.

3.2 Então o chamaram e perguntaram aonde aquele caminho levava. Ele respondeu: À Porta Celestial. Veja, disse Cristão, eu não lhe disse? Por isso você pode ver que estamos certos. Assim, eles o seguiram, e ele foi à frente.

Mas eis que a noite chegou, e ficou muito escuro, de modo que os que vinham atrás perderam de vista aquele que ia adiante.

4 Aquele que ia adiante, chamado Vã Confiança, sem enxergar o caminho à sua frente, caiu num poço profundo que o Príncipe daquelas terras havia mandado fazer ali de propósito para apanhar tolos presunçosos, e ficou despedaçado com a queda.

5 Cristão e seu companheiro o ouviram cair. Então chamaram para saber o que tinha acontecido, mas ninguém respondeu; apenas ouviram um gemido. Então Esperançoso disse: Onde estamos agora? Seu companheiro ficou em silêncio, suspeitando que o havia desviado do caminho. E começou a chover, trovejar e relampejar de maneira terrível, e as águas subiram rapidamente.

6 Então Esperançoso gemeu consigo mesmo, dizendo: Ah, se eu tivesse continuado no meu caminho!

7 CRISTÃO. Quem poderia imaginar que esta trilha nos desviaria do caminho?

8 ESPERANÇOSO. Eu receei isso desde o começo, e por isso lhe fiz aquela advertência delicada. Eu teria falado com mais clareza, mas você é mais velho do que eu.

9 CRISTÃO. Bom irmão, não fique ofendido; lamento ter desviado você do caminho e tê-lo colocado em perigo tão iminente. Por favor, meu irmão, perdoe-me; não fiz isso com má intenção.

10 ESPERANÇOSO. Console-se, meu irmão, pois eu o perdoo; e creia também que isso será para o nosso bem.

11 CRISTÃO. Fico feliz por ter comigo um irmão misericordioso; mas não podemos ficar assim: vamos tentar voltar.

12 ESPERANÇOSO. Mas, bom irmão, deixe-me ir à frente.

13 CRISTÃO. Não, por favor, deixe-me ir primeiro, para que, se houver algum perigo, eu seja o primeiro a enfrentá-lo, pois foi por minha causa que nós dois saímos do caminho.

14 ESPERANÇOSO. Não, disse Esperançoso, você não irá primeiro, pois sua mente perturbada pode desviá-lo do caminho outra vez. Então, para animá-los, ouviram uma voz dizer: "Volte o coração para a estrada, para o caminho por onde você andou; volte para lá." Mas, a essa altura, as águas haviam subido muito, tornando o caminho de volta muito perigoso.

14.2 (Então pensei que é mais fácil sair do caminho quando estamos nele do que entrar quando estamos fora.) Ainda assim, arriscaram-se a voltar, mas estava tão escuro, e a inundação era tão grande, que, ao voltarem, quase se afogaram nove ou dez vezes.

15 Apesar de toda a habilidade que tinham, não conseguiram voltar à passagem da cerca naquela noite. Por isso, finalmente, encontrando um pequeno abrigo, sentaram-se ali até o amanhecer; mas, como estavam cansados, adormeceram.

15.2 Não muito longe do lugar onde estavam deitados havia um castelo chamado Castelo da Dúvida, cujo dono era o Gigante Desespero; e era nas terras dele que agora dormiam. Assim, ao se levantar bem cedo e andar de um lado para outro pelos seus campos, ele encontrou Cristão e Esperançoso dormindo em suas terras.

15.3 Então, com voz ameaçadora e grosseira, mandou que acordassem e perguntou de onde eram e o que faziam em suas terras. Eles lhe disseram que eram peregrinos e que tinham perdido o caminho. Então o Gigante disse: Esta noite vocês invadiram minha propriedade, pisando e se deitando em minhas terras; por isso, terão de vir comigo.

15.4 Assim, foram obrigados a ir, porque ele era mais forte do que eles. Também tinham pouco a dizer, pois sabiam que estavam errados. O Gigante, então, os fez andar à sua frente e os colocou em seu castelo, num calabouço muito escuro, imundo e fétido, que afligia o espírito daqueles dois homens.

15.5 Ali ficaram desde a manhã de quarta-feira até a noite de sábado, sem um pedaço de pão, uma gota de bebida, luz ou alguém que perguntasse como estavam. Estavam, portanto, em péssima situação, longe de amigos e conhecidos. Nesse lugar, a tristeza de Cristão era dobrada, pois fora por seu conselho imprudente que eles haviam sido levados àquela aflição.

16 Agora os peregrinos, para satisfazer a carne,
Buscarão seu conforto; mas, ah, como de novo
Com isso mergulham em novas aflições!
Quem procura agradar à carne causa a própria ruína.

17 O Gigante Desespero tinha uma esposa, e seu nome era Desconfiança. Quando foi se deitar, ele contou à esposa o que havia feito, isto é, que tinha capturado dois prisioneiros e os lançado em seu calabouço por invadirem suas terras. Então também lhe perguntou o que seria melhor fazer com eles dali em diante.

17.2 Ela perguntou quem eram, de onde vinham e para onde iam; e ele lhe contou. Então ela o aconselhou a espancá-los sem nenhuma piedade quando se levantasse pela manhã. Assim, ao se levantar, ele pegou um pesado porrete de madeira de macieira silvestre e desceu ao calabouço onde estavam.

17.3 Ali começou a insultá-los como se fossem cães, embora eles não lhe tivessem dito uma só palavra desagradável. Depois se lançou sobre eles e os espancou terrivelmente, de tal maneira que ficaram sem poder se defender nem se virar no chão. Feito isso, retirou-se e os deixou ali lamentando sua miséria e chorando sob sua aflição.

17.4 Assim, passaram aquele dia inteiro apenas entre suspiros e amargos lamentos. Na noite seguinte, ela voltou a conversar com o marido sobre eles e, ao saber que ainda estavam vivos, aconselhou-o a dizer que tirassem a própria vida.

17.5 Quando amanheceu, ele foi até eles com a mesma grosseria de antes e, percebendo que estavam muito doloridos por causa dos golpes que lhes dera no dia anterior, disse que, como nunca sairiam daquele lugar, a única saída seria acabarem imediatamente com a própria vida, fosse com faca, corda ou veneno.

17.6 Pois por que, disse ele, escolheriam viver, se a vida vem acompanhada de tanta amargura? Mas eles lhe pediram que os deixasse ir. Diante disso, ele os encarou com uma expressão terrível e avançou contra eles; sem dúvida, ele mesmo teria acabado com os dois, se não tivesse sofrido um de seus ataques (pois às vezes, em dias de sol, sofria ataques) e perdido por algum tempo o uso da mão.

17.7 Por isso, retirou-se e os deixou, como antes, pensando no que fazer. Então os prisioneiros conversaram entre si para decidir se seria melhor seguir o conselho dele ou não; e começaram a falar assim:

18 CRISTÃO. Irmão, disse Cristão, o que faremos? A vida que agora levamos é miserável. Quanto a mim, não sei o que é melhor: viver assim ou morrer de uma vez. "Minha alma prefere o estrangulamento à vida", e a sepultura é mais confortável para mim do que este calabouço. Devemos seguir o conselho do Gigante?

19 ESPERANÇOSO. De fato, nossa situação atual é terrível, e a morte seria muito mais bem-vinda para mim do que permanecer assim para sempre. Ainda assim, vamos considerar: o Senhor da terra para onde vamos disse: Não cometa assassinato. Não devemos tirar a vida de outra pessoa; muito mais, então, nos é proibido seguir o conselho dele e nos matar.

19.2 Além disso, quem mata outra pessoa só pode matar seu corpo; mas quem se mata mata o corpo e a alma de uma vez. E ainda, meu irmão, você fala do descanso na sepultura; mas se esqueceu do inferno, para onde certamente vão os assassinos?

19.3 "Pois nenhum assassino tem a vida eterna", etc. E vamos considerar também que nem todo o poder da lei está nas mãos do Gigante Desespero. Outros, pelo que sei, foram capturados por ele, assim como nós, e ainda assim escaparam de suas mãos. Quem sabe se o Deus que fez o mundo não fará o Gigante Desespero morrer? Ou se, em algum momento, ele não se esquecerá de nos trancar?

19.4 Ou se, em pouco tempo, não terá outro de seus ataques diante de nós e perderá o uso dos membros? Se isso tornar a acontecer, de minha parte estou decidido a reunir a coragem de um homem e fazer todo o possí-

vel para escapar de suas mãos. Fui tolo por não ter tentado antes; mas, de qualquer modo, meu irmão, sejamos pacientes e suportemos mais um pouco.

19.5 Pode chegar o momento em que teremos uma feliz libertação; mas não sejamos nossos próprios assassinos. Com essas palavras, Esperançoso acalmou por enquanto a mente de seu irmão; assim, continuaram juntos, no escuro, naquele dia, em sua triste e dolorosa situação.

20 Ao cair da tarde, o Gigante desceu de novo ao calabouço para ver se seus prisioneiros tinham seguido seu conselho; mas, ao chegar, encontrou-os vivos. E, na verdade, estar vivos era tudo, pois agora, tanto pela falta de pão e água como pelos ferimentos recebidos quando ele os espancara, mal podiam fazer outra coisa além de respirar.

20.2 Mas, como eu disse, ele os encontrou vivos; com isso, ficou terrivelmente furioso e lhes disse que, por terem desobedecido ao seu conselho, seria pior para eles do que se nunca tivessem nascido.

21 Diante disso, eles tremeram muito, e creio que Cristão desmaiou; mas, depois que voltou um pouco a si, retomaram a conversa sobre o conselho do Gigante e se ainda seria melhor segui-lo ou não. Cristão voltou a parecer favorável a isso, mas Esperançoso deu sua segunda resposta, como segue:

22 ESPERANÇOSO. Meu irmão, disse ele, você não se lembra de como foi valente antes? Apoliom não conseguiu esmagá-lo, nem tudo o que você ouviu, viu ou sentiu no Vale da Sombra da Morte. Quantas dificuldades, terrores e espantos você já enfrentou! E agora você é só medo!

22.2 Você vê que estou no calabouço com você, sendo por natureza um homem muito mais fraco; além disso, este Gigante me feriu assim como a você e também tirou da minha boca o pão e a água; e com você eu lamento

sem ter luz.

22.3 Mas tenhamos um pouco mais de paciência; lembre-se de como você agiu com coragem na Feira da Vaidade e não teve medo das correntes, nem da jaula, nem mesmo de uma morte sangrenta. Por conseguinte, ao menos para evitar a vergonha em que não convém que um cristão se encontre, resistamos com toda a paciência que pudermos.

23 Quando a noite chegou novamente, e o Gigante e sua esposa estavam na cama, ela lhe perguntou sobre os prisioneiros e se tinham seguido seu conselho. Ele respondeu: São uns patifes teimosos; preferem suportar todo sofrimento a tirar a própria vida. Então ela disse: Leve-os amanhã ao pátio do castelo e mostre-lhes os ossos e os crânios daqueles com quem você já acabou, e faça-os acreditar que, antes de terminar uma semana, você também os despedaçará, como fez com seus companheiros antes deles.

24 Assim, quando amanheceu, o Gigante foi novamente até eles, levou-os ao pátio do castelo e lhes mostrou aquilo, como sua esposa havia mandado. Estes, disse ele, já foram peregrinos como vocês e invadiram minhas terras, como vocês fizeram; e, quando achei que devia, eu os despedacei. Assim também farei com vocês dentro de dez dias. Vão, desçam outra vez para sua toca.

24.2 E, dizendo isso, espancou-os por todo o caminho até lá. Por isso, passaram o sábado inteiro numa situação lamentável, como antes. Quando a noite chegou, e a senhora Desconfiança e seu marido, o Gigante, foram se deitar, retomaram a conversa sobre os prisioneiros. O velho Gigante se admirava de não conseguir acabar com eles nem por seus golpes nem por seu conselho.

24.3 Diante disso, sua esposa respondeu: Receio, disse ela, que vivam na esperança de que alguém venha socorrê-los, ou que tenham consigo gazuas, com as quais esperam escapar. É isso o que você pensa, minha querida? disse o Gigante. Então vou revistá-los pela manhã.

25 No sábado, por volta da meia-noite, eles começaram a orar e continuaram em oração quase até o amanhecer.

26 Pouco antes de amanhecer, o bom Cristão, como alguém tomado de espanto, exclamou com emoção: Que tolo sou eu, disse ele, por ficar deitado num Calabouço fétido, quando posso andar em liberdade! Tenho junto ao peito uma Chave chamada Promessa que, estou convencido, abrirá qualquer Fechadura do Castelo da Dúvida. Então Esperançoso disse: Que boa notícia! Bom Irmão, tire-a de junto do peito e experimente.

27 Então Cristão a tirou de junto do peito e começou a experimentá-la na porta do Calabouço. O ferrolho recuou quando ele girou a Chave, a porta se abriu com facilidade, e Cristão e Esperançoso saíram. Depois ele foi à porta externa que dava para o pátio do Castelo e, com sua Chave, abriu também aquela porta.

27.2 Em seguida, foi ao Portão de ferro, pois este também precisava ser aberto; mas aquela Fechadura estava terrivelmente dura. Ainda assim, a Chave a abriu. Então empurraram o Portão para fugir depressa; mas o Portão, ao se abrir, fez tamanho rangido que acordou o Gigante Desespero.

27.3 Ele se levantou às pressas para perseguir seus Prisioneiros, mas sentiu os membros falharem, pois seus Ataques o acometeram novamente, de modo que não pôde de maneira alguma ir atrás deles. Então seguiram adiante e voltaram à Estrada do Rei; assim, ficaram seguros, pois estavam fora da jurisdição dele

28 Depois de passarem por cima da cerca, começaram a pensar no que deveriam fazer naquela passagem para impedir que os que viessem depois caíssem nas mãos do Gigante Desespero.

28.2 Assim, concordaram em erguer ali uma coluna e gravar em um de seus lados esta frase: "Do outro lado desta passagem fica o caminho para o Castelo da Dúvida, guardado pelo Gigante Desespero, que despreza o Rei da Terra Celestial e procura destruir seus santos peregrinos." Por isso, muitos dos que vieram depois leram o que estava escrito e escaparam do perigo. Feito isso, cantaram assim:

29 Saímos do caminho e então descobrimos
O que era pisar em terreno proibido;
E que tenham cuidado os que vierem depois,
Para que a imprudência não os faça sofrer como nós.
Para que, por invadirem, não se tornem prisioneiros daquele
Cujo castelo é Dúvida e cujo nome é Desespero.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 13

✦

1 Então seguiram até chegar às Montanhas Deleitáveis, que pertencem ao Senhor daquele monte de que falamos antes. Subiram às montanhas para contemplar os jardins e pomares, os vinhedos e as fontes de água; ali também beberam, lavaram-se e comeram à vontade dos frutos dos vinhedos. No alto dessas montanhas havia Pastores que cuidavam de seus rebanhos e estavam à beira da estrada.

1.2 Os Peregrinos foram até eles e, apoiados em seus cajados, como costumam fazer os peregrinos cansados quando param para conversar com alguém pelo caminho, perguntaram: De quem são estas Montanhas Deleitáveis? E de quem são as ovelhas que pastam nelas?

2 Às montanhas deleitáveis agora vão subindo,
Onde há Pastores que lhes vão indicando
Coisas atraentes e coisas que pedem cuidado;
Pela fé e pelo temor, os Peregrinos se mantêm firmes.

3 PAST. Estas montanhas são a Terra de Emanuel, e delas se avista sua cidade; as ovelhas também são dele, e ele deu a vida por elas.

4 CRISTÃO. Este é o caminho para a Cidade Celestial?

5 PAST. Vocês estão no caminho certo.

6 CRISTÃO. Quanto falta para chegar lá?

7 PAST. É longe demais para todos, menos para aqueles que de fato chegarão lá.

8 CRISTÃO. O caminho é seguro ou perigoso?

9 PAST. Seguro para aqueles para quem deve ser seguro; mas os transgressores cairão nele.

10 CRISTÃO. Há neste lugar algum alívio para os peregrinos que estão cansados e sem forças pelo caminho?

11 PAST. O Senhor destas montanhas nos ordenou que não nos esquecêssemos de acolher os estrangeiros; por isso, o que há de bom neste lugar está à disposição de vocês.

12 Vi também em meu sonho que, quando os Pastores perceberam que eles eram viajantes, fizeram-lhes perguntas, às quais eles responderam como em outros lugares, tais como: De onde vocês vieram? Como entraram no caminho? E como conseguiram perseverar nele? Pois poucos dos que começam a vir para cá chegam a aparecer nestas montanhas. Mas, quando os Pastores ouviram suas respostas, ficaram satisfeitos, olharam para eles com muito carinho e disseram: Sejam bem-vindos às Montanhas Deleitáveis.

13 Os Pastores, como eu dizia, cujos nomes eram Conhecimento, Experiência, Vigilante e Sincero, tomaram-nos pela mão, levaram-nos às suas tendas e os fizeram participar do que estava preparado naquele momento. Disseram ainda: Gostaríamos que vocês ficassem aqui por algum tempo, para nos conhecerem e também para desfrutarem ainda mais das coisas boas destas Montanhas Deleitáveis. Eles responderam que ficariam de bom grado; assim, foram descansar naquela noite, pois já era muito tarde.

14 Então vi em meu sonho que, pela manhã, os Pastores chamaram Cristão e Esperançoso para caminhar com eles pelas montanhas. Eles saíram juntos e caminharam por algum tempo, tendo uma bela vista por todos os lados.

Então os Pastores disseram uns aos outros: Vamos mostrar algumas maravilhas a estes peregrinos?

14.2 Quando decidiram fazer isso, levaram-nos primeiro ao alto de um monte chamado Erro, que era muito íngreme do outro lado, e pediram que olhassem para o fundo. Cristão e Esperançoso olharam para baixo e viram lá no fundo vários homens despedaçados por uma queda do alto. Então Cristão perguntou: O que significa isso?

14.3 Os Pastores responderam: Vocês não ouviram falar daqueles que foram levados ao erro por dar ouvidos a Himeneu e Fileto quanto à fé na ressurreição do corpo? Eles responderam: Sim.

14.4 Então os Pastores disseram: São eles que vocês veem despedaçados ao pé desta montanha; e até hoje permanecem sem sepultura, como vocês podem ver, para servir de exemplo aos outros, a fim de que tenham cuidado ao subir alto demais ou ao chegar perto demais da beirada desta montanha.

15 Então vi que os levaram ao alto de outra montanha, chamada Cautela, e pediram que olhassem para longe. Quando fizeram isso, pareceu-lhes ver vários homens andando de um lado para outro entre os túmulos que havia ali. Perceberam que os homens eram cegos, pois às vezes tropeçavam nos túmulos e não conseguiam sair do meio deles. Então Cristão perguntou: O que significa isso?

16 Os Pastores responderam: Vocês não viram, um pouco abaixo destas montanhas, uma escada de transpor cerca que levava a um prado, à esquerda deste caminho? Eles responderam: Sim. Então os Pastores disseram: Dessa escada sai uma trilha que leva diretamente ao Castelo da Dúvida, guardado pelo Gigante Desespero.

16.2 E estes — disseram, apontando para os homens entre os túmulos — certa vez vieram em peregrinação, como vocês agora, até chegarem àquela mesma escada. Como o caminho certo era acidentado naquele lugar, preferiram sair dele e entrar no prado. Ali foram capturados pelo Gigante Desespero e lançados no Castelo da Dúvida.

16.3 Depois de mantê-los por algum tempo no calabouço, ele por fim lhes arrancou os olhos e os levou para o meio daqueles túmulos, onde os deixou vagando até hoje, para que se cumprisse a palavra do sábio: "Quem se desvia do caminho do entendimento permanecerá na congregação dos mortos."

16.4 Então Cristão e Esperançoso olharam um para o outro, com as lágrimas jorrando dos olhos, mas nada disseram aos Pastores.

17 Então vi em meu sonho que os Pastores os levaram a outro lugar, numa baixada, onde havia uma porta na encosta de um monte. Abriram a porta e pediram que olhassem para dentro. Eles olharam e viram que lá dentro estava muito escuro e cheio de fumaça; também lhes pareceu ouvir um estrondo como de fogo e os gritos de alguns que eram atormentados, e sentiram cheiro de enxofre.

17.2 Então Cristão perguntou: O que significa isso? Os Pastores lhes disseram: Este é um caminho secundário para o inferno, por onde entram os hipócritas, a saber: os que vendem seu direito de primogenitura, como Esaú; os que vendem seu mestre, como Judas; os que blasfemam contra o evangelho, como Alexandre; e os que mentem e fingem, como Ananias e Safira, sua mulher.

17.3 Então Esperançoso disse aos Pastores: Percebo que todos eles, sem exceção, tinham aparência de peregrinos, como nós agora; não é verdade?

18 PAST. Sim, e a mantiveram por muito tempo também.

19 ESPERANÇOSO. Até onde podem ter chegado em sua peregrinação naquele tempo, já que, apesar disso, foram rejeitados de maneira tão miserável?

20 PAST. Alguns foram além destas montanhas, e outros não chegaram tão longe.

21 Então os Peregrinos disseram um ao outro: Precisamos clamar ao Forte para que nos dê força.

22 PAST. Sim, e também precisarão usá-la quando a tiverem.

23 A essa altura, os Peregrinos desejavam seguir adiante, e os Pastores também desejavam que eles seguissem; assim, caminharam juntos em direção ao fim das montanhas. Então os Pastores disseram uns aos outros: Vamos mostrar aqui aos Peregrinos os portões da Cidade Celestial, se eles souberem olhar pela nossa luneta. Os Peregrinos aceitaram de bom grado a proposta; então os levaram ao alto de um monte elevado, chamado Claro, e lhes deram a luneta para olhar.

24 Eles tentaram olhar, mas a lembrança da última coisa que os Pastores lhes haviam mostrado fazia suas mãos tremerem. Por causa desse impedimento, não conseguiam manter a luneta firme para olhar; ainda assim, pareceu-lhes ver algo semelhante ao portão e também um pouco da glória daquele lugar. Então partiram, cantando esta canção —

25 Assim, pelos Pastores, são revelados segredos,
Que de todos os outros homens são mantidos escondidos.
Venham, pois, aos Pastores, se quiserem ver

Coisas profundas, ocultas e misteriosas.

26 Quando estavam prestes a partir, um dos Pastores lhes deu uma descrição escrita do caminho. Outro lhes disse que tomassem cuidado com o Bajulador. O terceiro lhes recomendou que tivessem cuidado para não dormir no Terreno Encantado. E o quarto lhes desejou que Deus os acompanhasse. Então acordei do meu sonho.

27 E dormi e sonhei outra vez, e vi os mesmos dois Peregrinos descendo as montanhas pela estrada em direção à cidade. Ora, um pouco abaixo dessas montanhas, à esquerda, fica a terra da Presunção; dessa terra sai uma viela tortuosa que desemboca no caminho por onde os Peregrinos andavam. Ali encontraram um rapaz muito animado, que vinha daquela terra; seu nome era Ignorância. Então Cristão lhe perguntou de onde vinha e para onde ia.

28 IGNOR. Senhor, nasci na terra que fica ali, um pouco à esquerda, e estou indo para a Cidade Celestial.

29 CRISTÃO. Mas como você pretende entrar pelo portão? Pois pode encontrar alguma dificuldade ali.

30 IGNOR. Como as outras pessoas entram, disse ele.

31 CRISTÃO. Mas o que você tem para apresentar naquele portão, para que ele seja aberto para você?

32 IGNOR. Conheço a vontade do meu Senhor e tenho levado uma vida correta; pago a cada um o que lhe devo; oro, jejuo, pago dízimos e dou esmolas, e deixei minha terra para ir ao lugar aonde estou indo.

33 CRISTÃO. Mas você não entrou pela porta estreita que fica no começo deste caminho; entrou aqui por aquela viela tortuosa. Por isso, receio que, seja qual for a opinião que você tenha de si mesmo, quando chegar o dia do acerto de contas, você seja acusado de ser ladrão e assaltante, em vez de receber permissão para entrar na cidade.

34 IGNOR. Senhores, vocês são completos estranhos para mim; eu não os conheço. Contentem-se em seguir a religião da terra de vocês, e eu seguirei a da minha. Espero que tudo acabe bem. Quanto à porta de que vocês falam, todo mundo sabe que ela fica muito longe da nossa terra.

34.2 Não creio que haja alguém em toda a nossa região que sequer conheça o caminho até ela, nem é preciso que se preocupem em conhecê-lo ou não, pois temos, como vocês podem ver, uma bela e agradável viela verdejante, que desce da nossa terra e é o trajeto mais curto para entrar no caminho.

35 Quando Cristão viu que o homem era "sábio aos próprios olhos", disse a Esperançoso, em voz baixa: "Há mais esperança para um tolo do que para ele." E acrescentou: "Quando o tolo anda pelo caminho, falta-lhe o bom senso, e ele mostra a todos que é tolo." Então, vamos continuar conversando com ele ou passar à frente por enquanto, deixando-o pensar no que já ouviu, e depois parar de novo para esperá-lo e ver se, aos poucos, podemos lhe fazer algum bem? Então Esperançoso disse —

36 Que Ignorância agora medite um pouco
No que foi dito, e não se recuse
A acolher bons conselhos, para que não continue

Ignorando aquilo que é o maior ganho.
Deus diz que aqueles que não têm entendimento,
Embora os tenha feito, ele não os salvará.

37 ESPERANÇOSO. Ele acrescentou ainda: Acho que não é bom dizer tudo a ele de uma vez; vamos passar à frente, se você concordar, e falar com ele daqui a pouco, conforme ele for capaz de suportar.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 14

✦

1 Assim, os dois seguiram em frente, e Ignorância veio atrás. Depois de se afastarem um pouco dele, entraram numa viela muito escura, onde encontraram um homem que sete demônios haviam amarrado com sete cordas fortes e estavam levando de volta à porta que eles tinham visto na encosta do monte.

1.2 Então o bom Cristão começou a tremer, assim como Esperançoso, seu companheiro; mas, enquanto os demônios levavam o homem, Cristão olhou para ver se o conhecia e pensou que talvez fosse um tal Desviado, que morava na cidade de Apostasia. Mas não conseguiu ver bem seu rosto, pois ele estava de cabeça baixa, como um ladrão apanhado em flagrante.

1.3 Depois que passaram, Esperançoso olhou para trás e viu nas costas dele um papel com esta inscrição: "Libertino que professa a fé e apóstata condenável".

2 Então Cristão disse ao companheiro: Agora me lembro do que me contaram sobre algo que aconteceu com um bom homem aqui por perto. O homem se chamava Pequena-Fé, mas era um bom homem e morava na cidade de Sinceridade.

2.2 O caso foi este: — Na entrada desta passagem, há uma viela que desce do Portão do Caminho Largo e se chama Viela do Morto; tem esse nome por causa dos assassinatos que costumam acontecer ali. Esse Pequena-Fé, que seguia em peregrinação como nós agora, por acaso se sentou ali e dormiu.

2.3 Aconteceu que, naquele momento, vinham descendo a viela, desde o Portão do Caminho Largo, três bandidos fortes, chamados Medroso, Desconfiança e Culpa, três irmãos. Ao avistarem Pequena-Fé onde estava, vieram a galope, depressa. O bom homem acabara de acordar e estava se levantando para continuar a viagem.

2.4 Então todos se aproximaram dele e, com palavras ameaçadoras, mandaram que ficasse parado. Com isso, Pequena-Fé ficou branco como um pano e não teve forças para lutar nem para fugir. Então Medroso disse: Entregue sua bolsa.

2.5 Mas, como ele demorasse a fazer isso, pois não queria perder seu dinheiro, Desconfiança correu até ele, enfiou a mão em seu bolso e tirou dali um saco de moedas de prata. Então ele gritou: Ladrões! Ladrões!

2.6 Nisso, Culpa, com um grande porrete que tinha na mão, bateu na cabeça de Pequena-Fé e, com o golpe, derrubou-o estendido no chão, onde ficou sangrando como quem ia morrer de tanto perder sangue. Durante todo esse tempo, os ladrões ficaram por perto.

2.7 Mas, por fim, ouvindo que havia gente na estrada e temendo que fosse um tal Grande-Graça, que mora na cidade de Boa-Confiança, fugiram a toda pressa e deixaram o bom homem se virar sozinho. Depois de algum tempo, Pequena-Fé voltou a si e, levantando-se, conseguiu seguir seu caminho com dificuldade. Essa foi a história.

3 ESPERANÇOSO. Mas eles levaram tudo o que ele tinha?

4 CRISTÃO. Não; eles não vasculharam o lugar onde estavam suas joias, de modo que ele as conservou. Mas, pelo que me contaram, o bom homem ficou muito aflito com a perda, pois os ladrões levaram a maior parte do dinheiro que ele tinha para as despesas.

4.2 O que eles não levaram, como eu disse, foram as joias; também lhe restaram alguns trocados, mas mal davam para chegar ao fim da viagem. Na verdade, se não me informaram mal, ele foi obrigado a mendigar pelo caminho para se manter vivo, pois não podia vender suas joias.

4.3 Mas, mesmo mendigando e fazendo o que podia, ele passou, como dizemos, muitas vezes de barriga vazia durante a maior parte do caminho que ainda lhe restava.

5 ESPERANÇOSO. Mas não é de admirar que não tenham levado seu certificado, com o qual ele seria admitido no Portão Celestial?

6 CRISTÃO. É de admirar; mas não o levaram, embora não tenha sido por alguma esperteza dele que deixaram de encontrá-lo; pois, apavorado com o ataque deles, ele não teve forças nem habilidade para esconder coisa alguma. Assim, foi mais pela boa Providência do que pelo esforço dele que deixaram de levar aquela coisa tão valiosa.

7 ESPERANÇOSO. Mas deve ter sido um consolo para ele saber que não lhe levaram as joias.

8 CRISTÃO. Isso poderia ter sido um grande consolo, se ele tivesse aproveitado esse fato como devia; mas os que me contaram a história disseram que ele pouco se valeu disso durante todo o resto do caminho, por causa do abalo que sofreu quando lhe tiraram o dinheiro. Na verdade, ele se esqueceu disso durante grande parte do restante da viagem; além disso, sempre que se lembrava e começava a se consolar com isso, novos pensamentos sobre sua perda voltavam a afligi-lo e engoliam todo o consolo.

9 ESPERANÇOSO. Ah, pobre homem! Isso só podia lhe causar uma grande tristeza.

10 CRISTÃO. Tristeza! Sim, uma tristeza e tanto. Não teria sido assim com qualquer um de nós, se tivéssemos sido tratados como ele, roubados e também feridos, e ainda por cima num lugar desconhecido, como aconteceu com ele? É de admirar que não tenha morrido de tristeza, coitado!

10.2 Disseram-me que, por quase todo o restante do caminho, ele só espalhou queixas tristes e amargas; contava também a todos os que o alcançavam, ou que ele alcançava pelo caminho, onde fora roubado e como; quem eram os que tinham feito aquilo e o que ele perdera; como fora ferido e como escapara por pouco com vida.

11 ESPERANÇOSO. Mas é de admirar que a necessidade não o tenha levado a vender ou empenhar algumas de suas joias, para ter com que se sustentar na viagem.

12 CRISTÃO. Você fala como alguém que ainda hoje tem a casca do ovo na cabeça; pois em troca de que ele as empenharia, ou a quem as venderia? Em toda aquela região onde foi roubado, suas joias não eram valorizadas; nem era do socorro que elas poderiam lhe proporcionar que ele precisava.

12.2 Além disso, se suas joias estivessem faltando quando chegasse ao portão da Cidade Celestial, ele teria sido excluído de uma herança ali, e disso ele sabia muito bem; e isso teria sido pior para ele do que o aparecimento e a maldade de dez mil ladrões.

13 ESPERANÇOSO. Por que você é tão ríspido, meu irmão? Esaú vendeu seu direito de primogenitura, e isso por um prato de ensopado, sendo aquele direito sua maior joia; e, se ele fez isso, por que Pequena-Fé não poderia fazer o mesmo?

14 CRISTÃO. Esaú de fato vendeu seu direito de primogenitura, e muitos outros fazem o mesmo, excluindo-se assim da bênção principal, como também fez aquele miserável; mas você deve distinguir Esaú de Pequena-Fé, e também a condição de cada um.

14.2 O direito de primogenitura de Esaú era simbólico, mas as joias de Pequena-Fé não eram; a barriga de Esaú era seu deus, mas a de Pequena-Fé não era; a necessidade de Esaú estava em seu apetite carnal, mas a de Pequena-Fé não.

14.3 Além disso, Esaú não enxergava nada além da satisfação de seus desejos: "Veja, estou a ponto de morrer", disse ele, "e de que me servirá esse direito de primogenitura?"

14.4 Mas Pequena-Fé, embora lhe coubesse ter apenas um pouco de fé, foi guardado por essa pouca fé de tais desatinos e levado a reconhecer e valorizar suas joias, em vez de vendê-las, como Esaú vendeu seu direito de primogenitura.

14.5 Em parte alguma se lê que Esaú tivesse fé, nem sequer um pouco; portanto, não é de admirar que, onde só a carne governa, como acontece com o homem que não tem fé para resistir, ele venda seu direito de primogenitura, sua alma e tudo mais, e isso ao diabo do inferno; pois essas pessoas são como a jumenta que, no cio, não se deixa desviar.

14.6 Quando põem na cabeça satisfazer seus desejos, conseguem o que querem, custe o que custar. Mas Pequena-Fé tinha outra disposição: sua mente estava nas coisas divinas; seu sustento vinha de coisas espirituais e do alto. Portanto, para que alguém com tal disposição venderia suas joias, se houvesse quem as comprasse, para encher a mente de coisas vazias?

14.7 Um homem daria uma moeda para encher a barriga de feno? Ou você conseguiria convencer a rolinha a se alimentar de carniça como o corvo? Embora os que não têm fé possam, por desejos carnais, empenhar, hipotecar ou vender o que possuem, e ainda a si mesmos por inteiro, aqueles que têm fé, fé salvadora, mesmo que seja pouca, não podem fazer isso. Aqui, portanto, meu irmão, está seu engano.

15 ESPERANÇOSO. Eu reconheço; mas sua observação severa quase me deixou zangado.

16 CRISTÃO. Ora, eu apenas comparei você a algumas aves mais agitadas, que correm de um lado para outro por caminhos nunca pisados, ainda com a casca do ovo na cabeça; mas deixe isso de lado e considere o assunto em discussão, e tudo ficará bem entre nós.

17 ESPERANÇOSO. Mas, Cristão, estou convencido, no fundo do coração, de que esses três sujeitos são apenas um bando de covardes; do contrário, você acha que teriam fugido, como fugiram, ao barulho de alguém que vinha pela estrada? Por que Pequena-Fé não tomou mais coragem? Acho que ele poderia ter enfrentado uma luta com eles e só se rendido quando não houvesse mais saída.

18 CRISTÃO. Muitos têm dito que eles são covardes, mas poucos descobriram que era assim na hora da prova. Quanto à coragem, Pequena-Fé não tinha muita; e percebo pelo que você diz, meu irmão, que, se estivesse no lugar dele, você só estaria disposto a lutar um pouco e depois se render.

19 E, na verdade, se esse é o máximo da sua valentia agora que eles estão longe de nós, caso aparecessem diante de você como apareceram diante dele, poderiam fazê-lo mudar de ideia.

20 Mas considere também que eles são apenas ladrões a serviço de outro; servem ao rei do abismo sem fundo, que, se for preciso, virá pessoalmente ajudá-los, e sua voz é como o rugido de um leão. Eu mesmo já me vi numa situação como a de Pequena-Fé e descobri que era uma coisa terrível.

20.2 Esses três vilões me atacaram e, quando comecei a resistir, como cristão, bastou que chamassem para que seu senhor aparecesse. Eu teria, como diz o ditado, dado minha vida por uma moeda, se não fosse por estar, como Deus quis, vestido com uma armadura resistente. Sim, e mesmo estando assim protegido, achei difícil me portar como homem.

20.3 Ninguém pode dizer o que nos espera nesse combate, a não ser quem já esteve pessoalmente na batalha.

21 ESPERANÇOSO. Bem, mas eles fugiram, veja só, quando apenas imaginaram que um tal Grande-Graça estava na estrada.

22 CRISTÃO. É verdade, eles muitas vezes fugiram, tanto eles quanto seu senhor, bastando Grande-Graça aparecer; e não é de admirar, pois ele é o campeão do Rei. Mas suponho que você saberá fazer alguma distinção entre Pequena-Fé e o campeão do Rei. Nem todos os súditos do Rei são seus campeões, nem podem, quando postos à prova, realizar os mesmos feitos de guerra que ele.

22.2 É razoável pensar que uma criancinha poderia enfrentar Golias como Davi enfrentou? Ou que uma carriça teria a força de um boi? Alguns são fortes, outros são fracos; alguns têm muita fé, outros têm pouca. Esse homem era um dos fracos, e por isso levou a pior.

23 ESPERANÇOSO. Eu bem queria que tivesse sido Grande-Graça, por causa deles.

24 CRISTÃO. Se tivesse sido ele, talvez tivesse tido bastante trabalho; pois devo dizer que, embora Grande-Graça seja excelente no manejo das armas e tenha conseguido, e ainda consiga, enfrentá-los muito bem enquanto os mantém à distância da ponta da espada, se eles conseguirem entrar em sua guarda, seja Medroso, Desconfiança ou o outro, será muito difícil impedir que o derrubem. E, quando um homem está no chão, você sabe, o que ele pode fazer?

25 Quem olhar bem para o rosto de Grande-Graça verá ali cicatrizes e cortes que demonstram facilmente o que digo. Sim, certa vez ouvi dizer que ele teria dito, e isso enquanto estava em combate: "Desesperamos até da própria vida." Como esses bandidos fortes e seus companheiros fizeram Davi gemer, lamentar e bradar!

25.2 Sim, também Hemã e Ezequias, embora fossem campeões em seu tempo, foram obrigados a reunir todas as forças quando atacados por eles; e, apesar disso, levaram uma boa surra. Pedro, certa vez, resolveu experimentar o que conseguia fazer; mas, embora alguns digam que ele é o príncipe dos apóstolos, eles o trataram de tal modo que, por fim, o fizeram ter medo de uma simples moça.

26 Além disso, o rei deles atende ao seu assobio. Ele nunca está longe demais para ouvi-los; e, se em algum momento eles levam a pior, ele vem ajudá-los, se possível; e dele se diz: A espada de quem o ataca não resiste, nem a lança, o dardo ou a cota de malha; ele considera o ferro como palha, e o bronze como madeira podre.

26.2 A flecha não o faz fugir; as pedras da funda se tornam palha diante dele. Os dardos são considerados palha: ele ri do agitar de uma lança. O que um homem pode fazer nesse caso?

26.3 É verdade que, se um homem pudesse ter a cada ocasião o cavalo de Jó, e tivesse habilidade e coragem para montá-lo, poderia fazer coisas notáveis; pois seu pescoço se reveste de trovão, ele não tem medo do gafanhoto; a imponência de suas narinas é terrível: ele escava o chão no vale e se alegra em sua força, avança ao encontro dos homens armados.

26.4 Zomba do medo e não se assusta, nem recua diante da espada. A aljava ressoa contra ele, a lança reluzente e o escudo. Ele devora o chão com ferocidade e fúria, e nem acredita que seja o som da trombeta. Entre as trombetas, ele diz: Ah, ah! E de longe fareja a batalha, o trovejar dos capitães e os gritos.

27 Mas, quanto a soldados a pé como você e eu, nunca desejemos encontrar um inimigo, nem nos vangloriemos como se pudéssemos fazer melhor quando ouvimos que outros foram derrotados. Nem nos deixemos entusiasmar ao pensar em nossa própria valentia; pois os que fazem isso geralmente levam a pior quando são postos à prova. Veja Pedro, de quem falei antes.

27.2 Ele se gabava, sim, se gabava; dizia, levado pela vaidade de sua mente, que faria melhor e defenderia seu Mestre mais do que todos os outros; mas quem foi tão derrotado e subjugado por esses vilões quanto ele?

28 Portanto, quando ouvimos que tais roubos acontecem na estrada do Rei, convém fazermos duas coisas:

29 1. Sair de armadura e ter o cuidado de levar um escudo conosco; pois foi por falta dele que aquele que atacou Leviatã com tanto vigor não conseguiu fazê-lo ceder; de fato, se o escudo faltar, ele não tem medo algum de

nós. Por isso, aquele que entendia do assunto disse: "Acima de tudo, tomem o escudo da fé, com o qual poderão apagar todos os dardos inflamados do maligno."

30 2. Também é bom pedirmos ao Rei uma escolta, sim, que ele mesmo vá conosco. Isso fez Davi se alegrar quando estava no Vale da Sombra da Morte; e Moisés preferia morrer onde estava a dar um passo sem seu Deus. Ah, meu irmão, se ele for conosco, por que haveremos de ter medo de dezenas de milhares que se levantem contra nós? Mas, sem ele, os ajudantes orgulhosos "caem entre os mortos".

31 Eu, de minha parte, já estive na luta antes; e, embora pela bondade daquele que é o melhor eu esteja vivo, como você vê, não posso me gabar da minha valentia. Ficarei feliz se não tiver de enfrentar mais ataques como aqueles; embora receie que ainda não tenhamos passado por todos os perigos. Porém, já que o leão e o urso ainda não me devoraram, espero que Deus também nos livre do próximo filisteu incircunciso. Então Cristão cantou —

32 Pobre Pouca-Fé! Você esteve entre os ladrões?
Foi roubado? Lembre-se disto: quem crê,
E alcança mais fé, vencerá então
Dez mil; sem isso, mal vencerá três.

33 Assim eles seguiram adiante, e Ignorância os acompanhava. Caminharam até chegar a um lugar onde viram um caminho se juntar ao deles, e que também parecia seguir tão reto quanto o caminho pelo qual deviam ir. Ali não sabiam qual dos dois tomar, pois ambos pareciam retos diante deles; por isso, pararam para pensar.

33.2 Enquanto pensavam sobre o caminho, eis que um homem de pele negra, mas coberto com uma veste muito clara, veio até eles e perguntou por que estavam parados ali. Responderam que iam para a Cidade Celestial, mas não sabiam qual daqueles caminhos tomar. Sigam-me, disse o homem, é para lá que estou indo.

33.3 Então o seguiram pelo caminho que acabara de se juntar à estrada, o qual foi pouco a pouco fazendo uma curva e os afastando tanto da cidade para onde desejavam ir que, em pouco tempo, estavam de costas para ela; ainda assim, continuaram a segui-lo.

33.4 Mas logo, antes que percebessem, ele levou os dois para dentro de uma rede, na qual ficaram tão enredados que não sabiam o que fazer; e, com isso, a veste branca caiu das costas do homem negro. Então perceberam onde estavam. Por isso, ficaram ali chorando por algum tempo, pois não conseguiam sair.

34 CRISTÃO. Então Cristão disse ao companheiro: Agora vejo que cometi um erro. Os Pastores não nos disseram que tivéssemos cuidado com os bajuladores? Hoje descobrimos que é como diz o sábio: O homem que bajula seu próximo estende uma rede para os pés dele.

35 ESPERANÇOSO. Eles também nos deram um papel com orientações sobre o caminho, para que o encontrássemos com mais segurança; mas também nos esquecemos de lê-lo e não nos guardamos dos caminhos do destruidor. Nisso Davi foi mais sábio do que nós; pois ele diz: "Quanto às obras dos homens, pela palavra dos teus lábios, guardei-me dos caminhos do destruidor."

35.2 Assim ficaram na rede, lamentando sua situação. Por fim, avistaram um Ser Resplandecente que vinha em sua direção com um chicote de cordas finas na mão. Quando chegou ao lugar onde estavam, perguntou de onde vinham e o que faziam ali.

35.3 Disseram-lhe que eram pobres peregrinos a caminho de Sião, mas tinham sido desviados do caminho por um homem negro, vestido de branco, que nos disse, explicaram eles, que o seguíssemos, pois também ia para lá. Então aquele que trazia o chicote disse: É Bajulador, um falso apóstolo, que se transformou em anjo de luz. Assim, rasgou a rede e libertou os homens.

35.4 Depois lhes disse: Sigam-me, para que eu os ponha de novo no caminho. Então os levou de volta ao caminho que haviam deixado para seguir Bajulador. Depois lhes perguntou: Onde passaram a última noite? Disseram: Com os Pastores, nas Montanhas Deleitosas. Então perguntou se não tinham recebido daqueles Pastores um papel com orientações para o caminho. Responderam: Sim.

35.5 Mas, disse ele, quando ficaram sem saber por onde ir, vocês tiraram o papel e o leram? Responderam: Não. Ele perguntou: Por quê? Disseram que haviam esquecido. Perguntou ainda se os Pastores não lhes haviam dito que tomassem cuidado com Bajulador. Responderam: Sim, mas não imaginávamos, disseram eles, que aquele homem de fala tão agradável fosse ele.

36 Então vi em meu sonho que ele lhes ordenou que se deitassem; e, depois que fizeram isso, ele os castigou severamente, para lhes ensinar o bom caminho pelo qual deviam andar; e, enquanto os castigava, dizia: "A todos os que amo, repreendo e castigo; sejam, portanto, zelosos e arrependam-se."

Feito isso, mandou que seguissem seu caminho e prestassem muita atenção às outras orientações dos pastores. Então lhe agradeceram por toda a sua bondade e seguiram devagar pelo caminho certo, cantando —

37 Venham aqui, vocês que seguem pelo caminho;
Vejam o que acontece aos peregrinos que se desviam.
São apanhados numa rede que os enreda,
Porque, sem cuidado, esqueceram o bom conselho:
É verdade que foram libertos, mas vejam,
Também são açoitados. Que isso lhes sirva de aviso.

38 Depois de algum tempo, perceberam, ao longe, alguém que vinha devagar e sozinho pela estrada, ao encontro deles. Então Cristão disse ao companheiro: Lá está um homem de costas para Sião, e ele vem ao nosso encontro.

39 ESPERANÇOSO. Estou vendo; agora tomemos cuidado, para que ele não seja também um bajulador. Ele foi se aproximando cada vez mais, até que chegou junto deles. Seu nome era Ateu, e ele lhes perguntou para onde iam.

40 CRISTÃO. Estamos indo para o Monte Sião.

41 Então Ateu caiu numa grande gargalhada.

42 CRISTÃO. O que significa essa sua risada?

43 ATEU. Rio ao ver como vocês são ignorantes, para se meterem numa viagem tão cansativa, quando provavelmente não terão outra recompensa por seus esforços além da própria viagem.

44 CRISTÃO. Ora, homem, você acha que não seremos recebidos?

45 ATEU. Recebidos! Não existe em todo este mundo um lugar como esse com que vocês sonham.

46 CRISTÃO. Mas existe no mundo que há de vir.

47 ATEU. Quando eu estava em casa, em meu próprio país, ouvi o que vocês agora afirmam e, por ter ouvido isso, saí para ver. Faz vinte anos que procuro essa cidade, mas não encontrei mais dela do que no primeiro dia em que parti.

48 CRISTÃO. Nós dois ouvimos e cremos que existe tal lugar e que ele pode ser encontrado.

49 ATEU. Se eu não tivesse acreditado quando estava em casa, não teria vindo tão longe para procurá-lo; mas, como não encontrei lugar algum (e certamente o teria encontrado, se tal lugar existisse, pois fui procurá-lo mais longe do que vocês), estou voltando e procurarei me alegrar com as coisas que abandonei naquela época, na esperança daquilo que, agora vejo, não existe.

50 CRISTÃO. Então Cristão disse a Esperançoso, seu companheiro: É verdade o que esse homem disse?

51 ESP. Cuidado, ele é um dos bajuladores; lembre-se do que já nos custou uma vez dar ouvidos a esse tipo de gente. Como! Não existe Monte Sião? Não vimos, das Montanhas Deleitosas, o portão da cidade? Além disso, não devemos agora andar pela fé? Vamos em frente, disse Esperançoso, para que o homem do chicote não nos alcance de novo.

51.2 Você deveria ter me ensinado essa lição, que agora vou lhe dizer ao ouvido: "Meu filho, deixe de ouvir a instrução que o faz se desviar das palavras do conhecimento." Eu digo, meu irmão, deixe de ouvi-lo e vamos "crer

para a salvação da alma".

52 CRISTÃO. Meu irmão, não lhe fiz a pergunta porque eu mesmo duvidasse da verdade da nossa crença, mas para pôr você à prova e obter de você um fruto da sinceridade do seu coração. Quanto a esse homem, sei que ele foi cegado pelo deus deste mundo. Vamos seguir adiante, você e eu, sabendo que cremos na verdade, "e nenhuma mentira procede da verdade".

53 ESPERANÇOSO. Agora me alegro na esperança da glória de Deus. Assim se afastaram do homem; e ele, rindo deles, seguiu seu caminho.

54 Vi então em meu sonho que eles caminharam até chegar a uma região cujo ar, por sua natureza, fazia sentir sono quem chegasse ali sem estar acostumado. E ali Esperançoso começou a ficar muito lerdo e sonolento; por isso disse a Cristão: Estou começando a sentir tanto sono que mal consigo manter os olhos abertos; vamos nos deitar aqui e tirar uma soneca.

55 CRISTÃO. De modo algum, disse o outro, para que não aconteça de dormirmos e nunca mais acordarmos.

56 ESPERANÇOSO. Por quê, meu irmão? O sono é doce para quem trabalha; podemos recuperar as forças se tirarmos uma soneca.

57 CRISTÃO. Você não se lembra de que um dos Pastores nos disse que tomássemos cuidado com o Terreno Encantado? Ele quis dizer que devíamos tomar cuidado para não dormir; "Portanto, não durmamos como os outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios."

58 ESPERANÇOSO. Reconheço meu erro, e, se estivesse aqui sozinho, teria corrido perigo de morte ao dormir. Vejo que é verdade o que diz o sábio: Dois são melhores do que um. Até aqui sua companhia tem sido uma bên-

ção para mim, e você terá uma boa recompensa pelo seu esforço.

59 CRISTÃO. Então, disse Cristão, para evitar a sonolência neste lugar, vamos começar uma boa conversa.

60 ESPERANÇOSO. De todo o coração, disse o outro.

61 CRISTÃO. Por onde começaremos?

62 ESPERANÇOSO. Por onde Deus começou conosco. Mas comece você, por favor.

63 CRISTÃO. Primeiro vou cantar esta canção para você: —

64 Quando os santos sentirem sono, venham aqui,
E ouçam como estes dois peregrinos conversam:
Sim, aprendam com eles, de toda maneira,
A manter abertos os olhos pesados de sono.
A comunhão dos santos, quando bem conduzida,
Os mantém despertos, apesar do inferno.

65 CRISTÃO. Então Cristão começou, dizendo: Vou lhe fazer uma pergunta. Como foi que você começou a pensar em agir como age agora?

66 ESPERANÇOSO. Você quer dizer como comecei a cuidar do bem da minha alma?

67 CRISTÃO. Sim, é isso que quero dizer.

68 ESPERANÇOSO. Por muito tempo continuei a me deleitar nas coisas que eram vistas e vendidas em nossa feira; coisas que, agora creio, teriam me afundado na perdição e na destruição, se eu tivesse continuado nelas.

69 CRISTÃO. Que coisas são essas?

70 ESPERANÇOSO. Todos os tesouros e riquezas do mundo. Além disso, eu tinha grande prazer em desordens, farras, bebedeiras, juramentos, mentiras, impureza, violação do sábado e tudo o mais que contribuía para destruir a alma.

70.2 Mas por fim descobri, ouvindo e refletindo sobre as coisas divinas, das quais ouvi falar por você e também pelo querido Fiel, que foi morto por sua fé e boa conduta na Feira da Vaidade, que "o fim dessas coisas é a morte". E que, por causa dessas coisas, "vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência".

71 CRISTÃO. E você ficou logo sob o poder dessa convicção?

72 ESPERANÇOSO. Não, eu não estava disposto a reconhecer de imediato o mal do pecado, nem a condenação que vem depois de cometê-lo; mas, quando minha mente começou a ser abalada pela Palavra, procurei fechar os olhos à sua luz.

73 CRISTÃO. Mas o que levou você a agir assim diante das primeiras ações do bendito Espírito de Deus em você?

74 ESPERANÇOSO. As causas foram estas: 1. Eu não sabia que aquilo era a obra de Deus em mim. Nunca imaginei que Deus começa a conversão de um pecador despertando nele a consciência do pecado. 2. O pecado ainda era muito doce à minha carne, e eu relutava em abandoná-lo. 3. Eu não sabia como me separar dos meus antigos companheiros; a presença e as ações deles me atraíam tanto. 4.

74.2 As horas em que essas convicções pesavam sobre mim eram tão aflitivas e traziam tanto medo ao coração que eu não suportava nem mesmo guardar a lembrança delas.

75 CRISTÃO. Então, pelo que parece, às vezes você se livrava da sua aflição.

76 ESPERANÇOSO. Sim, de fato, mas ela voltava à minha mente, e então eu ficava tão mal quanto antes, ou melhor, ainda pior.

77 CRISTÃO. Mas o que fazia você se lembrar de novo dos seus pecados?

78 ESPERANÇOSO. Muitas coisas, como:

79 1. Se eu simplesmente encontrasse um homem bom na rua; ou

80 2. Se ouvisse alguém ler a Bíblia; ou

81 3. Se minha cabeça começasse a doer; ou

82 4. Se me dissessem que alguns dos meus vizinhos estavam doentes; ou

83 5. Se ouvisse o sino tocar por alguém que havia morrido; ou

84 6. Se pensasse na minha própria morte; ou

85 7. Se ouvisse que outras pessoas haviam morrido de repente;

86 8. Mas, sobretudo, quando pensava que eu mesmo teria de comparecer em breve ao julgamento.

87 CRISTÃO. E você conseguia alguma vez se livrar com facilidade da culpa do pecado, quando ela vinha sobre você por algum desses meios?

88 ESPERANÇOSO. Não, de modo algum, pois então meus pecados se agarravam ainda mais à minha consciência; e, se eu apenas pensasse em voltar ao pecado (embora minha mente já estivesse voltada contra ele), isso seria um tormento em dobro para mim.

89 CRISTÃO. E o que você fez então?

90 ESPERANÇOSO. Pensei que precisava me esforçar para corrigir minha vida; pois, caso contrário, pensei comigo, certamente serei condenado.

91 CRISTÃO. E você se esforçou para se corrigir?

92 ESPERANÇOSO. Sim; e fugi não só dos meus pecados, mas também das companhias pecaminosas; e me dediquei aos deveres religiosos, como orar, ler, chorar pelo pecado, falar a verdade aos meus vizinhos etc. Fiz essas coisas e muitas outras, numerosas demais para contar aqui.

93 CRISTÃO. E você achou então que estava bem?

94 ESPERANÇOSO. Sim, por algum tempo; mas, por fim, minha aflição voltou a desabar sobre mim, passando por cima de todas as mudanças que eu havia feito.

95 CRISTÃO. Como isso aconteceu, já que você havia mudado de vida?

96 ESPERANÇOSO. Várias coisas trouxeram essa aflição de volta, especialmente declarações como estas: "Todas as nossas justiças são como trapos imundos." "Pelas obras da lei ninguém será justificado."

96.2 "Quando tiverem feito todas essas coisas, digam: Somos inúteis", e muitas outras semelhantes. Por isso comecei a raciocinar comigo mesmo assim: Se TODAS as minhas justiças são trapos imundos; se, pelas obras da lei, NENHUM homem pode ser justificado; e se, depois de termos feito TUDO, ainda somos inúteis, então é tolice pensar em alcançar o céu pela lei.

96.3 Pensei ainda assim: Se um homem contrair uma dívida de cem libras com um comerciante e, depois disso, pagar por tudo o que levar, ainda assim, se aquela dívida antiga continuar no livro sem ser riscada, o comerci-

ante poderá processá-lo por ela e mandá-lo para a prisão até que pague a dívida.

97 CRISTÃO. Bem, e como você aplicou isso a si mesmo?

98 ESPERANÇOSO. Ora, pensei comigo mesmo assim: Com meus pecados, acumulei uma grande dívida no livro de Deus, e minha mudança de vida agora não quitará essa conta; por isso, mesmo com todas as minhas melhorias atuais, eu continuava pensando: Mas como ficarei livre daquela condenação a que me expus por minhas transgressões passadas?

99 CRISTÃO. Uma aplicação muito boa; mas, por favor, continue.

100 ESPERANÇOSO. Outra coisa que me tem afligido, mesmo depois dessas mudanças recentes, é que, quando examino de perto o que faço de melhor agora, ainda vejo pecado, um novo pecado, misturado ao melhor que faço; de modo que agora sou obrigado a concluir que, apesar das ideias iludidas que antes tinha de mim mesmo e dos meus deveres, cometi pecado suficiente em um único dever para me mandar ao inferno, ainda que minha vida anterior tivesse sido irrepreensível.

101 CRISTÃO. E o que você fez então?

102 ESPERANÇOSO. Fiz! Eu não sabia o que fazer, até que abri meu coração a Fiel, pois nós nos conhecíamos bem. E ele me disse que, se eu não pudesse obter a justiça de um homem que nunca tivesse pecado, nem a minha própria justiça, nem toda a justiça do mundo poderiam me salvar.

103 CRISTÃO. E você achou que ele dizia a verdade?

104 ESPERANÇOSO. Se ele tivesse me dito isso quando eu estava contente e satisfeito com minha própria mudança de vida, eu o teria chamado de tolo em troca de seu esforço; mas agora, vendo minha fraqueza e o pecado que se apega ao melhor que faço, fui obrigado a concordar com ele.

105 CRISTÃO. Mas, quando ele lhe falou disso pela primeira vez, você achou que existia um homem de quem se pudesse dizer com razão que nunca havia cometido pecado?

106 ESPERANÇOSO. Devo confessar que, a princípio, aquelas palavras me pareceram estranhas, mas, depois de conversar e conviver um pouco mais com ele, fiquei plenamente convencido disso.

107 CRISTÃO. E você lhe perguntou quem era esse homem e como poderia ser justificado por ele?

108 ESPERANÇOSO. Sim, e ele me disse que era o Senhor Jesus, que habita à direita do Altíssimo. E é assim, disse ele, que você deve ser justificado por ele: confiando no que ele próprio fez nos dias em que viveu na carne e no que sofreu quando esteve pendurado no madeiro. Perguntei ainda como a justiça daquele homem podia ter poder para justificar outra pessoa diante de Deus.

108.2 E ele me disse que aquele homem era o Deus poderoso e que fez o que fez, e também morreu, não por si mesmo, mas por mim; e que suas obras e o mérito delas seriam atribuídos a mim, se eu cresse nele.

109 CRISTÃO. E o que você fez então?

110 ESPERANÇOSO. Apresentei minhas objeções a crer, pois pensava que ele não estava disposto a me salvar.

111 CRISTÃO. E o que Fiel lhe disse então?

112 ESPERANÇOSO. Ele me disse que fosse a ele e visse. Então eu disse que isso era presunção; mas ele respondeu que não, pois eu havia sido convidado a ir. Depois me deu um livro de Jesus, escrito por sua inspiração, para me encorajar a ir com mais liberdade; e disse, a respeito daquele livro, que cada letra e cada traço dele estavam mais firmes que o céu e a terra.

112.2 Então lhe perguntei o que devia fazer quando chegasse; e ele me disse que eu devia suplicar de joelhos, de todo o coração e de toda a alma, ao Pai que me revelasse seu Filho. Perguntei ainda como devia fazer minha súplica a ele. E ele disse: Vá, e você o encontrará num trono de misericórdia, onde ele se assenta o ano inteiro para conceder perdão e remissão aos que vêm.

112.3 Eu lhe disse que não sabia o que dizer quando chegasse. E ele me orientou a dizer algo assim: Deus, tem misericórdia de mim, pecador, e faz com que eu conheça Jesus Cristo e creia nele; pois vejo que, se não existisse a justiça dele, ou se eu não tiver fé nessa justiça, estou completamente perdido.

112.4 Senhor, ouvi dizer que és um Deus misericordioso e que determinaste que teu Filho Jesus Cristo fosse o Salvador do mundo; e, ademais, que estás disposto a concedê-lo a um pobre pecador como eu (e sou mesmo um pecador); Senhor, aproveita, pois, esta oportunidade e engrandece tua graça na salvação da minha alma, por meio de teu Filho Jesus Cristo. Amém.

113 CRISTÃO. E você fez como lhe foi dito?

114 ESPERANÇOSO. Sim; muitas e muitas vezes.

115 CRISTÃO. E o Pai lhe revelou seu Filho?

116 ESPERANÇOSO. Nem na primeira, nem na segunda, nem na terceira, nem na quarta, nem na quinta; não, nem mesmo na sexta vez.

117 CRISTÃO. O que você fez então?

118 ESPERANÇOSO. O quê! Ora, eu não sabia o que fazer.

119 CRISTÃO. Você não pensou em parar de orar?

120 ESPERANÇOSO. Sim; cem vezes contadas duas vezes.

121 CRISTÃO. E por que você não parou?

122 ESPERANÇOSO. Eu acreditava que era verdade o que me haviam dito, isto é, que, sem a justiça desse Cristo, nem o mundo inteiro poderia me salvar; por isso pensei comigo: Se eu desistir, morrerei, e, no trono da graça, o máximo que pode me acontecer é morrer. Além disso, veio à minha mente esta palavra: "Ainda que demore, espere; porque certamente virá, não tardará." Assim, continuei orando até que o Pai me mostrou seu Filho.

123 CRISTÃO. E como ele lhe foi revelado?

124 ESPERANÇOSO. Eu não o vi com os olhos do corpo, mas com os olhos do entendimento; e aconteceu assim: Um dia eu estava muito triste, creio que mais triste do que em qualquer outro momento da minha vida, e essa tristeza vinha de uma nova percepção da grandeza e da vileza dos meus pecados. E, quando eu não esperava nada além do inferno e da condenação eterna da minha alma, subitamente pareceu-me ver o Senhor Jesus Cristo olhando do céu para mim e dizendo: "Creia no Senhor Jesus Cristo, e você será salvo."

125 Mas respondi: Senhor, sou um grande pecador, um pecador muito grande. E ele respondeu: "Minha graça é suficiente para você." Então eu disse: Mas, Senhor, o que é crer?

125.2 E então compreendi, por aquela declaração: "Quem vem a mim nunca terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede", que crer e vir eram a mesma coisa; e que aquele que vinha, isto é, que buscava de todo o coração e com todos os seus afetos a salvação por Cristo, esse de fato cria em Cristo.

125.3 Então meus olhos se encheram de lágrimas, e perguntei ainda: Mas, Senhor, um pecador tão grande como eu pode mesmo ser aceito e salvo por ti? E ouvi que ele dizia: "Aquele que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora." Então eu disse: Mas, Senhor, como devo entender quem tu és ao ir a ti, para que minha fé esteja corretamente firmada em ti?

125.4 Então ele disse: "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores." "Ele é o fim da lei para a justiça de todo aquele que crê." "Ele morreu por nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação."

125.5 "Ele nos amou e nos lavou de nossos pecados com seu próprio sangue." "Ele é o mediador entre Deus e nós." "Ele vive para sempre para interceder por nós." De tudo isso entendi que devia buscar a justiça na pessoa dele e a reparação pelos meus pecados em seu sangue; que aquilo que ele fez ao obedecer à lei de seu Pai e ao se submeter à pena que ela exigia não foi por si mesmo, mas por aquele que aceitar isso para sua salvação e for agradecido.

125.6 E então meu coração ficou cheio de alegria, meus olhos cheios de lágrimas, e meus afetos transbordavam de amor pelo nome, pelo povo e pelos caminhos de Jesus Cristo.

126 CRISTÃO. Isso foi, de fato, uma revelação de Cristo à sua alma; mas me diga em particular que efeito isso teve sobre seu espírito.

127 ESPERANÇOSO. Isso me fez ver que o mundo inteiro, apesar de toda a sua justiça, está em estado de condenação. Fez-me ver que Deus Pai, embora seja justo, pode com justiça justificar o pecador que vem a ele.

127.2 Fez-me sentir muita vergonha da vileza da minha vida passada e me deixou humilhado pela consciência da minha própria ignorância; pois nunca antes havia surgido em meu coração um pensamento que me mostrasse assim a beleza de Jesus Cristo.

127.3 Fez-me amar uma vida santa e desejar fazer algo pela honra e glória do nome do Senhor Jesus; sim, pensei que, se naquele momento eu tivesse mil galões de sangue em meu corpo, poderia derramá-lo todo por amor ao Senhor Jesus.

128 Vi então em meu sonho que Esperançoso olhou para trás e viu Ignorância, que eles haviam deixado para trás, vindo em seguida. Veja, disse ele a Cristão, como aquele rapaz vem se demorando lá longe.

129 CRISTÃO. Sim, sim, estou vendo; ele não faz questão da nossa companhia.

130 ESPERANÇOSO. Mas creio que não lhe teria feito mal se tivesse acompanhado nosso passo até aqui.

131 CRISTÃO. É verdade; mas garanto que ele pensa de outro modo.

132 ESPERANÇOSO. Também acho que sim; mas, de qualquer forma, vamos esperar por ele. E assim fizeram.

133 Então Cristão lhe disse: Venha, homem, por que você fica tão para trás?

134 IGNOR. Tenho prazer em andar sozinho, muito mais do que acompanhado, a menos que a companhia me agrade mais.

135 Então Cristão disse a Esperançoso, em voz baixa: Eu não disse que ele não fazia questão da nossa companhia? Mas, de qualquer modo, disse ele, aproxime-se, e vamos conversar para passar o tempo neste lugar solitário. Então, dirigindo-se a Ignorância, disse: Vamos, como você está? Como vão agora as coisas entre Deus e sua alma?

136 IGNOR. Espero que bem, pois estou sempre cheio de bons impulsos que me vêm à mente para me consolar enquanto caminho.

137 CRISTÃO. Que bons impulsos? Por favor, conte-nos.

138 IGNOR. Ora, penso em Deus e no céu.

139 CRISTÃO. Os demônios e as almas condenadas também pensam.

140 IGNOR. Mas eu penso neles e os desejo.

141 CRISTÃO. Muitos que jamais chegarão lá também fazem isso. "A alma do preguiçoso deseja e nada tem."

142 IGNOR. Mas eu penso neles e deixo tudo por eles.

143 CRISTÃO. Disso eu duvido, pois deixar tudo é algo difícil; sim, mais difícil do que muitos percebem. Mas por que, ou com base em quê, você está convencido de que deixou tudo por Deus e pelo céu?

144 IGNOR. Meu coração me diz isso.

145 CRISTÃO. O sábio diz: "Quem confia no próprio coração é tolo."

146 IGNOR. Isso se diz de um coração mau, mas o meu é bom.

147 CRISTÃO. Mas como você prova isso?

148 IGNOR. Ele me consola com a esperança do céu.

149 CRISTÃO. Isso pode ser por causa do seu engano, pois o coração de um homem pode consolá-lo com a esperança de algo que ele ainda não tem razão alguma para esperar.

150 IGNOR. Mas meu coração e minha vida estão de acordo, e por isso minha esperança tem bom fundamento.

151 CRISTÃO. Quem lhe disse que seu coração e sua vida estão de acordo?

152 IGNOR. Meu coração me diz isso.

153 CRISTÃO. Pergunte ao meu comparsa se sou ladrão! Seu coração lhe diz isso! A menos que a Palavra de Deus dê testemunho nessa questão, nenhum outro testemunho tem valor.

154 IGNOR. Mas não é bom o coração que tem bons pensamentos? E não é boa a vida que está de acordo com os mandamentos de Deus?

155 CRISTÃO. Sim, é bom o coração que tem bons pensamentos, e é boa a vida que está de acordo com os mandamentos de Deus; mas uma coisa é realmente tê-los, e outra é apenas pensar que os tem.

156 IGNOR. Por favor, o que você considera bons pensamentos e uma vida de acordo com os mandamentos de Deus?

157 CRISTÃO. Há bons pensamentos de vários tipos: alguns acerca de nós mesmos, outros de Deus, outros de Cristo e outros de outras coisas.

158 IGNOR. Quais são os bons pensamentos a respeito de nós mesmos?

159 CRISTÃO. Aqueles que estão de acordo com a Palavra de Deus.

160 IGNOR. Quando nossos pensamentos sobre nós mesmos estão de acordo com a Palavra de Deus?

161 CRISTÃO. Quando fazemos de nós mesmos o mesmo julgamento que a Palavra faz. Para me explicar: a Palavra de Deus diz das pessoas em sua condição natural: "Não há nenhum justo, não há ninguém que faça o bem." Diz também que "toda imaginação do coração do homem é somente má, e isso continuamente". E ainda: "A imaginação do coração do homem é má desde a sua juventude."

161.2 Assim, quando pensamos dessa maneira a nosso respeito, tendo consciência disso, nossos pensamentos são bons, porque estão de acordo com a Palavra de Deus.

162 IGNOR. Nunca acreditarei que meu coração seja tão mau assim.

163 CRISTÃO. Portanto, você nunca teve na vida um só pensamento bom a respeito de si mesmo. Mas deixe-me continuar. Assim como a Palavra faz um julgamento sobre nosso coração, também faz um julgamento sobre nossos caminhos; e, quando NOSSOS pensamentos sobre nosso coração e nossos caminhos concordam com o julgamento que a Palavra faz de ambos, então os dois são bons, porque estão de acordo com ela.

164 IGNOR. Explique o que quer dizer.

165 CRISTÃO. Ora, a Palavra de Deus diz que os caminhos do homem são tortuosos; não são bons, mas perversos. Diz que, por natureza, eles estão fora do bom caminho e não o conheceram. Assim, quando um homem pensa dessa maneira sobre seus caminhos — digo, quando pensa assim

com consciência disso e com humildade de coração —, então tem bons pensamentos sobre seus próprios caminhos, porque seus pensamentos agora concordam com o julgamento da Palavra de Deus.

166 IGNOR. Quais são os bons pensamentos a respeito de Deus?

167 CRISTÃO. Assim como eu disse a respeito de nós mesmos, é quando nossos pensamentos sobre Deus concordam com o que a Palavra diz dele; isto é, quando pensamos em seu ser e seus atributos conforme a Palavra ensinou, assunto sobre o qual não posso falar longamente agora.

167.2 Mas, falando dele em relação a nós: temos pensamentos corretos sobre Deus quando pensamos que ele nos conhece melhor do que nós mesmos e pode ver pecado em nós quando e onde não vemos nenhum; quando pensamos que ele conhece nossos pensamentos mais íntimos e que nosso coração, com toda a sua profundidade, está sempre aberto diante de seus olhos; e também quando pensamos que toda a nossa justiça cheira mal às suas narinas e que, por isso, ele não suporta nos ver diante dele confiantes sequer em nossas melhores obras.

168 IGNOR. Você pensa que sou tão tolo a ponto de achar que Deus não vê além do que eu vejo? Ou que eu me apresentaria a Deus com o que há de melhor nas minhas obras?

169 CRISTÃO. Ora, o que você pensa sobre esse assunto?

170 IGNOR. Bem, para ser breve, penso que devo crer em Cristo para ser justificado.

171 CRISTÃO. Como! Você pensa que deve crer em Cristo quando não vê sua necessidade dele! Você não vê suas fraquezas, nem as de origem nem as que manifesta em seus atos; mas tem uma opinião de si mesmo e do que

faz que mostra claramente que nunca percebeu a necessidade da justiça pessoal de Cristo para justificá-lo diante de Deus. Como, então, você diz: Creio em Cristo?

172 IGNOR. Apesar de tudo isso, creio o suficiente.

173 CRISTÃO. Como você crê?

174 IGNOR. Creio que Cristo morreu pelos pecadores e que serei justificado diante de Deus e livre da maldição, por ele aceitar bondosamente minha obediência à sua lei. Ou seja, Cristo torna meus deveres religiosos aceitáveis ao seu Pai, em virtude dos seus méritos; e assim serei justificado.

175 CRISTÃO. Deixe-me responder a essa confissão da sua fé:—

176 1. Você crê com uma fé imaginária, pois essa fé não é descrita em parte alguma da Palavra.

177 2. Você crê com uma fé falsa, porque ela tira da justiça pessoal de Cristo a justificação e a atribui à sua própria justiça.

178 3. Essa fé faz de Cristo o justificador das suas ações, e de você por causa das suas ações, em vez de fazê-lo o justificador da sua pessoa, o que é falso.

179 4. Por conseguinte, essa fé é enganosa e o deixará sob a ira no dia do Deus Todo-Poderoso; pois a verdadeira fé que justifica leva a alma, consciente da sua condição pela lei, a buscar refúgio na justiça de Cristo.

179.2 Essa justiça dele não é um ato de graça pelo qual ele torna sua obediência aceitável a Deus para sua justificação, mas é a obediência pessoal dele à lei, fazendo e sofrendo por nós o que ela exigia de nós.

179.3 Essa justiça, digo eu, é o que a verdadeira fé aceita; debaixo de seu manto a alma se abriga e, por meio dela, é apresentada sem mancha diante de Deus, sendo aceita e absolvida da condenação.

180 IGNOR. O quê! Você quer que confiemos no que Cristo, em sua própria pessoa, fez sem nossa participação? Essa ideia soltaria as rédeas dos nossos desejos pecaminosos e nos permitiria viver como quiséssemos; pois que importância teria a maneira como vivemos, se, ao crermos nisso, pudéssemos ser justificados de tudo pela justiça pessoal de Cristo?

181 CRISTÃO. Seu nome é Ignorância, e você é tal como seu nome; essa sua resposta demonstra o que digo. Você ignora o que é a justiça que justifica e também ignora como proteger sua alma, pela fé nela, da pesada ira de Deus. Sim, você também ignora os verdadeiros efeitos da fé salvadora nessa justiça de Cristo, que são inclinar e conquistar o coração para Deus em Cristo, para amar seu nome, sua palavra, seus caminhos e seu povo, e não o que você imagina em sua ignorância.

182 ESPERANÇOSO. Pergunte a ele se alguma vez Cristo lhe foi revelado do céu.

183 IGNOR. O quê! Você é um homem que acredita em revelações! Creio que tudo o que você e todos os outros dizem sobre esse assunto é apenas fruto de mentes perturbadas.

184 ESPERANÇOSO. Ora, homem! Cristo está tão oculto em Deus à compreensão natural da carne que ninguém pode conhecê-lo de maneira salvadora, a menos que Deus Pai o revele.

185 IGNOR. Essa é a sua fé, mas não a minha; contudo, não duvido de que a minha seja tão boa quanto a sua, embora eu não tenha na cabeça tantas fantasias quanto você.

186 CRISTÃO. Permita-me dizer uma palavra. Você não deveria falar desse assunto com tanta leviandade; pois afirmarei com toda a certeza, assim como fez meu bom companheiro, que ninguém pode conhecer Jesus Cristo senão pela revelação do Pai.

186.2 Sim, e a fé pela qual a alma se apega a Cristo, se for verdadeira, também deve ser produzida pela suprema grandeza de seu imenso poder; e percebo, pobre Ignorância, que você ignora como essa fé é produzida. Desperte, então, veja sua própria miséria e corra para o Senhor Jesus; e, pela justiça dele, que é a justiça de Deus, pois ele mesmo é Deus, você será livre da condenação.

187 IGNOR. Vocês andam tão depressa que não consigo acompanhar. Sigam na frente; preciso ficar um pouco para trás.

188 Então eles disseram:—

189 Pois bem, Ignorância, você ainda será tão tolo
A ponto de desprezar o bom conselho que dez vezes lhe foi dado?
E, se ainda o recusar, você conhecerá,
Em breve, o mal de agir assim.
Lembre-se, homem, enquanto há tempo: seja humilde, não tema;
O bom conselho bem acolhido salva; portanto, escute.
Mas, se ainda o desprezar, será você
Quem sairá perdendo, Ignorância, eu lhe garanto.

190 Então Cristão se dirigiu assim ao seu companheiro:—

191 CRISTÃO. Bem, venha, meu bom Esperançoso; percebo que você e eu teremos de caminhar sozinhos outra vez.

192 Assim, vi em meu sonho que eles seguiram depressa à frente, e Ignorância veio atrás, mancando. Então Cristão disse ao seu companheiro: Sinto muita pena desse pobre homem; certamente ele acabará mal.

193 ESPERANÇOSO. Ah! Há muitos em nossa cidade na condição dele: famílias inteiras, sim, ruas inteiras, e de peregrinos também; e, se há tantos em nossa região, quantos você acha que deve haver no lugar onde ele nasceu?

194 CRISTÃO. De fato, a Palavra diz: "Ele cegou os olhos deles, para que não vejam", etc. Mas agora que estamos sozinhos, o que você pensa de homens assim? Você acha que nunca se convencem do pecado e, por consequência, nunca temem que sua condição seja perigosa?

195 ESPERANÇOSO. Responda você mesmo a essa pergunta, pois é o mais velho.

196 CRISTÃO. Então digo que às vezes, penso eu, isso pode acontecer; mas, sendo ignorantes por natureza, não entendem que essa convicção é para o bem deles; por isso procuram desesperadamente sufocá-la e, com presunção, continuam a iludir a si mesmos, seguindo o próprio coração.

197 ESPERANÇOSO. Creio, como você diz, que o temor contribui muito para o bem dos homens e para colocá-los no caminho certo quando começam sua peregrinação.

198 CRISTÃO. Sem dúvida alguma, se for o temor correto; pois assim diz a Palavra: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria."

199 ESPERANÇOSO. Como você descreveria o temor correto?

200 CRISTÃO. O temor verdadeiro ou correto se reconhece por três coisas: —

201 1. Por sua origem: ele é causado pela convicção de pecado que conduz à salvação.

202 2. Ele leva a alma a se apegar firmemente a Cristo para a salvação.

203 3. Ele gera e mantém na alma uma grande reverência por Deus, por sua Palavra e por seus caminhos, conservando-a sensível e fazendo-a temer desviar-se deles, para a direita ou para a esquerda, em direção a qualquer coisa que possa desonrar a Deus, perturbar sua paz, entristecer o Espírito ou dar ao inimigo motivo para falar mal.

204 ESPERANÇOSO. Bem dito; creio que você falou a verdade. Já estamos quase saindo do Terreno Encantado?

205 CRISTÃO. Por quê? Você está cansado desta conversa?

206 ESPERANÇOSO. Não, de modo algum; só queria saber onde estamos.

207 CRISTÃO. Agora não temos mais de duas milhas a percorrer nele. Mas voltemos ao nosso assunto. Os ignorantes não sabem que a convicção que os leva a temer é para o seu bem, e por isso procuram sufocá-la.

208 ESPERANÇOSO. Como procuram sufocá-la?

209 CRISTÃO. 1. Pensam que esses temores são produzidos pelo diabo, embora, na verdade, sejam produzidos por Deus; e, pensando assim, resistem a eles como a coisas que levam diretamente à sua ruína.

210 2. Também pensam que esses temores tendem a destruir sua fé, quando, para sua desgraça, pobres homens que são, não têm fé alguma! Por isso endurecem o coração contra eles.

211 3. Presumem que não devem temer; e, por isso, apesar desses temores, tornam-se presunçosamente confiantes.

212 4. Eles veem que esses temores tendem a tirar deles sua velha e lamentável santidade própria, e por isso resistem a eles com todas as suas forças.

213 ESPERANÇOSO. Eu mesmo conheço um pouco disso, pois, antes de conhecer a mim mesmo, era assim comigo.

214 CRISTÃO. Bem, deixemos por enquanto nosso vizinho Ignorância sozinho e passemos a outra questão proveitosa.

215 ESPERANÇOSO. De todo o coração, mas você deve começar de novo.

216 CRISTÃO. Bem, então, você não conheceu, há uns dez anos, um tal Temporário aí na sua região, que naquela época era muito dedicado à religião?

217 ESPERANÇOSO. Se o conheci! Sim, ele morava em Sem Graça, uma cidade a cerca de duas milhas de Honestidade, e era vizinho de um tal Volta Atrás.

218 CRISTÃO. Isso mesmo, ele morava sob o mesmo teto que ele. Bem, esse homem certa vez teve um grande despertar; creio que naquela época ele enxergou um pouco de seus pecados e do castigo que lhes era devido.

219 ESPERANÇOSO. Concordo com você, pois, como minha casa não ficava a mais de três milhas da dele, ele vinha muitas vezes me procurar, e com muitas lágrimas. De fato, eu tinha pena daquele homem e ainda ali-

mentava alguma esperança a seu respeito; mas, como se pode ver, nem todo aquele que clama: Senhor, Senhor.

220 CRISTÃO. Certa vez ele me disse que estava decidido a sair em peregrinação, como fazemos agora; mas, de repente, fez amizade com um tal Salva a Si Mesmo, e então se afastou de mim.

221 ESPERANÇOSO. Agora, já que estamos falando dele, vamos examinar um pouco a razão do súbito abandono da fé por parte dele e de outros semelhantes.

222 CRISTÃO. Pode ser muito proveitoso, mas comece você.

223 ESPERANÇOSO. Bem, então, a meu ver há quatro razões para isso:—

224 1. Embora a consciência desses homens seja despertada, sua mente não é transformada; por isso, quando a força da culpa diminui, cessa aquilo que os levou a ser religiosos, e assim eles naturalmente voltam ao seu antigo caminho.

224.2 É como vemos acontecer com o cão que passa mal por causa do que comeu: enquanto dura o mal-estar, ele vomita e põe tudo para fora; não que faça isso de livre vontade (se podemos dizer que um cão tem vontade), mas porque aquilo incomoda seu estômago.

224.3 Porém, quando o mal-estar passa e seu estômago fica aliviado, como seu desejo pelo próprio vômito não mudou em nada, ele se vira e lambe tudo. Assim se confirma o que está escrito: "O cão voltou ao seu próprio vômito."

224.4 Portanto, digo que, quando anseiam ardentemente pelo céu apenas por sentirem e temerem os tormentos do inferno, à medida que sua percepção do inferno e seus temores da condenação esfriam e diminuem, tam-

bém esfria seu desejo pelo céu e pela salvação.

224.5 Assim acontece que, quando sua culpa e seu medo desaparecem, morrem seus desejos pelo céu e pela felicidade, e eles voltam ao seu antigo caminho.

225 2. Outra razão é que eles têm temores servis que os dominam; falo agora do medo que têm dos homens, pois "o temor do homem traz uma armadilha". Assim, embora pareçam ansiar ardentemente pelo céu enquanto as chamas do inferno lhes ardem junto aos ouvidos, quando esse terror diminui um pouco, eles começam a reconsiderar; isto é, pensam que é bom ser prudente e não correr, por algo que nem sabem o que é, o risco de perder tudo ou, pelo menos, de se meter em dificuldades inevitáveis e desnecessárias. E assim voltam a se unir ao mundo.

226 3. A vergonha que acompanha a religião também é um obstáculo em seu caminho; eles são orgulhosos e arrogantes, e a religião, aos seus olhos, é algo inferior e desprezível. Por isso, quando perdem a percepção do inferno e da ira que virá, voltam ao seu antigo caminho.

227 4. A culpa e a meditação sobre o terror lhes são penosas. Eles não gostam de ver sua miséria antes de cair nela; embora talvez vê-la de antemão, se acolhessem essa visão, pudesse levá-los a fugir para onde os justos fogem e ficam seguros. Mas, como eu já sugeri, eles evitam até mesmo os pensamentos de culpa e terror. Por isso, assim que se livram dos alertas em sua consciência sobre os terrores e a ira de Deus, endurecem de bom grado o coração e escolhem caminhos que os endurecerão cada vez mais.

228 CRISTÃO. Você chegou bem perto do ponto, pois a raiz de tudo é a falta de uma mudança em sua mente e vontade. Por isso, eles são como o criminoso que está diante do juiz: ele se abala e treme, e parece se arrepender de todo o coração, mas, no fundo, tudo se deve ao medo da corda da forca; não é que tenha qualquer aversão ao crime, como fica evidente, pois basta que esse homem seja posto em liberdade para continuar sendo ladrão e malfeitor. Se sua mente tivesse sido transformada, porém, ele seria diferente.

229 ESPERANÇOSO. Agora que lhe mostrei as razões pelas quais eles voltam atrás, mostre-me como isso acontece.

230 CRISTÃO. Farei isso de boa vontade.

231 1. Eles afastam seus pensamentos, tanto quanto podem, da lembrança de Deus, da morte e do juízo que virá.

232 2. Então abandonam aos poucos os deveres particulares, como a oração a sós, o controle dos desejos, a vigilância, a tristeza pelo pecado e coisas semelhantes.

233 3. Depois evitam a companhia de cristãos cheios de vida e fervor.

234 4. Em seguida, tornam-se frios quanto aos deveres públicos, como ouvir a pregação, ler, conversar sobre as coisas de Deus e coisas semelhantes.

235 5. Então começam, como se diz, a procurar defeitos em algumas pessoas piedosas; e fazem isso de maneira diabólica, para ter um pretexto aparentemente plausível para lançar a religião para trás das costas, por causa de alguma fraqueza que perceberam nelas.

236 6. Depois começam a se unir e a se associar a homens carnais, devassos e libertinos.

237 7. Então se entregam em segredo a conversas carnais e indecentes; e ficam contentes se conseguem ver essas coisas em alguém considerado honesto, para que possam fazê-las com mais ousadia, seguindo seu exemplo.

238 8. Depois disso, começam a brincar abertamente com pequenos pecados.

239 9. E então, já endurecidos, mostram-se como são. Assim, lançados novamente no abismo da miséria, a menos que um milagre da graça o impeça, perecem eternamente em seus próprios enganos.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PARTE 15

✦

1 Então vi em meu sonho que, àquela altura, os Peregrinos haviam atravessado o Terreno Encantado e estavam entrando na terra de Beulá, cujo ar era muito doce e agradável. Como o caminho passava diretamente por ela, ficaram ali por algum tempo, desfrutando de suas delícias.

1.2 Sim, ali ouviam continuamente o canto dos pássaros, viam todos os dias as flores aparecerem na terra e ouviam a voz da rolinha naquela região. Nessa terra o sol brilha noite e dia; por isso ela ficava além do Vale da Sombra da Morte e também fora do alcance do Gigante Desespero, e daquele lugar eles nem sequer podiam avistar o Castelo da Dúvida.

1.3 Ali estavam à vista da cidade para onde iam, e ali também vieram ao encontro deles alguns de seus habitantes; pois nessa terra os Seres Resplandecentes costumavam andar, porque ela ficava nas fronteiras do céu. Nessa terra também se renovava a aliança entre a noiva e o noivo; sim, ali, "Como o noivo se alegra com a noiva, assim o seu Deus se alegrava com eles."

1.4 Ali não lhes faltavam cereais nem vinho; pois naquele lugar encontraram em abundância o que haviam procurado durante toda a sua peregrinação. Ali ouviram vozes vindas da cidade, vozes fortes, dizendo: "'Digam à filha de Sião: Veja, a sua salvação está chegando!

1.5 Veja, a recompensa dele está com ele!' Ali todos os habitantes da terra os chamavam de 'O povo santo, Os remidos do Senhor, Os procurados'", etc.

2 Enquanto caminhavam por essa terra, sentiam mais alegria do que nas regiões mais distantes do reino para o qual se dirigiam; e, ao se aproximarem da cidade, puderam vê-la com ainda mais clareza.

2.2 Ela era construída de pérolas e pedras preciosas, e sua rua era pavimentada de ouro; de modo que, por causa da glória própria da cidade e do reflexo dos raios do sol sobre ela, Cristão adoeceu de desejo; Esperançoso também teve uma ou duas crises da mesma doença.

2.3 Por isso ficaram ali algum tempo, clamando por causa de suas dores: Se encontrarem o meu amado, digam a ele que estou doente de amor.

3 Mas, depois de recuperarem um pouco as forças e conseguirem suportar melhor sua doença, seguiram seu caminho e chegaram cada vez mais perto, onde havia pomares, vinhedos e jardins, cujos portões davam para a estrada. Quando se aproximaram desses lugares, eis que o jardineiro estava no caminho, e os Peregrinos lhe disseram: De quem são estes belos vinhedos e jardins?

3.2 Ele respondeu: São do Rei, e foram plantados aqui para o prazer dele e também para o conforto dos peregrinos. Então o jardineiro os levou aos vinhedos e os convidou a se refazerem com aquelas delícias. Também lhes mostrou ali os caminhos por onde o Rei passeava e os caramanchões onde ele gostava de ficar; e ali eles se demoraram e dormiram.

4 Então observei em meu sonho que, dessa vez, eles falaram mais durante o sono do que em toda a sua viagem; e, enquanto eu refletia sobre isso, o jardineiro me disse: Por que você fica pensando nisso? É da natureza do fruto das uvas destes vinhedos descer tão suavemente que faz falar os lábios dos que dormem.

5 Assim, vi que, quando acordaram, se prepararam para subir à cidade; mas, como eu disse, o reflexo do sol sobre a cidade, pois a cidade era de ouro puro, era tão extremamente glorioso que ainda não podiam contemplá-la com o rosto descoberto, a não ser por meio de um instrumento feito para esse fim. Então vi, enquanto eu prosseguia, que dois homens vieram ao encontro deles, com roupas que brilhavam como ouro; seus rostos também brilhavam como a luz.

6 Esses homens perguntaram aos Peregrinos de onde vinham, e eles lhes contaram. Também lhes perguntaram onde haviam se hospedado, que dificuldades e perigos, que consolos e prazeres haviam encontrado pelo caminho; e eles lhes contaram. Então os homens que vieram ao encontro deles disseram: Vocês só têm mais duas dificuldades a enfrentar, e então estarão na cidade.

7 Cristão e seu companheiro pediram então aos homens que os acompanhassem, e eles disseram que iriam. Mas, disseram eles, vocês precisam conseguir isso por sua própria fé. Assim, vi em meu sonho que seguiram juntos até avistarem o portão.

8 Vi ainda que entre eles e o portão havia um rio, mas não havia ponte para atravessá-lo; o rio era muito profundo. Ao verem esse rio, os Peregrinos ficaram muito assustados; mas os homens que os acompanhavam disseram: Vocês precisam atravessá-lo, ou não poderão chegar ao portão.

9 Os Peregrinos começaram então a perguntar se não havia outro caminho até o portão; ao que eles responderam: Sim; mas, desde a fundação do mundo, ninguém, a não ser dois, isto é, Enoque e Elias, teve permissão para seguir por esse caminho, nem terá, até que soe a última trombeta.

9.2 Os Peregrinos, sobretudo Cristão, começaram então a desanimar e olharam para um lado e para o outro, mas não encontraram nenhum caminho pelo qual pudessem evitar o rio. Então perguntaram aos homens se as águas tinham a mesma profundidade em toda parte.

9.3 Eles disseram: Não; porém, não podiam ajudá-los nisso; pois, disseram, vocês o acharão mais profundo ou mais raso conforme a fé que tiverem no Rei deste lugar.

10 *Na Ressurreição dos Justos.

11 Então se encaminharam para a água e, ao entrarem, Cristão começou a afundar. Clamando ao seu bom amigo Esperançoso, disse: Estou afundando em águas profundas; as ondas passam sobre a minha cabeça, todas as ondas dele passam sobre mim! Selá.

12 Então o outro disse: Tenha coragem, meu irmão, sinto o fundo, e ele é firme. Cristão disse: Ah, meu amigo! As dores da morte me cercaram; não verei a terra onde correm leite e mel. Com isso, uma grande escuridão e um grande terror caíram sobre Cristão, de modo que ele não conseguia enxergar à sua frente.

12.2 Ali também perdeu em grande parte os sentidos, de modo que não conseguia se lembrar nem falar de maneira ordenada sobre nenhum daqueles doces consolos que havia encontrado no caminho de sua peregrinação. Mas todas as palavras que dizia revelavam o terror de sua mente e o medo que tinha no coração de morrer naquele rio e nunca conseguir entrar pelo portão.

12.3 Ali também, como perceberam os que estavam por perto, ele era muito atormentado por pensamentos sobre os pecados que havia cometido, tanto antes como depois de começar a ser peregrino. Também obser-

varam que ele era perturbado por aparições de duendes e espíritos malignos, pois de vez em quando dava a entender isso por suas palavras.

12.4 Por isso, Esperançoso teve muito trabalho para manter a cabeça de seu irmão fora da água; sim, às vezes ele afundava por completo e, depois de algum tempo, tornava a subir quase morto. Esperançoso também procurava consolá-lo, dizendo: Irmão, vejo o portão e homens esperando para nos receber.

12.5 Mas Cristão respondia: É você, é você que eles esperam; você tem sido Esperançoso desde que o conheço. E você também, disse ele a Cristão. Ah, irmão! disse ele, certamente, se eu estivesse no caminho certo, ele agora se levantaria para me ajudar; mas, por causa dos meus pecados, ele me trouxe a esta armadilha e me abandonou.

12.6 Então Esperançoso disse: Meu irmão, você se esqueceu por completo do texto em que se diz dos perversos: "Não há sofrimentos na morte deles, e sua força permanece firme. Não passam por dificuldades como os outros homens, nem são afligidos como os outros homens.

12.7 Essas dificuldades e angústias pelas quais você passa nestas águas não são sinal de que Deus o abandonou; elas foram enviadas para pôr você à prova, para ver se você se lembrará do que já recebeu da bondade dele e se dependerá dele em suas angústias.

13 Então vi em meu sonho que Cristão ficou por algum tempo como que pensativo. Esperançoso ainda lhe acrescentou estas palavras: Tenha coragem, Jesus Cristo o cura. Com isso, Cristão exclamou em voz alta: Oh, eu o vejo de novo! E ele me diz: "Quando você passar pelas águas, estarei com você; e, quando passar pelos rios, eles não o encobrirão."

13.2 Então os dois criaram coragem, e dali em diante o inimigo ficou imóvel como uma pedra, até que eles terminaram de atravessar. Cristão logo encontrou chão onde firmar os pés, e assim o restante do rio se mostrou raso. Desse modo, atravessaram.

13.3 Na margem do rio, do outro lado, viram novamente os dois homens resplandecentes, que os esperavam ali; por isso, quando saíram do rio, eles os saudaram, dizendo: Somos espíritos servidores, enviados para servir aos que hão de herdar a salvação. Assim seguiram em direção ao portão.

14 Agora é preciso observar que a cidade ficava sobre um monte muito alto, mas os Peregrinos subiram esse monte com facilidade, porque aqueles dois homens os conduziam pelos braços; além disso, haviam deixado suas vestes mortais para trás, no rio, pois, embora tivessem entrado com elas, saíram sem elas.

14.2 Por isso subiram com muita agilidade e rapidez, embora o alicerce sobre o qual a cidade fora construída estivesse acima das nuvens. Assim, subiram pelas regiões do ar, conversando agradavelmente pelo caminho, consolados por terem atravessado o rio em segurança e por terem companheiros tão gloriosos para acompanhá-los.

15 Agora, agora, vejam como viajam os santos peregrinos, As nuvens são seus carros, os anjos são seus guias: Quem não correria aqui todos os perigos por aquele Que assim cuida dos seus quando este mundo acaba?

16 A conversa que tiveram com os Seres Resplandecentes foi sobre a glória daquele lugar; eles lhes disseram que sua beleza e glória eram indescritíveis. Ali, disseram, estão o monte Sião, a Jerusalém celestial, a incontável multidão de anjos e os espíritos dos justos aperfeiçoados.

16.2 Vocês estão indo agora, disseram, para o paraíso de Deus, onde verão a árvore da vida e comerão de seus frutos, que nunca murcham; e, quando chegarem lá, receberão vestes brancas, e todos os dias caminharão e conversarão com o Rei, por todos os dias da eternidade.

16.3 Ali vocês não tornarão a ver coisas como as que viram quando estavam na região inferior, na terra, isto é, tristeza, doença, aflição e morte, pois as coisas antigas passaram. Agora vocês estão indo para junto de Abraão, de Isaque, de Jacó e dos profetas, homens que Deus retirou antes que viesse o mal e que agora descansam em seus leitos, cada um andando em sua retidão.

16.4 Os homens então perguntaram: O que devemos fazer no lugar santo? Ao que lhes responderam: Ali vocês receberão o consolo por todo o seu trabalho e terão alegria por toda a sua tristeza; colherão o que semearam, o fruto de todas as suas orações, lágrimas e sofrimentos pelo Rei ao longo do caminho.

16.5 Naquele lugar usarão coroas de ouro e desfrutarão da visão contínua do Santo, pois ali o verão como ele é. Ali também o servirão continuamente com louvores, aclamações e ações de graças, a ele, a quem vocês desejaram servir no mundo, embora com muita dificuldade, por causa da fraqueza de sua carne.

16.6 Ali seus olhos se deleitarão com o que verão, e seus ouvidos, com a agradável voz do Poderoso. Ali vocês desfrutarão novamente da companhia de seus amigos que foram para lá antes de vocês; e ali receberão com alegria cada um dos que entrarem no lugar santo depois de vocês.

16.7 Ali também serão revestidos de glória e majestade e receberão o equipamento adequado para acompanhar o Rei da Glória em suas saídas. Quando ele vier nas nuvens ao som de trombeta, como sobre as asas do

vento, vocês virão com ele; e, quando ele se sentar no trono do julgamento, vocês se sentarão ao lado dele; sim, e, quando ele pronunciar a sentença contra todos os que praticam a maldade, sejam anjos ou homens, vocês também terão voz nesse julgamento, porque eles eram inimigos dele e de vocês.

16.8 E, quando ele voltar à cidade, vocês também irão, ao som de trombeta, e estarão para sempre com ele.

17 Enquanto assim se aproximavam do portão, eis que um grupo do exército celestial saiu ao encontro deles; e os outros dois Seres Resplandecentes disseram a esse grupo: Estes são os homens que amaram nosso Senhor quando estavam no mundo e que deixaram tudo por seu santo nome; ele nos enviou para buscá-los, e nós os trouxemos até aqui na viagem que tanto desejavam, para que entrem e contemplem com alegria o rosto de seu Redentor.

17.2 Então o exército celestial deu uma grande aclamação, dizendo: "Felizes os que são chamados para a ceia das bodas do Cordeiro." Nessa ocasião também saíram ao encontro deles vários trombeteiros do Rei, vestidos com roupas brancas e resplandecentes, que, com sons melodiosos e fortes, fizeram os próprios céus ecoarem.

17.3 Esses trombeteiros saudaram Cristão e seu companheiro com dez mil boas-vindas ao chegarem do mundo; e fizeram isso com aclamações e som de trombeta.

18 Feito isso, cercaram-nos por todos os lados; alguns iam à frente, outros atrás, alguns à direita, outros à esquerda, como que para protegê-los através das regiões superiores, tocando continuamente enquanto avançavam, com

sons melodiosos e notas agudas; de modo que aquela cena, para os que podiam contemplá-la, era como se o próprio céu tivesse descido ao encontro deles.

18.2 Assim, seguiram todos juntos; e, enquanto caminhavam, de vez em quando esses trombeteiros, com sons alegres, combinando sua música com olhares e gestos, mostravam a Cristão e a seu irmão quanto eram bem-vindos à sua companhia e com quanta alegria tinham vindo ao encontro deles.

18.3 Agora esses dois homens estavam como que no céu, antes mesmo de chegarem lá, inteiramente tomados pela visão dos anjos e pelo som de suas notas melodiosas. Ali também tinham a própria cidade à vista e julgavam ouvir todos os sinos dela tocando para lhes dar as boas-vindas.

18.4 Mas, acima de tudo, tinham pensamentos cheios de entusiasmo e alegria sobre sua própria morada ali, com aquela companhia, para todo o sempre. Oh, que língua ou pena poderia expressar sua gloriosa alegria! E assim chegaram ao portão.

19 Quando chegaram ao portão, havia acima dele uma inscrição em letras de ouro: "Felizes os que cumprem os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida e possam entrar na cidade pelos portões."

20 Então vi em meu sonho que os Homens Resplandecentes lhes disseram que chamassem no portão; e, quando fizeram isso, alguns olharam de cima, por sobre o portão, isto é, Enoque, Moisés, Elias e outros, a quem foi dito: Estes peregrinos vieram da Cidade da Destruição pelo amor que têm ao Rei deste lugar.

20.2 Então os Peregrinos lhes entregaram, cada um, seu certificado, que haviam recebido no início; os certificados foram levados ao Rei, que, depois de lê-los, disse: Onde estão os homens? Ao que lhe responderam: Es-

tão do lado de fora do portão. O Rei então ordenou que abrissem o portão: "Para que entre a nação justa", disse ele, "que guarda a verdade."

21 Então vi em meu sonho que esses dois homens entraram pelo portão; e eis que, ao entrarem, foram transfigurados e receberam roupas que brilhavam como ouro. Também houve quem viesse ao encontro deles com harpas e coroas e as entregasse a eles: as harpas para louvar, e as coroas como sinal de honra.

21.2 Então ouvi em meu sonho todos os sinos da cidade tocarem de novo de alegria, e lhes disseram: "ENTREM NA ALEGRIA DO SEU SENHOR." Também ouvi os próprios homens cantarem em voz alta, dizendo: "BÊNÇÃO, HONRA, GLÓRIA E PODER SEJAM DADOS ÀQUELE QUE ESTÁ SENTADO NO TRONO E AO CORDEIRO, PARA TODO O SEMPRE."

22 No momento em que os portões se abriram para deixar os homens entrar, olhei para dentro, seguindo-os com os olhos, e eis que a Cidade brilhava como o sol; as ruas também eram pavimentadas de ouro, e nelas caminhavam muitos homens, com coroas na cabeça, ramos de palmeira nas mãos e harpas de ouro para cantar louvores.

23 Também havia entre eles alguns que tinham asas, e respondiam uns aos outros sem parar, dizendo: "Santo, santo, santo é o Senhor." Depois disso fecharam os portões; e, ao ver tudo isso, desejei estar entre eles.

24 Enquanto eu contemplava todas essas coisas, virei a cabeça para olhar para trás e vi Ignorância chegar à margem do rio; mas ele logo o atravessou, sem sequer metade da dificuldade que os outros dois homens haviam encontrado.

24.2 Pois aconteceu que naquele momento estava ali um barqueiro chamado Vã Esperança, que o ajudou a atravessar em seu barco; assim ele, como o outro que eu vira, subiu o monte para chegar ao portão, só que veio sozinho; e ninguém veio ao encontro dele com a menor palavra de encorajamento.

24.3 Quando chegou ao portão, olhou para a inscrição que estava acima e começou a bater, supondo que logo lhe permitiriam entrar; mas os homens que olhavam por cima do portão lhe perguntaram: De onde você veio e o que deseja? Ele respondeu: Comi e bebi na presença do Rei, e ele ensinou em nossas ruas.

24.4 Então lhe pediram seu certificado, para que pudessem entrar e mostrá-lo ao Rei; ele remexeu junto ao peito à procura de um, mas não encontrou nenhum. Então lhe disseram: Você não tem nenhum? Mas o homem não respondeu uma só palavra.

24.5 Assim, contaram ao Rei, mas ele não quis descer para vê-lo; em vez disso, ordenou aos dois Seres Resplandecentes que haviam conduzido Cristão e Esperançoso à Cidade que saíssem, pegassem Ignorância, amarrassem suas mãos e seus pés e o levassem embora. Então o ergueram e o carregaram pelo ar até a porta que eu vira na encosta do monte, e o colocaram ali dentro.

24.6 Então vi que havia um caminho para o inferno até mesmo a partir dos portões do céu, assim como a partir da Cidade da Destruição. Então acordei, e eis que era um sonho.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A CONCLUSÃO

✦

1 Agora, leitor, contei a você meu sonho;
Veja se consegue interpretá-lo para mim,
Ou para si mesmo, ou para seu próximo; mas tenha cuidado
Para não interpretá-lo mal; pois isso, em vez
De fazer o bem, só enganará você mesmo:
Da má interpretação resulta o mal.

2 Tenha cuidado também para não exagerar
Ao brincar com a aparência do meu sonho:
Nem deixe que minha figura ou comparação
Leve você ao riso ou à discórdia.
Deixe isso para meninos e tolos; quanto a você,
Procure ver a essência do que apresento.

3 Afaste as cortinas, olhe por trás do meu véu,
Examine minhas metáforas, e não deixe
De encontrar ali, se procurar, coisas
Que serão úteis a uma mente honesta.

4 Da escória que encontrar ali, tenha coragem
De se desfazer, mas preserve o ouro;
Que importa se meu ouro estiver envolto em minério?—

Ninguém joga fora a maçã por causa do miolo.
Mas, se você jogar tudo fora como algo sem valor,
Talvez isso me faça sonhar outra vez.

Une Sacra · edição 1.2 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0